



MARIA ALCIENE NEVES

**OS BRILHANTES BRUTOS DE MARIA CLARA DA CUNHA
SANTOS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E CULTURA**

Mai de 2009

MARIA ALCIENE NEVES

**OS BRILHANTES BRUTOS DE MARIA CLARA DA CUNHA
SANTOS**

Banca Examinadora

Adelaine LaGuardia

Prof^ª. Dr^ª. Adelainé LaGuardia - UFSJ Orientadora

Constância Lima Duarte

Prof^ª. Dr^ª. Constância Lima Duarte - FALE/UFMG

Maria Ângela de Araújo Resende

Prof^ª. Dr^ª. Maria Ângela de Araújo Resende - UFSJ

Eliana da Conceição Tolentino

Prof^ª. Dra. Eliana da Conceição Tolentino
Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras

MAIO DE 2009



MARIA ALCIENE NEVES

**OS BRILHANTES BRUTOS DE MARIA CLARA DA CUNHA
SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural

Orientadora: Prof. Dra. Adelaine Laguardia Resende

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E CULTURA**

Maio de 2009

A Tácio Oliveira da Silva, por ser o abraço forte nas noites de abandono, o porto seguro daquele barco à deriva, por ser sempre e incondicionalmente as mãos dadas às minhas no infinito de nós dois.

DEDICO.

À Maria – asas que aninham todo o meu ser.

A Antônio – “Nossa Senhora te acompanhe”.

A Carlos Alexandre – silêncio e luz.

À Alcineide – a eterna cumplicidade.

A alvimar – o “raspinha de tacho” mais que querido.

OFEREÇO.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai sempre presente em minha vida...

À Prof. Dra. Adelaine Laguardia Resende, meu sempre renovado agradecimento pela atenção em todas as horas – sobretudo nas mais difíceis; pela orientação segura, e especialmente pelo exemplo de profissional, mãe e mulher.

Aos Professores do Programa de Mestrado em Letras, especialmente a Maria Ângela Araújo, Suelly Quintana, Alberto Tibaji e Magda Velloso por compartilharem conosco os desafios inerentes à construção do saber.

A muito amada Filozinha, pela atenção, cuidado e presteza com que sempre tratou todos nós, alunos do Mestrado.

À equipe responsável pelos setores de Periodismo e Obras Raras da Biblioteca Nacional, como também à Academia Brasileira de Letras pela gentil atenção e por todos os esforços para viabilizar nossa pesquisa nessas instituições.

Aos meus sempre queridos amigos do Mestrado Tatiane, José Carlos, Magna, Maria Cristina, Vilmar, Renato, Marcele, Maria Isabel, Ivan.

As minhas amadas Carina, Renata e Denise, pelo companheirismo, pelo ombro, pela escuta e pelas inesquecíveis gargalhadas.

À Lílian Moreira, pela amizade, presença e apoio constantes e pelas leituras cuidadosas de todos os meus textos, especialmente deste trabalho final.

Às companheiras de república Aline, Camilinha e Rafa, pelos dias de amenidades, pela escuta e pelo convívio familiar.

A Renato, Márcio, Luís, Juninha e Elisa pela boa vizinhança.

À Ofélia e Aniele, sempre muito queridas, muito presentes, muito prestativas. Muito obrigada pelos risos, lágrimas e sonhos compartilhados.

A Daiana Bressan, pela gentil hospitalidade no Rio de Janeiro.

Aos meus amigos pernambucanos, baianos, mineiros, que sempre me apoiaram na trajetória desta pesquisa. Sem eles, tudo teria sido bem mais difícil.

Aos queridos Jeanne, Heleniara, Sirlei, Crístia e Denise, pela torcida carinhosa.

Aos meus alunos e ex-alunos, afetuosamente, pelos desafios diários.

À Clarice e José Carlos (meus sogros) pela acolhida em sua casa no momento da finalização deste trabalho.

Por fim, agradeço a *Capes*, pelo subsídio concedido a esta pesquisa.

RESUMO

Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas, 18 de novembro de 1866 – Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1911) foi umas das importantes mulheres que figuraram no cenário do periodismo feminino em fins do século XIX. Transitando por vários gêneros, entre eles poesia, contos, crônica, cartas e conferências, essa mulher de múltiplos talentos deixou-nos uma significativa produção bibliográfica, três livros publicados, uma conferência e uma infinidade de textos em diversos jornais do *fin-du-siècle*. Neste trabalho, aproximamo-nos mais detidamente das crônicas e dos contos de Maria Clara publicados na coluna “Carta do Rio”, presente em *A Mensageira*, revista literária que circulou em São Paulo entre os anos de 1898 e 1899. Assim sendo, o trabalho tem por natureza a pesquisa em fontes primárias. A partir de um levantamento de dados junto à Biblioteca Nacional, procedeu-se a uma catalogação dos seus textos, onde se privilegiaram as crônicas. Para pensar esse gênero, nos servimos principalmente das contribuições de Antonio Candido e Marlyse Meyer; já para os contos, buscamos suporte em Afrânio Coutinho e Nádya Gotlib. Como a produção da escritora ainda não foi contemplada pela historiografia e pelos estudos literários, seus textos representam um importante legado da memória cultural para os Estudos Culturais. Sua produção constitui um espaço fronteiro e híbrido em que a autora exercita, através da leveza e do humor, o gênero “dito menor” das letras brasileiras, a crônica.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Clara da Cunha Santos, Crônica, Conto, Imprensa feminina.

ABSTRACT

Maria Clara da Cunha Santos (November 18, 1866, Pelotas - October 18, 1911, Rio de Janeiro) has been regarded as one of the most important women who took part in the feminist periodism scenery in the late nineteenth century. In her writings she explored different genres such as poetry, short stories, chronicles, letters and conferences. This multi-talented woman left a significant bibliographical production, three published books, a conference and a huge amount of texts published in various newspapers in the *fin-du-siècle*. In this work, we concentrate on the analyses of her short stories and chronicles published in a column named “Carta do Rio” which was part of a literary magazine called *A Mensageira* that circulated in São Paulo between 1898 and 1899. In this way the research was based mainly on primary sources. Firstly, a survey was carried out at the National Library to collect the data, then, after cataloguing her texts, great emphasis was given to the chronicles. To reflect on this genre, we took into account mainly Antonio Candido’s and Marlyse Meyer’s theoretical considerations concerning the genre chronicles; on the other hand, to reflect about the short stories Afrânio Coutinho’s and Nádía Gotlib’ s works were considered. Maria Clara’s production has not yet received due consideration either by historiography or by the literary studies. However, her texts are considered an important legacy of cultural memory for Cultural Studies. Maria Clara’s work constitutes a hybrid and borderline space in which this writer exercises her skill in the chronicle through light humor, exploring a genre which is usually considered minor in the Brazilian letters.

Key Words: Maria Clara da Cunha Santos, chronicles, short stories, feminist press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – MULHERES, IMPRENSA, ARQUIVOS	
1.1	Sons Silenciados e Esquecidos: Itinerários dos Estudos Feministas e da Pesquisa em Arquivos 22
1.2	A Mulher na Imprensa Oitocentista 28
1.3	Maria Clara e <i>A Mensageira</i> : As Vias de um Feminismo Moderado 36
CAPÍTULO II – OS BRILHANTES BRUTOS DE MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS	
2.1	Do Rez-de-chaussée: O Feuilleton e o Entre-lugar do cronista 46
2.2	A Guardiã do Tempo: A Crônica no Brasil do Século XIX 49
2.3	<i>Chronos</i> e o Novo Proteu: A Construção de um Projeto Literário 54
2.4	“Carta do Rio”: A Escrita Cronística de Maria Clara 59
2.4.1	De Repente, Crônicas. 61
2.4.1.1	“Segredos em boca de mulher” – tons de reflexão 62
2.4.1.2	Comportamento: traição, amor e vaidade 68
2.4.1.3	O Trágico como elemento da crônica 72
2.4.1.4	Os “Bonds”, as onças e o progresso 73
2.4.1.5	E assim se fez o riso... 75
2.5	Da Crônica ao Conto 77
CONSIDERAÇÕES FINAIS 90	
BIBLIOGRAFIA DO CORPUS 95	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95	
BIBLIOGRAFIA GERAL	100	
SITES CONSULTADOS	103	
APÊNDICES		
TABELA 1.0	Catálogo completa dos textos da seção “Carta do Rio”, publicados no periódico <i>A Mensageira</i> (1897-1899)	104
TABELA 2.0	Catálogo dos textos de Maria Clara publicados no periódico <i>A Família</i> (1889-1891)	114
TABELA 3.0	Catálogo dos textos de Maria Clara publicados no periódico <i>Rua do Ouvidor</i> (1898-1904)	118
TABELA 4.0	Catálogo das crônicas de Maria Clara encontradas em <i>A Mensageira</i> (1897-1899)	120
TABELA 5.0	Catálogo dos contos de Maria Clara encontrados em <i>A Mensageira</i> (1897-1899)	122
ANEXOS		
ANEXO I	Fotografia de Maria Clara da Cunha Santos	123
ANEXO II	Transcrição das crônicas de Maria Clara da Cunha Santos publicadas em <i>A Mensageira</i>	124
ANEXO III	Transcrição dos contos de Maria Clara da Cunha Santos publicados em <i>A Mensageira</i>	143

Mera luz que invade a tarde cinzenta
E algumas folhas deitam sobre a estrada
O frio é o agasalho que esquentava
O coração gelado quando ventava
Movendo a água abandonada
Restos de sonhos sobre um novo dia
Amores nos vagões, vagões nos trilhos
Parece que quem parte é a ferrovia
Que mesmo não te vendo te vigia
Como mãe, como mãe que dorme
olhando os filhos
Com os olhos na estrada
E no mistério solitário da penugem
Vê-se a vida correndo, parada
Como se não existisse chegada
na tarde distante, ferrugem ou nada.

(Djavan)

INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2006, ao ingressar no curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del Rei, tive a oportunidade de fazer parte do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Gênero e Sexualidade (GEIGS), no âmbito do qual se realizava a pesquisa intitulada *Gênero e Memória Cultural: A Mulher e o Sonho da República em Acervos do século XIX*. Esse projeto contou com o financiamento do CNPq e esteve sob a coordenação da prof.^a Dr.^a Adelaine LaGuardia, minha orientadora.

Na ocasião, trabalhamos com o periódico *O Mentor das Brasileiras* (1829 -1832), tendo feito algumas publicações a partir do material pesquisado. Em seguida, minha orientadora me apresentou a revista literária *A Mensageira* (1897-1899) e a partir de então, através de várias conversas, chegamos à constatação de que uma pesquisa voltada para a produção da escritora Maria Clara da Cunha Santos viria a preencher uma lacuna nos estudos feministas brasileiros. A importância de estudá-la nos pareceu evidente, uma vez que foi mulher de múltiplos talentos e deixou um significativo legado literário, fazendo parte do rol de escritoras brasileiras que atuaram na imprensa do século XIX.

A segunda metade desse século representa, especialmente na região sudeste do Brasil, um momento de transformações políticas e econômicas provocadas, sobretudo, pelo abolicionismo e pela política republicana. Com a multiplicação das estradas de ferro, as relações comerciais e culturais entre Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo ganham um novo impulso.

Segundo informa Leonora de Luca, em *A Mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira* (1999), à época, os intelectuais brasileiros, em sintonia com o que ocorria fora do país, inspiravam-se nas idéias iluministas, no socialismo utópico e no positivismo, e sua atuação procurava efetuar o aprofundamento das transformações sociais sugeridas por essas correntes filosóficas. Nesse contexto, a imprensa consistia num dos mais importantes veículos de comunicação e reflexão, e os jornais passaram a representar um

espaço importantíssimo de discussão e de propagação de idéias. É ainda no século XIX que as mulheres começam a colaborar na imprensa e a reivindicar maior espaço na esfera pública.

Muitos foram os periódicos que tiveram como público-alvo as representantes do “belo sexo”. A maior parte deles tinha o objetivo de instruí-las sob o viés de um discurso moralizante, pautado na construção modelar da mulher e da pátria. No entanto, as mulheres também tomam “as rédeas” e passam a ocupar cada vez mais espaço nessa narrativa.

Um dos periódicos da época foi *A Mensageira*, revista literária publicada em São Paulo durante os anos de 1897 e 1899. Sob a ótica da Teoria Sociológica e História do Pensamento, De Luca (op. cit.) realiza uma leitura do periódico em questão, objetivando proceder à caracterização dos conteúdos político-ideológicos subjacentes aos escritos do grupo de mulheres reunidas em torno da revista. A autora destaca em sua análise a figura de Presciliana Duarte de Almeida, diretora da revista. As demais colaboradoras também são mencionadas, porém não há uma análise mais aprofundada em relação a elas.

Há ainda outro texto, fruto de dissertação de mestrado, intitulado *Mulheres e literatura na revista: A Mensageira (2000)*, escrito por Elaine Cuencas Santos, que descreve de forma minuciosa a caracterização material da revista e reflete sobre a presença feminina na imprensa brasileira. Dentre as mulheres que colaboraram nessa revista, interessa-nos particularmente, como já referimos, a jovem senhora Maria Clara da Cunha Santos. Sobre esta, Eliane Vasconcelos dedica um texto, no livro intitulado *Escritoras Brasileiras do século XIX (2004)*. Esse trabalho pioneiro teve o grande mérito de reunir, a partir de uma gama de dados dispersos nos arquivos da história, valiosas informações biobibliográficas sobre a autora, que se revelaram imprescindíveis ao direcionamento desta pesquisa.

Pensar a atividade das mulheres no periodismo brasileiro é relevante porque, de forma geral, a participação feminina, por muito tempo, inexistiu nos registros

oficiais da história. Isso pode ser constatado através do estudo recentemente realizado por Cristiane Costa - *Pena de aluguel: jornalistas e escritores no Brasil* (2005) - em que a autora realiza uma leitura sobre a atividade jornalística no século XX. Com o intuito de traçar uma história comparada da literatura e da imprensa brasileiras, sua pesquisa foi dividida em cinco períodos, concentrando-se em seus principais representantes.

O primeiro desses períodos diz respeito aos primórdios do livro e do jornal, abrangendo os anos de 1808 a 1830, momento em que o Brasil inicia a atividade de editoração, publicando seus primeiros jornais e livros. Num segundo momento (1840-1910), a autora narra a transição do reinado da república dos “homens” de letras, apontando como principais personagens José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Lima Barreto e João do Rio.

Logo em seguida, Costa discute a era da modernização, ocorrida entre 1920 e 1950, destacando nomes como Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Érico Veríssimo.

No quarto momento, sustenta que, de 1960 a 1980, houve um *boom* da ficção feita por jornalistas no Brasil. Inclui o que considera como *quase todos os ficcionistas e boa parte dos poetas do período: Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar, Paulo Francis, Carlinhos Oliveira, João Antônio, Caio Fernando Abreu, Ivan Angelo, Luis Vilela, Roberto Drummond, Ignácio de Loyola Brandão, José Louzeiro e Antônio Torres*. E acrescenta: *para ficar só entre os principais.*(op.cit., p. 12)

Enfim, sobre o período que vai de 1980 a março de 2004, Costa demonstra o descarte da experiência de real, tradicionalmente fornecida pela imprensa. Os escritores que trabalham em jornais se afastarão das editorias de *hard news*, como Política e Assuntos Gerais, e irão preferir as editorias de cultura,

vinculando-se diretamente ao mundo intelectual e ao meio editorial. Ainda segundo a autora:

Vale explicar que só considerarei jornalistas aqueles que efetivamente trabalham na imprensa como repórteres, redatores e editores, assim como escritores apenas os que trabalham com a imaginação, produzindo ficção ou poesia. Não estão incluídos colunistas e cronistas, nem escritores de não-ficção, autores de biografias, grandes reportagens, ensaios. (COSTA, 2005, p. 13)

Isso evidencia que tanto a figura da mulher, completamente ignorada nesse painel que a autora traça da imprensa e de seus representantes considerados ilustres, como também o gênero textual crônica são postos à margem da historiografia. Como exemplo disso, observamos que, junto ao apagamento da enorme contribuição jornalística deixada por Maria Clara, a historiografia brasileira relegou ao silêncio a produção de outras tantas intelectuais contemporâneas dessa escritora, entre elas Carmem Dolores, Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida, Josefina Álvares de Azevedo, dentre outras.

Ao propor uma pesquisa intitulada “Os Brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos”, busco uma reflexão sobre essa mulher esquecida pela história, bem como sua atividade enquanto escritora, especialmente de crônicas e contos. Para tanto adoto a pesquisa em fontes primárias como metodologia. Esclareço que a referência aos brilhantes brutos é tomada de empréstimo ao título de um dos contos de Maria Clara, cuja ressonância indica em princípio o potencial oculto da produção dessa mulher para a literatura brasileira, que a presente pesquisa se propõe a resgatar e trazer à luz.

Uma vez que a metodologia envolve a pesquisa em fontes primárias, faz-se necessário ponderar sobre os pressupostos que articulam esse tipo de abordagem. Jacques Derrida, em *Mal de arquivo* (2001), afirma que a origem da palavra arquivo vem de *arkheîon*, a morada dos arcontes, portanto, o lugar da lei que estes não só guardavam, mas interpretavam. Assim sendo, os documentos *não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma topologia privilegiada*, decidida politicamente por quem detém a autoridade (2001, p. 13). O

arquivo, espaço de unificação, identificação e classificação, não existiria sem essa função "arcôntica", que não é só "topo-nomológica", mas se alega o "poder de consignação". Aí reside o mal dos arquivos: sendo homogeneizados, com a documentação vista em termos de matéria bruta, tornam-se excludentes e repressivos, manipulando a memória e limitando a interpretação dos vestígios que apresentam. Os arquivos podem ser dissimulados, destruídos, interditados, desviados, facilitando o exercício de poder sobre os documentos, e nem sempre lhes facultando o acesso.

Michel Foucault, em *Arqueologia do saber* (1997), sob a perspectiva do discurso, assevera que o arquivo não é o que se retira a poeira dos significados, permitindo o ressurgimento de documentos, mas é um modo de atualidade do enunciado, um sistema de seu funcionamento. O arquivo é um sistema de enunciados, porém, não é descritível em sua totalidade, somente em fragmentos, regiões e níveis, pois o tempo que dele nos separa acaba por elucidar a alteridade, o distanciamento e a diferença.

Diferentemente de Simônides¹, o fundador da arte da memória - segundo a qual seria possível colocar as lembranças em lugares exatos e tirá-las de lá quando necessário - e dos aedos e rapsodos da Antiga Grécia, que se diziam capazes de rememorar fidedignamente o passado - o estudo em fontes primárias exige materialidades sobre as quais o pesquisador se debruça a fim de construir significações diversas.

¹ Conta a lenda que o poeta grego Simônides foi convidado pelo rei Céos a fazer um poema em sua homenagem. O poeta dividiu o poema em duas partes: na primeira, louvava o rei; na segunda, os deuses Castor e Polux (divindades protetoras dos marinheiros e viajantes). Num banquete oferecido pelo rei, Simônides leu o poema, depois pediu pagamento por ele. Como resposta, o rei disse-lhe que pagaria apenas metade e que a outra parte, o poeta fosse cobrar aos deuses Castor e Polux. Pouco depois, um mensageiro aproximou-se de Simônides dizendo-lhe que dois jovens o procuravam do lado de fora do palácio. Ao sair para encontrá-los, não viu ninguém. Enquanto estava no jardim, o palácio desabou e todos morreram. Castor e Polux, os dois jovens que fizeram Simônides sair do palácio, salvando o poeta, pagaram o poema. As famílias dos demais convidados desesperaram-se porque não conseguiam reconhecer seus mortos. Simônides, porém, lembrava dos lugares e das roupas de cada um e pôde ajudar na identificação dos mortos.

No sentido de voltar o olhar sobre o periodismo, numa perspectiva a contrapelo, nossa leitura sobre Maria Clara partirá da investigação de suas crônicas. A escolha desse gênero textual justifica-se pelo fato de o mesmo predominar nas produções da escritora. Além disso, é notória, como já foi mencionada, a posição marginal ocupada pela crônica. Segundo Antonio Candido, em “A vida ao rés-do-chão”, *a crônica não é um “gênero maior”*. *Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas* (1992, p. 13). Assim sendo, parece-nos que a posição marginal desse gênero comunga com a posição igualmente marginal da mulher enquanto intelectual na conjuntura do século XIX.

Outra questão de destaque diz respeito ao caráter híbrido da crônica. Nas produções da escritora em questão, percebemos o caráter múltiplo e plural de tal gênero. Eduardo Portela, em *Visão prospectiva da literatura brasileira* (1979), afirma que a crônica é caracterizada por uma desestrutura: a ambigüidade é a sua lei. A crônica tanto pode ser um conto, como um poema em prosa, um pequeno ensaio, como as três coisas simultaneamente. Os gêneros literários não se excluem: incluem-se.

Em seu ensaio “O Narrador” (1993), Walter Benjamin discorre sobre a crônica do passado, cuja função era a de historiar, transmitir com fidedignidade um tempo que estava sendo vivido ou, então, que se mostrava nos documentos recentes. Assim, o autor afirma, como marca essencial desse gênero, o tempo presente, que funcionaria como apoio para a observação e para o trabalho. Essa era a tarefa dos cronistas num momento da história em que não existiam jornais e era tarefa dos reis zelarem pela memória dos acontecimentos importantes.

Com o surgimento da cultura de periódicos, essa memória passa a ser cuidada tanto por homens quanto por (poucas) mulheres de letras. Ao realizar um panorama sobre os contornos da imprensa periódica feminina, suas representações e configurações, Dulcília Buitoni, em *Imprensa Feminina* (1990), menciona algumas mulheres que realizaram a atividade periódica no Brasil,

dando-nos mostras das relações políticas, ideológicas e culturais que perpassavam o mundo das representantes das letras brasileiras. Para esta autora:

A imprensa feminina é um campo que merece ser explorado, é preciso, primeiro, começar a perceber o que ela representa no mundo atual, jamais resumindo-a a receitas culinárias e contos de amor. Suas funções não são transparentes, não visam apenas conselhos práticos ou lazer. No espelho da imprensa feminina as imagens e as verdades são muitas. (BUITONI, 1990, p. 5)

Assim, buscamos, neste trabalho, analisar a produção de Maria Clara da Cunha Santos no que concerne aos pressupostos estético-formais que passaram a constituir seus textos. Pretendemos, também, observar seu posicionamento ante as transformações políticas, sociais e culturais do final do século XIX, através das crônicas e dos contos presentes na coluna “Carta do Rio”, da revista literária *A Mensageira*.

Os demais gêneros presentes nessa seção também foram catalogados e constam nos anexos deste trabalho, assim como a catalogação de toda a produção em prosa desta autora, realizada junto à Biblioteca Nacional. Uma vez que tínhamos a necessidade de escrever a dissertação no período de um ano, achamos por bem não proceder à análise dos demais gêneros e somente realizar seu levantamento, visto que a análise desse *corpus* bastante extenso demandaria maiores incursões teóricas, como bem demonstram os anexos. No entanto, isso permitirá a futuros pesquisadores a realização de novas investigações.

Nesse sentido, a visita à Biblioteca Nacional e à Academia Brasileira de Letras foi de grande relevância para nossa pesquisa. Cada pista encontrada num microfilme ou num manuscrito era motivo de comemoração. Difícil não perder o foco ante a quantidade de informações interessantes sobre outras histórias que não constituíam objeto da nossa pesquisa. Tecia-se, assim, parte da vida da poetisa, cronista e pintora, Maria Clara da Cunha Santos.

Recolhidos os produtos das leituras, a viagem prosseguiu pela História da Imprensa Brasileira. E qual não foi nossa surpresa ao constatar que a história oficial relegara ao esquecimento (apagamento?) a memória de todas aquelas mulheres que lá estavam sob a poeira dos arquivos nacionais. Felizmente, à margem dessa leitura dita “oficial” sobre a imprensa, algumas estudiosas realizaram um trabalho de preenchimento dessa lacuna.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “Mulheres e Imprensa”, apresentaremos um panorama sobre os momentos mais importantes da mulher na imprensa oitocentista. Através dele, seguimos ainda os itinerários dos estudos feministas, vendo-os como importante fonte para o questionamento sobre o lugar da mulher enquanto *constructo* social, percebendo o silenciamento de suas “vozes” e o resgate das produções femininas ainda desconhecidas.

Dentre os periódicos apontados no panorama da imprensa feminina, detemo-nos, de forma mais precisa, sobre a revista literária *A Mensageira* (1897-1899). Foi nesse periódico que Maria Clara desenvolveu um trabalho mais consistente enquanto colunista. Era na seção “Carta do Rio” que a autora exercitava seu trabalho de cronista da Corte. No subtítulo “Maria Clara e *A Mensageira*: As Vias de um Feminismo Moderado”, somos convidados a conhecer um pouco mais sobre a proposta da revista em questão, como também sobre a vida da escritora e sua posição ideológica. Ainda neste capítulo, apresentaremos uma entrevista de Maria Clara concedida ao *Almach do Paiz* (1910), onde a autora reflete sobre diversas temáticas como divórcio, educação e feminismo.

É a investigação da atividade nos periódicos, tanto naqueles redigidos por homens quanto em outros produzidos por mulheres, que nos leva ao encontro da crônica, um dos gêneros mais instigantes (dado o seu caráter escorregadio) das letras brasileiras. Assim, no segundo capítulo deste trabalho, intitulado “Os Brilhantes Brutos de Maria Clara da Cunha Santos”, damos continuidade a nossa viagem, refletindo sobre o espaço ocupado pela crônica nos jornais dos Oitocentos, bem como sobre a dificuldade de se conceituar um gênero de caráter

tão híbrido. Assim sendo, procuramos apontar certos pressupostos teóricos baseados nas produções de alguns homens do século XIX que se aventuraram nesse tipo de escrita.

Em seguida, tratamos de verificar como se construiu o projeto literário de Maria Clara da Cunha Santos, quais eram suas características e temáticas. Para tanto, realizamos uma catalogação, como já referido, de todos os textos encontrados na seção “Carta do Rio”. Para o presente trabalho, selecionamos trinta crônicas, as quais foram didaticamente agrupadas em temáticas como: comportamento, reflexão, tragédia, progresso e humor. Além das crônicas, catalogamos também doze contos. A escolha desse gênero para complementar a discussão sobre a escrita clariana deve-se ao fato de o mesmo representar, na produção da escritora, um momento de transição e talvez de amadurecimento.

Neste capítulo, tomamos como ponto de partida os textos que se configuram como crônica e aqueles que parecem marcar uma transição da crônica para o conto. Como exemplo destes, selecionamos doze textos; e daqueles, trinta. De forma geral, as crônicas de Maria Clara não são intituladas, por essa razão optamos por numerá-las, levando-se em consideração a ordem cronológica em que aparecem na revista *A Mensageira*. É preciso sublinhar que o nosso propósito neste trabalho - dada a imposição de se realizar essa extensa pesquisa, como bem atestam os anexos, no período de um ano - não foi o de realizar uma análise pormenorizada dos textos coletados, mas investigar nesses textos delineamentos temáticos que pudessem nortear a caracterização estético-formal da escrita clariana. Assim, as incursões realizadas cumprem o nosso objetivo e abrem caminho para outras possibilidades de investigação em pesquisas futuras.

Alguns aspectos parecem ser recorrentes nos escritos de Maria Clara. Muitos deles evidenciam uma “moralização ingênua”, própria dos contos maravilhosos, uma tímida ironia, um humor leve e um lirismo que se insinua. Para facilitar a leitura desses textos, propusemos uma tipologia por temáticas de caráter didático (tabela 4). Não há, entretanto, pretensão de que seja uma classificação definitiva,

uma vez que as temáticas são bastante fluidas e os textos podem “bailar” por entre elas. Essa divisão se justifica, no entanto, pelo fato de algumas produções promoverem uma espécie de reflexão, enquanto outras discutem comportamentos. Há ainda os que se utilizam de algum elemento trágico², os que refletem sobre o progresso e a idéia de civilização, sem falar daqueles que trazem “pitadas” de humor em seu veio.

Dessa forma, a partir da proposta de catalogação já referida, passeamos pelas mais diversas temáticas que recobrem as crônicas de Maria Clara para, assim, tentarmos visualizar as marcas mais recorrentes em suas produções.

A apresentação que aqui se faz da obra dessa escritora quase que totalmente desconhecida da crítica literária ou, ao menos, desprivilegiada por ela, evidencia a importância dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas no resgate da memória e na preservação de um patrimônio cultural ligado especificamente à experiência das mulheres. Maria Clara, mesmo sob um discurso moderado, representa um avanço significativo no que diz respeito à participação das mulheres na imprensa do século XIX – instrumento de divulgação do pensamento feminino e espaço de exercício literário. Os textos dessa cronista são bastante reveladores, uma vez que sinalizam para a ideologia, o discurso e as práticas de uma época marcadamente misógina, em que os “homens das letras” eram os detentores do poder.

² *Que traz a morte ou desventuras, calamitoso, sinistro, funesto; que infunde medo ou terror* (HOUAISS, 2001).

CAPÍTULO I – MULHERES E IMPRENSA

1.1 SONS SILENCIADOS E ESQUECIDOS: ITINERÁRIOS DOS ESTUDOS FEMINISTAS

Ao nos determos sobre a historiografia oficial, marcadamente masculina, uma vez que quase sempre representou a voz e o olhar do suposto “sexo forte”, podemos perceber que há muito se tem omitido a importância da participação das mulheres no processo de desenvolvimento histórico. Predomina nesse processo, de diversas formas, o silenciamento das vozes femininas, violentando-se, freqüentemente, os seus direitos civis e políticos.

Recuperar os sons dessas vozes silenciadas ou esquecidas exigirá, por um lado, que busquemos os vestígios de sua atuação em documentos, como os registros jurídicos e paroquiais, os textos legais, a imprensa e os textos escritos por homens, nos quais as mulheres são representadas. Por outro lado, deve-se investigar o seu esquecimento histórico através da escuta da voz feminina em contraponto à masculina. Utilizando-nos das palavras de Ana Lúcia Almeida Gazzola , em seu texto “Mulheres à deriva: viajantes anglo-americanas no Brasil” (1995), afirmamos que tal trabalho de recuperação implicará:

Discutir as representações da mulher elaboradas ao longo dos tempos, tanto por homens quanto por mulheres, compreendendo-as, em sua natureza relacional às representações do homem, como constructos ideológicos formulados através da linguagem, formados pelo discurso. (GAZZOLA, 1995, p. 5)

O poder e a posição masculina no espaço público e privado sempre foram muito bem marcados culturalmente. Apesar de as mulheres das camadas privilegiadas da sociedade serem coroadas como rainhas (do lar), à imagem de Maria, mãe de Jesus Cristo, devendo, portanto, ser exemplos de retidão, abnegação e obediência, a verdade é que elas “reinavam, mas não governavam”. Então, tanto na sociedade, quanto na intimidade do lar, eram apenas sombras dos seus senhores. Ao menos, era esse o constructo masculino de mulher ideal.

Se pensarmos no contexto de todo o século XIX, perceberemos que ele foi palco de muitas transformações: a consolidação do capitalismo, a urbanização que instaurava novas formas de relações sociais, a ascensão da burguesia e a “importação” de uma mentalidade burguesa que organizará as estruturas familiares, além do *fin du siècle* marcando a transição do Império para a República. Diante disso, vale a provocação: onde estava a mulher? Qual o papel desempenhado por ela na consolidação dessas transformações? É preciso reiterar as palavras de June Hahner, em sua obra *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*:

Em lugar de perguntar qual foi o papel das mulheres em determinado movimento, devemos indagar que luz aquelas atividades irradiaram sobre os papéis das mulheres; do contrário, a maioria das mulheres são definidas como marginais à história. (HAHNER, 1981, p. 16).

Conforme Joan Scott, “Prefácio a Gender and Politics of History” (1994), a história social, ao se utilizar da idéia de que a experiência objetiva surge como reflexo das categorias de identidade, parecia endossar as visões pré-estabelecidas sobre o papel das mulheres. Assim, aceitando que as representantes do “sexo frágil” têm características que lhes são inerentes e identidades objetivas consistentes e diferentes das masculinas, gerando interesses marcadamente femininos, os *historiadores deixam (deixavam) implícito que a diferença sexual é um fenômeno natural e não social* (SCOTT, 1994, p.15-16).

A aceitação de uma visão positivista da história pode ter contribuído para a sustentação das idéias usadas para justificar a discriminação contra as mulheres. Já que a diferença sexual era “legitimada” pela natureza, sendo considerada, dessa forma, inalterável, as hierarquias advindas das distinções entre os gêneros construíam a narrativa sobre o papel da mulher na sociedade e na família e justificavam a distribuição desigual de poder que regia os mecanismos sociais. Assim, os símbolos culturais, ou as imagens coletivas, detinham (ou eram detidos por) um discurso totalizante. Ou seja, num trocadilho, os símbolos culturais

detinham um discurso totalizante, mas ao mesmo tempo o discurso totalizante “manipulavam/detinham” os símbolos culturais.

Todavia, segundo reflexão da própria Scott, a história deve não mais se ocupar do que aconteceu a homens e mulheres e de como eles e elas reagiram a isso, mas pensar como *os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidade foram construídas*. (op.cit., p. 19). Ao criar uma rede de significados, a história funciona como organizadora do saber sobre o mundo. Nesse sentido:

A forma que o saber tem tomado – a notável ausência ou a subordinação das mulheres nas narrativas sobre a ‘marcha da civilização’, sua particularidade em relação ao Homem Universal, seu confinamento em pesquisas sobre o doméstico e o privado – indica uma política que define e reforça prioridades, reprime certos temas em nome da maior importância de outros, naturaliza certas categorias e desqualifica outras. (SCOTT, 1994, p. 24-25)

Mary Louise Pratt, em “Mulher, Literatura e Irmandade nacional” (1994), lembra-nos o quanto a República burguesa, especialmente, foi repressiva na representação da mulher como sujeito histórico, político e cultural, trazendo-a no limbo da exclusão e da domesticação, uma vez que a legítima esfera feminina era reduzida a casa. São considerados domínios originalmente masculinos o serviço militar e as eleições, os quais representam os instrumentos mais importantes na produção da “comunidade imaginada” a que se refere Benedict Anderson, no texto *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo* (1991). Às mulheres era delegada a maternidade republicana. Em outras palavras, cabia-lhes, no discurso burguês, o papel de produtora de cidadãos, através da educação dos filhos.

A consolidação dos discursos sustentados em torno da nação respaldou-se no surgimento da cultura impressa, uma vez que esta também se abria à participação feminina. Mesmo que de forma desigual, a integração das mulheres da elite ao mundo das letras se deu ao mesmo tempo em que, como afirma Jean Franco, em “Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional” (1994),

reportando-se ao contexto mexicano, a *intelligentsia* se dedicava à educação das mães para que nelas *instilasse o patriotismo, a ética do trabalho e a crença no progresso nas novas gerações* (op.cit., p. 102). Ainda segundo a autora, as oportunidades didáticas abertas pelos periódicos possibilitaram que a *intelligentsia* progressista “proporcionasse” um mínimo de educação às mulheres.

No Brasil não foi diferente. No início do século XIX, muitos foram os redatores que se serviram pedagogicamente dos seus jornais. Influenciados pela política do Liberalismo e pelas Luzes europeias, procuravam instruir as representantes do “belo sexo”. Concordamos com a afirmativa da autora:

As mulheres eram cruciais para a comunidade imaginada na condição de mães dos novos homens e guardiãs da vida privada, a qual a partir da independência, era cada vez mais tida como um refúgio do turbilhão político. Dois aspectos da recodificação de gênero merecem atenção especial: a elaboração de um território de decência e estabilidade doméstica, do qual foram expulsos todos os elementos baixos, e o deslocamento do religioso para o nacional, que uma vez mais fez da “pureza” uma responsabilidade das mulheres. (FRANCO, 1994, p. 101)

Ao problematizar a representação romântica da identidade brasileira do século XIX, período formativo da identidade nacional, Terezinha Schmidt, em “Mulheres reescrevendo a nação” (2000), aponta para a exclusão da autoria feminina nesse processo. Segundo ela:

As figuras do pensador, do crítico e do escritor definiam o lugar do sujeito que fala em nome da cultura, da cidadania e da hegemonia a partir de uma lógica conjuntiva e horizontal, de cunho universalista, em sintonia com a racionalidade progressista da coesão social em que se pautava a concepção de nação moderna. (SCHMIDT, 2000, p. 84)

Assim, seguindo a lógica de uma identidade que se constrói a partir de similaridades, houve no século XIX um esforço para se estreitar os laços entre literatura e identidade nacional. A partir de então, cabe à elite intelectual elaborar uma narrativa capaz de traduzir o novo momento vivido pelo país. Narrativa esta que refletisse a independência política e a necessidade de singularizar a nova nação do ponto de vista cultural: *Construir a nação significava construir uma*

literatura própria, começando pela demarcação de sua história, conforme princípios de seleção e continuidade que pudessem sustentar um acervo de caráter eminentemente nacional. (SCHMIDT, op. cit., p. 85)

À medida que a literatura passa a ocupar o lócus de onde emanam as narrativas responsáveis por “estabelecer” uma memória nacional, surgem os legitimadores desse “fazer” e “dizer” literários. A saber, aqueles que formam o cânone, monumento da memória coletiva oficial, que, ao representar a instituição literária e suas bandeiras político-ideológicas, “apagam” tudo que não pertença ou não reproduza as normatizações do discurso instituído por esse *corpus*. Dessa forma, a *mise en scène* cabe aos homens das letras: Alencar, Gonçalves Dias, Taunay, dentre tantos outros. Schmidt lembra então o trabalho de duas mulheres escritoras do século XIX, Ana César e Júlia Lopes de Almeida, ausentes da historiografia literária brasileira. Mais uma vez, tem-se o silêncio das vozes femininas.

A vertente que trata dos estudos feministas tem como propósito resgatar as produções do que Walter Benjamin chama de o eco das vozes que emudeceram. No contexto do século XIX, há uma demanda por um *status* da atividade das mulheres e pela legitimação dos papéis desempenhados por elas. Uma vez marginalizadas pelos nichos de autoridade masculina, resgatar essa memória não é um trabalho fácil para os estudos feministas. É tarefa árdua desconstruir para reconstruir. Novamente, salta aos nossos olhos a importância dos arquivos que guardam essas histórias a serem (re)escavadas.

O passado não se permite à reconstrução de maneira fácil, especialmente quando se trata da realização de um estudo da mulher, uma vez que, além da visão tradicional sobre elas como um “segundo sexo” e, portanto, um desvio daquele que é dominante, o masculino, ainda há toda a diversidade de camadas e classes sociais a que pertenciam. Um trabalho que dê conta de toda essa amplitude exige uma revisão profunda das teorias de periodização da história oficial. Como afirma

Hahner, *a história das mulheres desilude-nos da noção de que a história da mulher seja a mesma que a história dos homens*. (1981, p. 21)

Ocorre que, nos Oitocentos, os papéis delegados a homens e mulheres eram, no mínimo, “indecorosos”. Para ilustrar apenas um aspecto desse quadro, pode-se atentar para o fato de que não era concedido às mulheres o direito à alfabetização. Basta lembrar que a primeira legislação brasileira autorizando a criação de escolas públicas para meninas data de 1827. Vale acrescentar, ainda, que apenas uma minoria privilegiada pôde se valer desse direito. A partir daí, cabe refletir sobre o funcionamento da engrenagem social. Os primeiros mecanismos de controle social se deram, a nosso ver, através da detenção do poder adquirido a partir das letras.

Com a luta das mulheres pela educação, promovida inclusive pelos defensores das idéias ilustradas, é que começam a ser forjadas as pré-condições para as mudanças no campo político e social. Para esse fim, ao divulgar novas idéias e propagar as experiências individuais, a imprensa teve relevância absoluta. Com enorme dificuldade e paulatinamente, algumas mulheres começavam a publicar, outras a se inserir no mercado de trabalho dominado pelos homens, quebrando assim barreiras aparentemente intransponíveis a sua inserção definitiva na esfera pública. Segundo Hahner, os movimentos pelos direitos da mulher:

Tendem a definir, mais estritamente, a emancipação das mulheres como sendo a conquista dos direitos legais, como ocorreu nos Estados Unidos no final do século XIX. No Brasil do início do século XX, como nos Estados Unidos, o movimento pelos direitos da mulher coincidiu em parte com o movimento sufragista, um aspecto específico do que deveria ser visto como uma luta mais ampla. Os movimentos pelos direitos da mulher estão condicionados a uma classe de mulheres cultas que dispunham de algum lazer. Mas a natureza de cada movimento depende de circunstâncias históricas. (HAHNER, 1981, p. 25)

O Rio de Janeiro, enquanto capital do Império, centro cultural e intelectual do país, foi palco dos primeiros sentimentos feministas. Foram as mulheres das classes mais abastadas as responsáveis pelas incipientes manifestações em torno dos direitos femininos. Era na Corte que fervilhavam, através dos jornais,

suas idéias e propostas. Havia, então, um diálogo permanente entre as representantes do sexo feminino de diferentes lugares do país. Através dos seus escritos, elas discutiam os papéis que lhes eram atribuídos pelos homens, usavam como argumento de autoridade mulheres do cenário nacional e internacional que, aos poucos, estabeleciam novos modelos de comportamento, e, assim, incitavam outras mulheres a participar da luta por melhores condições sociais e políticas.

Diante dessa nova perspectiva que os movimentos das mulheres, feministas ou não, instauravam no cenário brasileiro, somos convidados a pensar as relações que se estabeleciam entre os representantes dos sexos opostos. Apesar de já ter sido mencionado que a história das mulheres não pode ser comparada à dos homens, é preciso pensar na existência, ou inexistência, de um diálogo entre os representantes de ambos os sexos.

De que forma a história oficial constrói o cenário da elite intelectual que se fazia perceber a partir da imprensa? Por que, apesar de a imprensa do século XIX, especificamente falando, ter como colaboradores homens e mulheres das letras, predominam as notícias sobre “os senhores de papel”? Essas e outras questões incomodam e por isso mesmo são absolutamente provocativas de um debate sobre as feições forjadas para os e/ou pelos intelectuais nesse século. Assim, nosso próximo passo será reler a trajetória percorrida pela imprensa feminina nessa época, discutindo as “ausências” da mulher no cenário oficial.

1.2A MULHER NA IMPRENSA OITOCENTISTA

Um dos trabalhos mais completos de que se tem notícia sobre a imprensa brasileira foi realizado por Nélson Werneck Sodré, em *A História da Imprensa no Brasil* (1966). O que chama atenção é o fato de inexistir na investigação e levantamento realizados pelo autor detalhes sobre a atividade feminina, o que vem ratificar o apagamento da figura da mulher no cenário intelectual da época, ao menos no discurso “oficial”.

Entretanto, observa-se, em seu estudo, que o século XIX representou um momento importante para o periodismo brasileiro. A partir da década de 1870, as idéias republicanas conquistavam a imprensa, e o fluxo de acontecimentos promovia o surgimento de diversos jornais. Como observa Sodré (op.cit.), o que se fazia naquela época era combater a pretensa sacralidade das instituições: a escravidão, a monarquia e o latifúndio. Daí o caráter marcadamente abolicionista e republicano de boa parte dos periódicos de então.

A imprensa brasileira, no que esta tinha de específico, não mudou com a passagem do Império à Regência, ou do Império à República. Mudou muito, entretanto, quanto ao conteúdo e ao papel por ela desempenhados. Não se percebem grandes mudanças no formato, nem na materialidade, mas no engajamento político e na defesa e veiculação de idéias que, de certa forma, foram importantes no processo de transformação social por que passou o século XIX.

A grande História da Imprensa parece silenciar a atuação das mulheres nos processos de transformação política sofridos ao longo do século XIX. Onde estavam essas mulheres? Quais eram seus anseios? Como se forjou uma *intelligentsia* feminina? Fora apenas a agulha o seu principal instrumento de trabalho durante todo o século XIX?

Dulcília Buitoni, em *Imprensa Feminina* (1990), reflete sobre a contraposição existente entre imprensa geral, cujo público é mais abrangente e não se destina a um sexo específico, e a imprensa feminina, vista frequentemente com certo ar de desdém por muitos. A primeira seria representante de um jornalismo verdadeiro, enquanto a outra estaria fadada a questões menos sérias: modas, amores, horóscopo etc.

O fato é que a imprensa feminina, digna de ser chamada de jornalismo, ou não, existe há mais de duzentos anos e traz como escopo a luta pelo espaço onde as

idéias dessas atrizes sociais transitam. Foi ela dirigida e pensada objetivando alcançar um público feminino. Ainda conforme Buitoni (op.cit.), a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura, sendo mais tarde acompanhada pela moda. Apenas nos séculos XVIII e XIX é que os direitos feministas entraram em pauta, ou seja, *a imprensa feminina mais do que a imprensa geral, está estreitamente ligada ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, e que interfere em cada passo de sua evolução.* (BUITONI, op. cit., p. 24).

O periódico inglês *Lady's Mercury*, publicado em 1693, foi o primeiro voltado para o público feminino. Dentre as seções desse jornal, pode-se destacar a presença de consultório sentimental, modelo bastante copiado pelos jornais posteriores. Na Alemanha, o primeiro periódico feminino surgiu em 1774: *Akademie der Grazien*. No começo do novo século (XIX), o *Journal fur Deutsche Frauen* acrescentou às poesias e charadas tradicionais uma novidade: o horóscopo. Em 1800, começam a surgir na Alemanha e na Áustria veículos dedicados exclusivamente à moda, para um público de costureiras e modistas. De Viena é *Die Elegante* (1842-1872), que introduziu outra novidade: modelos de tricô. As mulheres italianas, por sua vez, criaram o *Toilette* (1770), *Biblioteca Galante* (1775) e o *Giornale delle Donne* (1781). Sem contar as revistas católicas *La Donna* e *La Famiglia Cattolica*, ambas no século XIX, as quais acentuavam a presença da mãe como a “pedra angular da família”.

Conforme aponta Buitoni (op.cit.), a imprensa feminina floresceu na França, servindo de modelo para as brasileiras. O *Journal des Dames et des Modes* (1759-1778) continha conselhos sobre educação, além de valorizar a figura da mãe, que se ocupava da educação dos filhos.

No Brasil, o surgimento dessa imprensa que procurava atender aos anseios das mulheres está ligado a todo um contexto sócio-político-cultural específico. Para Marcus Carvalho, em “A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX” (2006), o discurso racionalista adotado na imprensa brasileira a partir do começo do século XIX fatalmente transbordaria para o espaço

doméstico, contribuindo para que fosse construída uma noção de "família civilizada". Na retórica liberal, o lar tornou-se metáfora da pátria. Nele deveriam imperar a racionalidade, a honra e, sempre que possível, o trabalho livre.

O Brasil do século XIX assistiu ainda ao despertar de uma imprensa cuja voz começava a se voltar para o público feminino. Na primeira metade desse século, os jornais (redigidos por homens), muitas vezes pautados nos ideais do Liberalismo, propunham-se a instruir as mulheres. Dessa forma, "as senhoras", exclusivamente aquelas das camadas mais abastadas da sociedade, através do direito à educação, poderiam se tornar melhores mães, donas-de-casa e esposas. Esperava-se, assim, melhor equipá-las para desempenhar o papel que lhes era reservado na nascente "pátria" independente - aquele de formadora da futura elite nacional.

Aos poucos, as mulheres começaram a contribuir com seus textos nesses periódicos. De forma geral, seus escritos reforçavam os discursos sustentados pelos redatores, especialmente no que dizia respeito aos paradigmas que deveriam reger a conduta feminina.

O jornal *Espelho Diamantino* (1827), publicado no Rio de Janeiro, é apontado como pioneiro na imprensa voltada às mulheres. No entanto, era dirigido por homens. Além desse periódico, podemos mencionar os jornais *O Mentor das Brasileiras*, publicado em São João del-Rei entre 1828 a 1832 e *O Espelho das Brasileiras*, publicado no Recife em 1831, além do *Astrea* (1826-1832), no Rio de Janeiro.

Já em 1833, no Rio Grande do Sul, a professora, jornalista e poetisa Maria Josefa Barreto foi a primeira mulher a publicar um jornal direcionado ao público feminino: o *Belona Irada Contra os Sectários de Momo* ou, simplesmente, *Belona*. Este periódico de cunho político não chegou a fazer seguidores.

Segundo Constância Lima Duarte, em “A mulher e o jornalismo – contribuição para uma história da imprensa feminista” (1999), a história da imprensa feminina no Brasil, ou seja, aquela dos jornais e revistas escritos por mulheres e dirigidos ao público feminino, começa em 1850, quando são lançados no Recife os jornais intitulados *A Esmeralda* e *O Jasmim*. Dois anos mais tarde, a argentina Juana Paula Manso de Noronha funda, no Rio de Janeiro, aquele que seria considerado *O Jornal das Senhoras*, de vida bem mais longa e consagrado como o primeiro periódico de mulheres para mulheres (DUARTE, op. cit.). O intuito da redatora era divulgar as luzes e promover a emancipação feminina, o que fazia através de chamadas para que a mulher se ilustrasse e buscasse sua “emancipação moral” e, assim, pudesse desempenhar melhor até mesmo a função de esposa e mãe. A partir dessa publicação, a imprensa feminina ganha novas forças e, aos poucos, os temas das modas, bordados e receitas são deixados de lado. Ao mesmo tempo, cresce entre as colaboradoras a preocupação com questões políticas e sociais, reivindicando para o “bello sexo” o direito à educação, à profissionalização e, depois, ao voto. As colunistas colaboravam com poemas, artigos, pequenas crônicas, cartas, enfim, com textos que tratavam desde a temática amorosa à abolição da escravatura, por exemplo. Fomenta-se, assim, o locus de onde emerge a figura da intelectual brasileira.

Apesar do tom contido das colaboradoras desse periódico, dava-se o primeiro passo em direção à abertura de um espaço onde as mulheres pudessem discutir suas idéias, superando medos e despertando um novo olhar sobre sua própria condição de “ser mulher”. Mais tarde, em 1862, no Rio de Janeiro, Júlia Albuquerque Sandy Aguiar publica *O Bello Sexo*. A timidez dessas mulheres é convidada a sair de cena, uma vez que a editora exigia que os textos fossem assinados, com a pena de não serem publicados, caso o anonimato fosse mantido. Ao dar uma identidade aos seus textos, mesmo que de forma relutante, as mulheres, cuja maioria apresentava educação secundária, tinham a possibilidade de se fazerem conhecer e, assim, fortalecer os laços em torno do mesmo ideário. Havia entre elas um encontro semanal para discutir os temas a serem publicados no jornal.

Outra defensora ardorosa dos direitos da mulher à profissionalização foi a senhora D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, que publicou o periódico feminista *O Sexo Feminino*. Esse jornal teve três fases importantes. A primeira vai de 1873 a 1876, publicado, nessa época, na cidade de Campanha da Princesa, em Minas Gerais. A publicação foi suspensa e, quatro anos depois, D. Francisca Diniz publica, no Rio de Janeiro, um jornal de caráter efêmero, o *Primavera*, seguido pelo *Voz da verdade* (1885), também de publicação pouco duradoura.

A segunda fase de *O Sexo Feminino* compreende os anos 1887 a 1889, obtendo muito sucesso ante o público feminino, ao alcançar uma circulação de 2.400 exemplares. Hahner, em sua já referida obra *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937* (1981), menciona que D. Francisca defendia que todas as carreiras deveriam ser abertas às mulheres, uma vez que não as considerava inferiores aos homens e que somente através da educação o *status* da mulher poderia ser elevado. Além disso, argumentava que era a dependência econômica que determinava a subjugação feminina. Ainda segundo a autora, ao tratar das atividades dessa mulher, menciona que para D. Francisca:

A mulher era “dotada com as mesmas faculdades do homem, com a intelligencia e a razão abertas a receber o cultivo das letras, das artes e das sciencias, para ser útil á pátria e desempenhar a sua missão na sociedade”. Em vez de os pais mandarem suas filhas aprender a costurar, lavar e cuidar da casa, eles deveriam dar-lhes instrução, como ler e escrever, e, em seguida, educa-las em ciências como “a literatura, (...) a philosophia, a historia. A geographia, a physica, a chimica, a historia natural, para coroar esses estudos [com a educação] moral e religiosa”, juntamente com a educação física, para fortalecer seus corpos. D. Francisca não apenas argumentava que “as mulheres tem a necessária capacidade intellectual, para aprender todas as sciencias”, mas também afirmava que elas ultrapassariam os homens nessa área, de vez que possuíam mais da “precisa paciência para estudos superiores como o seião: os da phisica, da pharmacia, da medicina”. (HAHNER, 1981, p. 54-55).

Na terceira fase, que vai de 1890 a 1896, *O sexo Feminino* passa a ser chamado *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Ao usar como mote a data da Proclamação da República no título do seu periódico, D. Francisca aludia ao fato

de as mulheres também proclamarem uma mudança política no seu *modus vivendi*.

Ainda na segunda metade do século XIX, temos outros jornais de cunho feminista como *O Domingo* (1873), editado, no Rio de Janeiro, por Violante Atabalipa de Bivar e Vellasco; o *Echo da Damas* (1875-1885), publicado, também na então Capital da República, por Amélia Carolina da Silva Couto. Esses jornais, segundo assevera Hahner (1981), usavam muitos dos argumentos empregados por D. Francisca Diniz para defender as mulheres, embora com menos vigor.

Para conseguir manter a atenção de suas leitoras, os jornais, além de tratar de temáticas ligadas à maternidade e aos direitos femininos, também contavam com matérias diversificadas sobre conhecimento prático nas áreas de saúde e cuidados domésticos, notícias sobre moda e teatro, folhetins, acontecimentos sociais, publicação de contos, crônicas, ensaios e poesias. Procurava-se aliar informação e entretenimento com o fim de atingir o máximo de leitoras.

É importante mencionar outro periódico feminista bastante representativo no século XIX, *A Família* (1888-1897). Publicado por Josefina Álvares de Azevedo, inicialmente na cidade de São Paulo e depois, no Rio de Janeiro. Esse periódico, dentre outras bandeiras, defendia o direito ao divórcio e ao voto. Talvez esta última tenha sido uma das bandeiras mais difíceis de ser defendida, dada a resistência masculina ao sufrágio da mulher. A oposição dos homens estava centrada na concepção masculina da família e dos deveres femininos, considerados circunscritos apenas ao espaço doméstico.

Outrossim, no *fin du siècle*, novos jornais direcionados à mulher foram fundados nas cidades brasileiras em crescimento, onde as mulheres tinham mais oportunidades educacionais do que nas áreas rurais e nas cidades pequenas. Segundo Hahner (1981), *a proporção de alfabetizadas entre as mulheres do Rio de Janeiro ficava na casa dos 29,3% em 1872, quando comparada aos 11,5% da população brasileira feminina total* (op. cit., p. 52).

Embora em relação à primeira metade do século XIX muitas mulheres estivessem colaborando, através de suas publicações, em jornais feministas e também não-feministas, e essa participação fosse bastante representativa, elas ainda careciam de articulação, pois permaneciam relativamente isoladas em seu próprio círculo. Havia a necessidade de um apoio mútuo e de intercâmbio intelectual, já que o número de mulheres editoras e colaboradoras era insuficiente para promover esse diálogo.

Em relação ao público alvo, esses periódicos eram direcionados às mulheres com alguma instrução, ou seja, eram restritos àquelas de classe média e alta. Entretanto, como o índice de mulheres alfabetizadas era bastante reduzido, as leituras eram possivelmente feitas em grupo, diante de toda a família e também da criadagem. A cultura do “ouvir ler” além de aumentar em muito a possibilidade de instrução de uma população ainda pouco alfabetizada, também nos faz pensar num alcance maior desses jornais. Outra questão importante é a discussão sobre quem eram as colaboradoras, de que lugar elas falavam e que pontos de vistas sustentavam sobre esse lugar e atividades de direito.

Hahner aponta, ainda, que, ao contrário das primeiras feministas como Francisca Senhorinha da Mota Diniz, mulheres de famílias proeminentes, como Júlia Lopes de Almeida, Inês Sabino e Maria Clara Vilhena da Cunha, não precisavam sustentar a si e a suas famílias. Assim:

[...] as atividades literárias, que podiam ser realizadas em casa, eram um escape aceitável para as energias femininas, e um escape cada vez mais usado pelas mulheres de classe superior. As escritoras menos controversas, que elogiavam o lar e a família, podiam ser vistas como uma prova das aptidões intelectuais femininas por homens simpáticos e uma emancipação feminina moderada. Além do mais, nenhuma pessoa nem suas idéias deixaram os homens de sua própria classe muito constrangidos. Ao contrário das mulheres da classe inferior, elas ainda podiam ser vistas como criaturas delicadas e gentis. Suas manifestações literárias benignas não causavam grandes preocupações. (HAHNER, 1981, p. 89-90)

Essa condição pode iluminar as razões que justifiquem a moderação de algumas dessas mulheres em seu discurso. Essa moderação pode, contudo, ser entendida como estratégia, que lhes permitia avançar num contexto ainda fechado à atuação pública feminina. No tocante a determinadas posições políticas, como o movimento para a abolição da escravatura, por exemplo, a participação e contribuição das mulheres, de uma forma geral, pode parecer ao olhar contemporâneo como relativamente tímida, refletindo a sua situação subordinada na sociedade. Elas ajudaram a angariar fundos em prol do movimento, mas não participaram efetivamente das discussões políticas. Entretanto, é necessário destacar que a participação das mulheres nesse momento histórico foi bastante significativa, dado o fato de que a atuação feminina na esfera pública era em geral mal vista, sendo a mulher não mais do que uma espécie de escrava dentro do próprio lar. Daí que iniciativas como aquelas relatadas por Luzilá Gonçalves Ferreira e colaboradores (1999) acerca da atuação das mulheres nordestinas, como Carolina Ferraz, na luta pela abolição da escravatura, podem ser consideradas como um ato heróico.

De forma geral, os jornais feministas contribuíram para a disseminação de um novo modo de enxergar o mundo, ao rediscutir os papéis femininos na sociedade. Além disso, representaram um importante instrumental para a difusão do saber. Através deles, as mulheres letradas poderiam ter consciência dos seus direitos e obrigações. Sem falar que foi um espaço onde floresceu o espírito inventivo e o universo ficcional de muitas de nossas escritoras.

1.3 MARIA CLARA E A MENSAGEIRA³: AS VIAS DE UM FEMINISMO MODERADO

³ Conforme apontam Jalina Lisi da Silva e Adelaine LaGuardia (2007), foram publicadas trinta e seis edições de "A Mensageira". Inicialmente, das edições um a vinte e três, (de 15 de outubro de 1897 a 15 de setembro de 1898), a tipografia localizava-se na Rua dos Estudantes, 23. Posteriormente, das publicações vinte e quatro a trinta e seis, (30 de setembro de 1898 a 15 de janeiro de 1900) a tipografia foi transferida para a Rua de Santa Iphigenia, 57.

A publicação da primeira edição (15 de outubro de 1897) à trigésima primeira (31 de agosto de 1899) era feita quinzenalmente (dias 15 e 30 de cada mês). Porém, a partir da trigésima segunda edição (15 de setembro de 1899) à trigésima sexta (15 de janeiro de 1900), a publicação tornou-se mensal (dia 15 de cada mês). Sua assinatura anual custava 12\$000 por ano, e o número avulso 1\$000. Os encarregados

Como vimos, vários foram os periódicos que marcaram o cenário da imprensa feminina na segunda metade do século XIX. A maioria deles tinha por título referências a marcas ou estereótipos genuinamente femininos, ou seja, flores, animais delicados, objetos voltados para as mulheres. É o caso dos periódicos *A Borboleta*, *A Crisálida*, *O Leque*, *O Espelho* etc.

O periódico que constitui objeto deste estudo circulou nos últimos anos do século XIX, mais especificamente entre 1897 e 1900, na cidade de São Paulo. Denominada *A Mensageira*, esta revista literária foi dirigida pela poetisa mineira Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) e tinha por objetivo:

Estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente nos propomos.

Será recebida com indiferença a *Mensageira* – portadora feliz da prosa amena e discreta de Julia Lopes de Almeida e dos versos artísticos e sentidos das mais festejadas e conhecidas poetisas brasileiras? Não o cremos! E é por isto que nos arrojam a uma empresa desta ordem⁴. (*A Mensageira*, ano I, v.1, p. 1, 1897)

de sua venda avulsa eram a casa Garraux e a Livraria Brazil, em São Paulo; e a casa de músicas de Julia Filippone, no Rio de Janeiro.

“A Mensageira” mantinha-se através de assinaturas e venda avulsa de publicações, fato transmitido ao público assinante por meio das “Notas pequenas” da edição de número 3, onde se pede que os assinantes enviem a importância de sua assinatura, e que faz com que, na edição de número 25, seja anunciada a transferência do periódico de quinzenal para mensal, alegando inexperiência ao publicar uma revista literária com restritos recursos financeiros quinzenalmente.

Ao completar seu segundo ano, com a edição de número 36 (15 de janeiro de 1900), a revista literária “A Mensageira” suspende sua publicação, agradecendo aos colaboradores e aos assinantes. Em suas colunas, “A Mensageira” apresenta seções regulares (editorial, conto, crônica, poemas, notas variadas e cartas), nas quais uma autora pode assinar diferentes seções e praticar várias modalidades de gêneros. Porém, nota-se ainda a presença de textos não assinados e uso de pseudônimos. Nestes a revista procura posicionar-se em relação ao assunto abordado.

Aparecem, também, na revista literária: os artigos (para a abordagem do tema principal); as “Cartas do Rio” (utiliza a rotina na matéria apresentada); “Impressões de Leitura” (crítica as publicações quanto a seus prós e contos); “Notas pequenas” (divulga títulos, publicações recebidas, lançamentos, conquistas femininas e perdas humanas); “Seleção” (reproduz citações sobre o feminismo); e traduções.

⁴ Optamos por não atualizar a ortografia dos textos retirados dos periódicos pesquisados em respeito à originalidade deles.

Como podemos perceber nas linhas acima, além de expor a proposta do jornal, a redatora explicita as razões que justificam o empreendimento. Mais adiante, Presciliana lista as senhoras que trabalhavam na república das Letras, evidenciando que o espaço intelectual estava, cada vez mais, sendo ocupado por mulheres. Além disso, era objetivo da revista divulgar essa produção feminina, corroborando a importância delas no “engrandecimento” da atividade literária. Mas não apenas isso. Ao mencionar obras e atividades realizadas pelo sexo feminino, a revista abre margem à reflexão sobre a participação da mulher no mercado de trabalho. Assim sendo, podemos ler em sua introdução:

Das senhoras que trabalhavam na republica das letras tínhamos, até há pouco, apenas Narciza Amália, que já se recolheu ao silencio, Adelina Vieira e Julia Lopes. Agora, além dessas, temos Francisca Julia da Silva, Zalina Rolim, Julia Cortines, Presciliana Duarte de Almeida, Josephina Álvares de Azevedo e Georgina Teixeira, que surge agora no horizonte num esplendor de luz auroral. Acrescentemos a estas, Maria Clara da Cunha Santos, Áurea Pires, Elvira Gama, Maria Emília da Rocha, Anna Nogueira Baptista, Maria Jucá, Amélia de Oliveira, Maria de Azevedo, Anália Franco e qualquer outra cujo nome nos haja escapado [...]

Não é porém, sómente na literatura que a sua aptidão se revela e, para prova, basta citarmos o nome da Doutora Ermelinda de Sá, essa pujante mentalidade que se affirmou na Academia de Medicina do Rio de Janeiro. (*A Mensageira*, ano I, v.1, p. 1-2, 1897)

Conforme Leonora de Luca (1999), a partir de 1899, a periodicidade da revista deixou de ser quinzenal, passando a mensal. Esse fato deveu-se, possivelmente, a dificuldades de ordem financeira para sua editoração. Quanto à forma, as colaboradoras publicavam textos em prosa e verso, que refletiam sobre a condição da mulher e as questões políticas da época, sob a ótica de um feminismo moderado.

Apesar da ênfase na congregação feminina, o periódico - diferentemente de outras revistas de caráter feminista – contava com a colaboração masculina. Essa presença dos homens pode sinalizar tanto para a proposta de diálogo entre os distintos sexos quanto para a busca de legitimação e aceitação ante uma sociedade marcadamente conservadora.

Ainda segundo De Luca (op. cit.), num primeiro momento, a argumentação das articulistas centrava-se na instrução feminina, como elemento a ser aprimorado para o bem da Família e da Pátria, ou seja, a instrução da mulher é circunscrita à esfera doméstica. Num segundo momento, há indicação de um processo de conscientização progressiva sobre a capacitação da mulher para a atividade profissional fora do lar – meio de aquisição de autonomia intelectual e conquista da independência econômica. De forma geral, a participação feminina na sociedade restringe-se aos setores da vida civil, deixando para um segundo plano a reivindicação política. Entretanto, é preciso destacar, como fizemos anteriormente, que a “moderação” com que a revista e suas articulistas tratavam determinados temas pode apontar para uma estratégia de inserção na vida e nos debates públicos. De forma sutil, essas mulheres iam conquistando espaços, por isso podem ser consideradas mulheres muito à frente de seu tempo.

Dentre as principais colaboradoras de *A Mensageira*, destacamos a figura de Maria Clara da Cunha Santos, que assinava a coluna intitulada “Carta do Rio”. O título dessa seção justifica-se pelo fato de a jornalista residir na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, desempenhando, assim, a função de correspondente da revista. Essa coluna persistirá durante todo o período de edição do periódico, ocupando dessa forma um espaço de ordem fixa em *A Mensageira*.

Segundo Laudelino Freire, em *Collectania Século XVII – XX. Sonetos Brasileiros* (s.d), Maria Clara Vilhena da Cunha (nome de solteira) era natural de Pelotas, onde nasceu a 18 de novembro de 1866, falecendo a 23 de outubro de 1911, no Rio de Janeiro. Foi casada com o Dr. José Américo dos Santos (Engenheiro abolicionista), sem filhos, teve uma significativa vida social, viajou bastante e dedicou-se às atividades jornalísticas e literárias.

Uma vez que se destacou por sua intensa atividade intelectual, há um consenso entre as informações sobre a multiplicidade de talentos dessa mulher. Foi poeta,

contista, conferencista, cronista, jornalista, artista plástica, além de dedicar-se também à música. Escrevia, como diria Machado de Assis, com “a pena da galhofa”: seus textos eram leves e marcados por humor e ironia. Eliane Vasconcelos, em seu texto “Maria Clara Vilhena da Cunha Santos” (2004), afirma que Maria Clara, mais tarde, foi estudar em Alfenas, Minas Gerais, onde seu pai, o magistrado João Vieira da Cunha, exercia o cargo de Juiz de Direito. Filha então de tradicional família mineira – sua mãe era da família dos Alcântara Vilhena - como informa texto da Academia Pouso-alegrense de Letras, a Mimosa (apelido carinhoso) seria:

[...] uma jovem de rara beleza e extraordinário talento para as artes, foi exímia musicista e talentosa poeta. Brilhava como declamadora e pianista nos saraus das noites preguiçosas e estreladas da terra do Bom Jesus, e com sua beleza delicada enfeitava nossos salões. Mas a mulher bela e talentosa também possuía um espírito guerreiro, lutando por seus ideais. Pertenceu à Aliança Libertária de Pouso Alegre, lutando pela emancipação dos escravos, saindo às ruas pregando seus ideais e angariando fundos para comprar alforrias. Mimosa, a delicada flor dos salões e a brava lutadora de causas justas, teve vida curta e fecunda, falecendo em 1914. É patrona da Cadeira n.º 15 da Academia Pouso-alegrense de Letras, ocupada pela Acadêmica Maria Aparecida Perina Francescato.⁵

Sabemos, também, que ela escreveu, junto com Presciana Duarte, um jornalzinho manuscrito chamado *O Colibri*, na cidade de Pouso Alegre, e que foi colaboradora do jornal *A Família*, editado inicialmente por Josefina Álvares de Azevedo. Além desses periódicos, Maria Clara também colaborou em *A Estação* (1889), *Rua do Ouvidor* (1898-1904), *A Semana* (1885-1888), *Gazeta de Notícias*, *O País*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Tarde*, *Jornal do Brasil* e *O Corimbo* (RS)⁶. Podemos, ainda, apontar como obras de sua autoria: o livro de poesias *Pirilampos* (1890), prefaciado por Adelina Lopes Vieira; *Painéis* (1902), contos; *América e Europa* (1908), crônicas de viagem; além da conferência *A Alegria e o bom*

⁵ Disponível em: <http://www.acadpousoalegrensedelettras.com.br/patronos/textos/Patronos.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2009.

⁶ Exceto *O Corimbo*, os demais periódicos foram publicados no Rio de Janeiro. Em virtude do pouco tempo para a pesquisa e da grande quantidade de exemplares a ser investigada, não conseguimos localizar exatamente os anos em que Maria Clara publicou em *Gazeta de Notícias*, *O País*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Tarde*, *Jornal do Brasil* e *O Corimbo*, por isso a omissão.

humor. Essas obras podem ser encontradas na Biblioteca Nacional e na Academia Brasileira de Letras.

Sacramento Blake, em seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (1900), ao mencionar uma visita de Maria Clara, em companhia do pai, à capital federal, em setembro de 1890, a ela se referiu como “uma distinta poetisa brasileira”. Essa visita é citada, ainda, pela editora do periódico *A Família*:

Tivemos a honra e o prazer de receber em nosso escriptorio a visita da distinta poetisa Maria Clara Vilhena da Cunha, que acompanhada de seu illustre pae o Dr. Vieira da Cunha, dignissimo juiz municipal de Pouso Alegre, acha-se de passeio nesta capital.

Illustrada e amavel deu-me a honra de uma pequena palestra, na qual tive o prazer de conhecer o seu modo de pensar em relação á mulher no Brasil.

Maria Clara é moça, muito moça ainda e no entanto já se revela com muito brilhantismo o que faz-nos crer que em muito breve tempo, vel-a-hemos collocada á altura que faz jus o seu talento.

Penhoradas com a distinção da visita, fazemos votos para que ella se reproduza por muitas vezes, tal foi a impressão que deixou em nosso escriptorio a distinta poetisa e seu illustre pae. (*A Família*, ano II, n. 75, p. 2, 18 de setembro, 1890)

Em 28 de maio de 1898, o *Rua do Ouvidor*, traz em sua primeira página uma homenagem a Maria Clara: *É com o maior desvanecimento que honramos esta página com o retrato⁷ da Exma Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos⁸*. O editor apresenta, então, a dedicada esposa do ilustre engenheiro e benemérito batalhador abolicionista e acrescenta informações sobre o pai da jovem – que além de ser um conceituado magistrado que ocupava o cargo de juiz de direito em Alfenas, cidade mineira, fora auditor de guerra do terceiro corpo do exército durante a campanha do Paraguai. A referência “aos homens da família” parece conotar tanto uma tentativa de legitimação dessa mulher perante o público leitor, como para corroborar o antigo chavão: “Por traz de um grande homem, sempre há uma grande mulher”.

⁷ Ver anexo 1.0.

⁸ *Rua do Ouvidor*, Ano I, n. 3, p.1, 28 de maio, 1898.

Para não prejudicar o fluxo da leitura, optamos por colocar em nota as referências de periódicos em citações de até três linhas.

O editor, então, passa a elencar as qualidades e dotes da poetisa: *D. Maria Clara, senão bastassem os sentimentos de virtude que muito a recommendam, seria apreciada ainda pela sua intelligencia esclarecida e pelo cultivo de seu espirito*⁹. Interessante perceber aqui as qualidades morais como sendo sempre as mais importantes numa mulher. Em segundo plano, encontra-se a instrução e o que o editor chama de “inteligência esclarecida”, talvez como uma referência ao posicionamento político defendido por Maria Clara. Em seguida, é mencionado o livro de poesias – *Pyrilampos e rumorejos* – escrito com a colaboração de Presciliana Duarte. Esse livro teria, então, merecido “justos aplausos” da imprensa e boa aceitação do público, pois a primeira edição já havia sido esgotada. Sobre os talentos da jovem senhora, o *Rua do Ouvidor* acrescenta:

Tem uma bella voz, bem afinada e melodiosa e é violinista que sabe manejar o arco com elegancia e firmeza. Já concorreu com tres quadros á exposição de pintura na Escola nacional de Bellas Artes d’sta capital, merecendo os seus trabalhos elogios de pessoas competentes e de toda a nossa imprensa. (*Rua do Ouvidor*, Ano I, n.3, p.1, 28 de maio)

No *Almanach do Paiz*, em 1910, um ano antes da morte de Maria Clara, há uma entrevista com várias escritoras em evidência na época. Dentre elas a nossa artista. Ao discorrer sobre suas influências literárias, no referido texto, a escritora cita a poetisa portuguesa Maria Amalia Vaz de Carvalho, Camões e Luiz Guimarães Jr. Sobre o seu primeiro livro, *Pyrilampos*, a poetisa afirma que era muito criança quando o escreveu:

Os versos brotavam espontâneos em meu coração como flores silvestres. Lembro-me que a primeira quadra que fiz foi a proposito da morte de uma perua, que tendo perdido o companheiro, entrou a definhar... definhar e morreu... de tédio talvez ou de saudades. Essa quadrinha humorística andou de mão em mão, lá no interior de Minas onde se abriram e desabrocharam as primeiras rosas do meu coração. (*Almanach do Paiz*, p. 381, 1910)

⁹ *Rua do Ouvidor*, op. cit.

Nessa fase, sua produção exibe um caráter bastante ingênuo, em que o acento maior fica por conta da formação romântica da poetisa. A espontaneidade da inspiração, a liberdade de escrita e o apelo ao sentimentalismo são marcas dessa tendência literária. Em relação à moda, Maria Clara é categórica:

Ela devia ser muito simples, e não dar tanto trabalho á imaginação das mulheres, que muitas vezes obcecadas pelo despotismo da moda esquecem de cultivar o espirito com boas leituras e o coração com obras de philantropia. Em resumo, a moda é uma deusa muito incomoda e a quem, geralmente se presta mais atenção do que ela merece. Esta é a grande verdade. Se os exageros do culto pela moda ficam feios em uma mulher, que dizer de um homem?

É a apoteose do ridículo. Causa-me desagrado ver um homem muito enfeitado; não sei porque, lembro-me sempre dos manequins dos alfaiates. (*Almanach do Paiz*, p. 382, 1910)

Como se pode notar, a escritora defende a utilização moderada da moda num posicionamento claramente conservador. Essa visão receosa sobre a “deusa caprichosa” já estava presente no discurso masculino das primeiras décadas do século XIX. Segundo Adelaine Laguardia, em seu artigo “‘Deusa Caprichosa’: A Mulher, A Moda e o Discurso Nacional Em *O Mentor Das Brasileiras*” (2007), o *modismo é visto como um “mal” que não atinge apenas as mulheres: trata-se de uma ameaça à estabilidade da sociedade como um todo. No entanto, é à frivolidade do sexo feminino ou à sua propensão “natural” de agradar ao homem pela aparência que se atribui a febre da moda.* (op. cit., p. 2). Nas entrelinhas, percebe-se uma preocupação com o controle dos corpos. Ainda de acordo com a autora, é a moderação o elemento crucial nessa política. As mulheres precisavam conter os excessos em nome da preservação das fortunas de suas famílias; os homens, em nome de uma masculinidade já estereotipada pelo elemento da virilidade.

Maria Clara também opina sobre o amor, o casamento, a maternidade e o divórcio. Para ela, o amor e a maternidade são estados de graça, sublimes, portanto. Sobre o casamento, entende que é uma instituição natural das criaturas que atingem a maturidade, é bíblico: “crescei e multiplicai-vos”. Em relação ao

divórcio, aponta-o como *único remédio para os náufragos do casamento*¹⁰. Apesar de se posicionar de forma positiva, a escritora alerta para não se confundir o divórcio com a dissolução dos costumes.

Sobre o feminismo e a incorporação da mulher à política, a partir dos questionamentos que realiza, é possível notar o tom moderado como Maria Clara vê essas pautas: *O que se deve entender por feminismo? Mulheres que votam? Que brigam? Que furtam urnas eleitorais? Que rasgam lista de sorteio militar? Que espancam?*¹¹ Logo em seguida, a poetisa diz que, levando em conta essas questões, é “contrária a tal movimento”. O que nos faz inferir que, para ela, talvez, a participação política da mulher deva ser restrita ao lar, que essa mulher não precise “brigar” pelo voto. Mais adiante, Maria Clara parece contradizer-se: *Mas se o feminismo é educar, instruir, libertar a mulher de certos preceitos e prepará-la para as lutas da vida, então muito bem, sou pela ideia e entendo que tudo se deve fazer para esse tão nobre ideal.*¹²

A uma das perguntas do almanaque, ela responde dizendo o que pensa sobre os homens: que, sempre que podem, eles abusam de seu poder. Sobre a necessidade da instituição de ensino doméstico¹³, Maria Clara diz acreditar na necessidade desta instituição *para casos muito especiais, para quem estiver privado do carinho e do conforto da família*¹⁴. Esse tipo de instituição, apesar de se direcionar a meninos e meninas, era marcadamente concebido como apropriado à mulher, num tempo em que ela não possuía lugar no espaço público. Os mestres, de forma geral, ensinavam atividades domésticas, além de piano, canto, dança, línguas e filosofia. Tal educação convivia com a educação formal oferecida pelas escolas. Porém, como assevera Maria Celi Chaves Vasconcelos,

¹⁰ *Almanach*, op. cit., p. 382, 1910.

¹¹ *Almanach*, op. cit., p. 382, 1910.

¹² *Almanach*, op. cit., p. 382, 1910.

¹³ O século XIX caracterizou-se pela atividade dos agentes – ou mestres das casas – que se ocupavam da prática de educar, no espaço doméstico, as crianças das camadas abastadas da sociedade. (Cf. Vasconcelos, 2004)

¹⁴ *Almanach do Paiz*, p. 383, 1910.

em *A casa e os seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de Oitocentos*:

A convivência não era “pacífica”, suscitando inúmeros debates registrados nos periódicos da época, que discutiam o significado e a abrangência da educação e da instrução, bem como a competência da casa, para oferecer a instrução, e a legitimidade do estado, para oferecer a educação, além da polêmica acerca da preparação dos agentes e dos espaços que seriam os mais adequados para a formação dos cidadãos brasileiros. (VASCONCELOS, 2004, p. 298)

Assim, essa pauta da entrevista justificava-se exatamente pela discussão gerada em torno da melhor educação, especialmente a partir da segunda metade do século XIX. Maria Clara encerra essa questão dizendo que *a melhor escola doméstica é uma boa mãe, carinhosa, econômica, trabalhadora e simples. Tudo mais será para beneficiar os orfãos ou filhos de gente mal equilibrada, em qualquer sentido*¹⁵. Isso corrobora a visão de que a educação da mulher deveria ser orientada para a família. Em outras palavras, a instrução funcionaria apenas como instrumento para a orientação dos filhos.

Como pudemos perceber, a escritora em estudo participou de forma muito ativa da vida pública dos Oitocentos, e sua atuação enquanto “jornalista” foi bastante prolífera. Nas próximas páginas, nos debruçaremos sobre sua produção, tentando perceber como a formação intelectual dessa mulher refletiu em seus textos.

¹⁵ *Almanach do Paiz*, p. 383, 1910.

CAPÍTULO II - OS BRILHANTES BRUTOS DE MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Falarei de si, leitor. Dou-me ao gosto de imaginar que já ganhou um pouco o hábito de parar no rodapé desta página, que algumas vezes aplaudiu e falou aos amigos, que por outras vezes não esteve de acordo e disse, enfim, que estas colunas conseguiram ocupar um pequeníssimo espaço na sua vida. É o máximo que posso desejar. Mas agora queria que descesse um pouco mais ao fundo e fizesse comigo a descoberta do que representa, para quem escreve, a pública exibição do que sente e do que pensa, do que projeta e do que realizou antes, ou falhou. Sobretudo o cronista, porque faz da matéria da vida (da sua e da alheia, deste mundo e do outro) a ponte da comunicação e a própria comunicação, acho eu que há muito se atreve e arrisca. Não pode ser um reflexo indiferente, um arranjador de notícias que mesmo quando relatam catástrofes têm sempre alguma coisa de impessoal e distante. Há de afirmar-se em cada palavra que escreve, de tal maneira que à terceira linha se acabaram os segredos e o leitor não tem mais remédio que uma destas atitudes: ou senta o cronista à sua mesa, como faz aos amigos, ou fecha-lhe a porta na cara, como aos importunos, deixando-o a arranhar desanimadamente a bandurra.

José Saramago.

2.1 DO *REZ-DE-CHAUSSÉE*: O *FEUILLETON* E O ENTRE-LUGAR DO CRONISTA

Em seu artigo intitulado “Voláteis e versáteis: De variedades e folhetins se fez a Chronica” (1992), Marlyse Meyer nos informa que, nas primeiras décadas do século XIX, o termo *le feuilleton* era usado para designar um espaço preciso no jornal, que geralmente correspondia ao rodapé da primeira página, ou seja, ao rés-do-chão. Em princípio, o termo era usado somente para informar essa posição gráfica, pois ainda não havia a conotação de gênero que mais tarde o termo iria adquirir. No entanto, é nesse lugar de ausência, nesse espaço vazio, nesse não-lugar, que já se fomenta o que viria a ser a matéria constitutiva da crônica à brasileira¹⁶.

¹⁶ É importante salientar que o termo “crônica”, antes de surgir sob o viés da imprensa, tinha a função precípua de registrar a História, de transmitir fidedignamente um tempo que estava sendo vivido ou que se podia apreender através dos documentos recentes. Assim, os reis nomeavam homens que seriam responsáveis

Chamo de não-lugar exatamente esse espaço da transitoriedade, do provisório, do breve, que ainda não se constituía uma referência, uma identidade, já que não havia uma rotinização de seus conteúdos. Era o lócus do deliberadamente frívolo, onde se acomodava toda a sorte de materiais a fim de seduzir, através do entretenimento, o leitor cansado das “coisas sérias”. Meyer (op. cit.) chama de *vale-tudo* esse lugar onde se contam piadas, fala-se de crimes e monstros, abrigam-se charadas, receitas culinárias e discute-se beleza; lugar também do exercício da crítica teatral e literária, de novidades, divulgação de livros, pequenos contos, eventos sociais e modas. A autora lembra ainda que, à época, a ficção estava em voga. Assim, também podemos pensar esse espaço como o terreno fértil para se treinar a narrativa, o que faz desse lócus do jornalismo um berço que embalava novos e antigos representantes das belas letras, que começam adotando a moda inglesa de publicação de textos em séries – o “continua no próximo capítulo”.

Meyer (op. cit) resume em quatro as acepções do *feuilleton* na França-matriz. Num primeiro momento, o termo designa o espaço vazio no rodapé de jornais e revistas, destinado ao entretenimento; depois, nesse mesmo espaço geográfico, surge o *Roman-feuilleton*; mais tarde, *Variétés* e diferentes *feuilletons* (contos, notícias leves, anedotas, crônicas, críticas, resenhas etc.). Por fim, o termo passou a se referir a qualquer romance publicado em *feuilleton* (ou seja, aos pedaços).

Carlos Eduardo Bione, em *A escrita crônica de Hilda Hilst* (2007), chama atenção para o uso indiscriminado, no século XIX, dos termos *folhetim* e *folhetinista*. O que hoje corresponderia respectivamente à obra (geralmente romance publicado em capítulos) e ao autor; na época, o folhetinista era usado tanto como referência aos autores que escreviam *en feuilleton* quanto aos cronistas, fazendo com que ambos fossem confundidos. Tudo isso nos leva a pensar que a crônica brasileira,

por registrar seus feitos heróicos, a história do seu povo (Cf. BENJAMIN, 1993). Basta lembrarmos, por exemplo, Fernão Dias, cronista-mor da Torre do Tombo. Outra acepção comum para a crônica dizia respeito aos relatos de viagem, às impressões daqueles que se aventuravam por terras desconhecidas.

com características muito peculiares, as quais serão apontadas *a posteriori*, teve também por embrião o *feuilleton*, que carrega em sua essência esse aspecto plural, híbrido e multifacetado.

Destarte, por seu caráter aparentemente despretensioso, tantas vezes insinuante, revelando-se através de uma estrutura polimórfica que pode hibridizar conto, notícia, poesia, memórias, cartas e monólogos, dentre tantos outros gêneros, a crônica foi, por muito tempo, considerada um “gênero menor”. Assim, o falar ao “pé-de-ouvido” do leitor, numa linguagem sem tantos ornamentos, sem os verbalismos próprios dos grandes escritores clássicos, como os romancistas, os dramaturgos e os poetas, fazia do cronista uma figura sem brilho ante o que era considerado boa literatura. Antonio Candido assevera que não era possível pensar a indicação de um cronista ao Prêmio Nobel, por melhor que ele fosse. Em seguida, o autor graceja: “*Graças a Deus*”, - *seria o caso de dizer porque sendo assim ela [a crônica] fica perto de nós.* (CANDIDO, 1992, p. 13)

Essa aproximação com o leitor permite ao cronista uma posição privilegiada, pois, tal como sugere a epígrafe deste capítulo, pode “sentar-se à mesa”, como bom amigo do seu leitor, e gozar da intimidade propiciada por esse lugar de enunciação que se constitui de uma composição aparentemente solta. Ao flagrar o cotidiano na sua forma mais simples, mais inesperada, mais óbvia, apreende o tempo presente da forma mais natural, quebrando o monumental e a ênfase e suscitando, dessa forma, a humanização. O que, conforme Candido, pode permitir *uma compensação sorrateira: recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.* (op. cit., p. 13-14)

Por outro lado, corre-se o risco da “porta fechada na cara”, de o cronista ver seu texto, materializado nas páginas dos jornais, virar embrulho ou forro de chão. É essa condenação à fugacidade que obriga o escritor a extrair a grandeza das coisas miúdas, retirar delas o inusitado, a surpresa, o elemento que vá tocar as

peçoas, ajudando-as a estabelecer ou restabelecer a dimensão de tudo o que participa do seu entorno.

Falar da vida ao rés do chão: eis o propósito do dito “gênero menor da literatura”. E conforme Candido (op.cit.), amiga da verdade, da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, a crônica, freqüentemente, também se utiliza do humor. Mas não é só isso. Põe seu criador numa terceira margem do rio: ele não está aqui nem acolá, pois transita o tempo inteiro entre a literatura e o jornalismo, desconstruindo suas fronteiras e as reinventando.

Assim sendo, neste capítulo, perseguindo os contornos da produção cronística do século XIX e início do XX no Brasil, desenvolveremos um breve panorama sobre esse gênero a partir do seu surgimento nos periódicos dos anos de 1800, sua fixação e “aclimatação” entre alguns escritores. A partir de então, trataremos das nuances que marcaram a produção cronística da escritora Maria Clara da Cunha Santos, mais detidamente aquelas que compõem a coluna “Carta do Rio”. Tudo isso a fim de tentar identificar os pressupostos estético-formais que serviram de base para constituir os postulados teóricos sobre o gênero crônica na literatura brasileira, especialmente no que diz respeito à produção feminina.

2.2 A GUARDIÃ DO TEMPO: A CRÔNICA NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Costuma-se apontar a imprensa como o lócus de onde germina a crônica. No entanto, o próprio Candido (1992) alerta para o fato de que ela não havia nascido propriamente com o jornal, mas sim quando este se tornara um veículo do cotidiano, de tiragem relativamente grande e cuja acessibilidade era melhor facultada, o que se deu somente por volta da segunda década do século XIX.

Ainda segundo o autor, no Brasil, a crônica tem uma boa história e, sob vários aspectos, poder-se-ia dizer que é um gênero tipicamente brasileiro, se levarmos em consideração a naturalidade com que foi aclimatada aqui e a forma original

como se desenvolveu entre nós. O que não quer dizer, por outro lado, que esse gênero tão volátil não tenha se desenvolvido em outros países.

No Brasil, conforme aponta Juarez Bahia, em *Jornal, história e técnica* (1990), a literatura passa a fazer parte dos jornais em meados de 1832. Inspirado na experiência do francês Émile Girardin, que publicara, no jornal *La Press*, em capítulos, histórias encomendadas a escritores, causando, assim, uma verdadeira febre editorial, o *Jornal do Comércio* é o primeiro a aderir à moda dos folhetins, publicando a tradução de *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas.

Antes, conforme Bione (2007), em 1827, ao criar o jornal o *Espelho Diamantino*, o editor francês Pierre Plancher sugere que todo jornal deveria ter alguém que desenvolvesse a função de um observador de costumes, que apresentasse visão e audição aguçadas para registrar os acontecimentos de sua aldeia. Dessa forma, deu-se início ao que foi chamado depois de crônica de costumes, o que caracterizará os tipos e hábitos brasileiros através de *representações satírico-moralistas como os textos do Padre Lopes Gama em O Capuceiro, a partir de 1832; de Martins Pena no Correio da Moda, em 1839 e de Josino do Nascimento Silva em O Cronista, em 1837*. (BIONE, op. cit., p. 58)

Vale destacar que o jornal *O Espelho Diamantino* (1827-1828), periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e modas, foi o primeiro a ser concebido para as senhoras brasileiras. Seria então o novo gênero frívolo, pedagógico, moralista, pensado somente para as mulheres? Seriam particularmente elas os leitores-alvo desse gênero?

Como já mencionamos, a crônica, antes de receber a roupagem própria do gênero, foi um “folhetim”, ou melhor, aquele artigo de rodapé que tratava das questões do cotidiano (política, arte, literatura, sociedade). Como assevera Candido (op. cit.), assim se configuravam os textos que pertenciam à seção. Ao *Correr da pena*, título sob o qual José de Alencar escrevia semanalmente no *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Conforme Candido, *aos poucos o “folhetim” foi*

encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (op. cit. , p.15).

Durante todo o seu percurso, a crônica foi abandonando cada vez mais sua intenção de informar e comentar (que ficou para outros tipos de jornalismo), para assumir a de divertir. Em relação à linguagem, Candido (op. cit.) afirma que esta ficou mais leve, mais descompromissada, afastando-se da lógica argumentativa ou da crítica política, promovendo o encontro com a poesia. Para o autor, o amadurecimento da crônica se dá quando ela realiza o casamento entre “o fato miúdo”, do dia a dia, com um toque de humor e seu *quantum satis* de poesia.

Vários foram os autores que se aventuraram nesse tipo de escrita. Na verdade, nossos grandes escritores dos oitocentos, como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, João do Rio, sem esquecer, é claro, Júlia Lopes de Almeida, Josefina Álvares de Azevedo e tantos outros ilustres representantes das belas letras, são “crias” do folhetim, tendo realizado seus exercícios de escrita ficcional nesse imprescindível espaço da imprensa.

Margarida de Souza Neves, em seu texto *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas* (1992), reflete sobre a relação entre a História e a ficção materializadas no corpo deste gênero. A autora chega a considerá-las verdadeiros “documentos”, especialmente no caso das crônicas cariocas, produzidas na passagem do século XIX ao XX. Isso porque se constituíam como um discurso de muitas faces, responsável por expressar, de forma muitas vezes contraditória, um tempo social vivido pelos contemporâneos como um momento de muitas transformações. Ao se apresentarem como narrativas do cotidiano e registrarem, com a ajuda da memória, “as imagens” de um tempo social é que esses textos construídos funcionariam como documentos.

Neves utiliza-se de uma epígrafe de Machado de Assis para assinalar o objeto da crônica, cuja matéria-prima é nada mais que o cotidiano, o qual é construído

pelo cronista, tendo em vista a seleção de certos aspectos/fatos em detrimento de outros. Vamos a Machado e sua teoria sobre a origem da crônica:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica¹⁷.

Sem prescindir de sua costumeira ironia, Machado de Assis, ao lavrar a certidão de nascimento da crônica, presenteia-nos com uma deliciosa cena quotidiana: “as vizinhas”, que sugerem intimidade, proximidade; a relação autor/leitor; depois o seqüestro do tempo “entre o jantar e a merenda”; em seguida, o “debicar”, que corresponde à seleção, subjetiva portanto, do material colhido pela memória a ser degustado, compartilhado. O cronista, enquanto reinventor do quotidiano, faz de suas narrativas verdadeiros lugares da memória.

Outro fator que merece destaque é o alcance desse tipo de gênero. Como seu suporte de difusão era, em princípio, o jornal, o número de leitores atingidos era seguramente maior que o de qualquer outro gênero. Além disso, por se tornar um gênero compulsório da época, tanto no que diz respeito ao consumo quanto à produção, pode ter assegurado a muitos jornais um espaço cativo nos lares de seus leitores, ávidos pelo folgar das histórias leves e dos entretenimentos oferecidos nos rodapés. Sem deixar de mencionar a fórmula, já referida, do “continua na próxima edição”. Portanto, como já frisara Meyer (1992), qualquer que seja o rótulo - variedades, folhetim, folhetins e quejandos - ele recobre algo que constitui realmente a viga mestra do jornal.

Ainda sob a égide do tempo, a crônica guarda em si talvez a sua feição mais marcante, quando em seu conteúdo registra as cenas do agora. Além de, com

¹⁷ Machado de Assis, “História de 15 dias”, 1 de novembro de 1877.

suas características formais, estabelecer com o leitor, através do jogo e do lúdico a cumplicidade do momento vivido . Como assevera Neves:

A crônica, pela própria etimologia – *chronus*/crônica -, é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do Narrador. Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. (NEVES, 1992, p. 82)

É o cronista-narrador, dotado do poder de síntese, da sutileza da palavra, que vai “bailar” com o tempo, escolher seus pares, extrair dele o inesperado, registrar e reconstruir essa trama complexa que é o momento vivido, ao mesmo tempo em que conduz o leitor nessa “valsa”, rodopiando, encantando, sugerindo e provocando. Enquanto leitores, somos desafiados a arriscar nossas interpretações e leituras dessas “entidades” que nos escapam.

Portadora, precipuamente, do “espírito do tempo”, a crônica será acrescida de outras roupagens: o toque mais literário; a preocupação com a forma, não no sentido parnasiano e verbalista, mas a forma com suas sutilezas poéticas e irônicas; as pitadas de humor; a intimidade provocada pelo tom, muitas vezes marcado pela oralidade responsável pelo “sentar-se à mesa com o leitor”; o ir além do registro formal ou do mero comentário. Tudo isso vai permitindo, no decorrer do século XIX, que esse gênero se abra, não sem alguma dificuldade, à investigação. É possível notar determinadas recorrências de estilo, ora no plano individual, ora atingindo um grupo maior de escritores. Ao contrário do que se esperava, pode-se pensar numa literatura de grandes cronistas: Rubem Braga, Fernando Sabino, João Ubaldo Ribeiro, dentre tantos outros, estão aí para nos provar a assertiva.

2.3 CHRONOS E O NOVO PROTEU: A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO LITERÁRIO

A metáfora do tempo, a que nos referimos anteriormente, é fundamental para pensarmos esse “incipiente” projeto literário que é a crônica no contexto do século XIX. Aliado a essa entidade – a crônica, o novo Proteu retoma o mito grego, representado por um homem com cauda de peixe, escorregadio, que não é homem nem peixe, mas ao mesmo tempo conjuga os dois. Essa imagem representa bem a essência da crônica e do cronista, uma vez que ambos acabam por escapar às nomenclaturas e definições. Aquela por ser uma verdadeira aquarela, pintada com gêneros tão diversos quanto se possa imaginar; este, por poder tanto ser chamado de folhetinista, jornalista, cronista. Não é à-toa que a crônica sempre fora vista como o gênero mais escorregadio das letras brasileiras.

Costuma-se apontar, didaticamente, como características do gênero crônica a apresentação dos fatos do dia a dia, a concisão textual, a linguagem simples, a relação de interação entre autor e leitor, o vínculo com a imprensa, o fato de ela situar-se entre a ficção e a realidade, além de ser um gênero flexível. Essas marcas podem até nos ajudar a identificar ou reconhecer as crônicas; no entanto, podem ser também bastante redutoras, conferindo-lhes um caráter ainda mais fluido. Assim sendo, faz-se necessário uma acuidade maior ao tratar desse gênero.

Tomemos novamente Candido (1992) para entender como foram sendo construídos os postulados teóricos acerca desse gênero. Segundo o autor, no século XIX, era possível observar em escritores como José de Alencar, Francisco Otaviano e Machado de Assis um corte mais leve em seus artigos. Logo depois, em França Júnior, por exemplo, já se nota uma redução de escalas nos temas, ligadas à gratuidade e ao incremento do humor. O autor ainda menciona Olavo Bilac, a quem chama de mestre da crônica leve, afirmando que o poeta aliava o comentário a certa dose de poesia. Importante lembrar que, apesar de Bilac

pertencer a uma estética de orientação parnasiana, a sua produção cronística tomava outras feições. Conforme afirma Candido:

A leitura é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo [Bilac] a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e na prosa de suas conferências e discursos. Mas que encolhem nas crônicas. É que nelas parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões freqüentes; nem o vocabulário “opulento”, como se dizia, para significar que era variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto bem soantes. Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloqüência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias. (1992, p. 16)

O humor e o sarcasmo de João do Rio também são mencionados entre traços característicos da crônica. Além dos referidos escritores, Candido aponta Carmem Dolores e João Luso como importantes figuras na construção desse novo projeto literário.

Observa-se que o mero registro do inesperado exigirá certas adequações de linguagem na crônica. A primeira delas diz respeito à busca do caráter oral na escrita, a fim de quebrar o artifício e tentar se aproximar daquilo que havia de mais natural. O comentário mais ou menos argumentativo e expositivo cede espaço à “conversa fiada” ou ao “bate-papo” na esquina. Para dar sentido ao “vácuo absoluto”, o cronista se servirá de diversos meios: os diálogos, a narrativa, as piadas, a exposição poética etc.

José de Alencar foi o grande responsável, na segunda metade do século XIX, pelo início das feições estéticas da crônica. É dele a metáfora do escritor-colibri, utilizada para tratar do escritor que se decidisse pelo gênero fugidio. O autor se tornaria *uma espécie de colibri a esvoaçar em zigue-zague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho* (1960, IV, p. 647-648). Conforme Meyer, Alencar é responsável por dar à crônica:

Uma pena ágil que registra o acontecido, social, artístico ou político, numa época de capitalização, de crescente transformação social. [...] Entre tantos aspectos dos *charmosos* folhetins de Alencar, saliento o de um extraordinário à vontade do jovem, por exemplo, em relação aos seus destinatários. Às destinatárias privilegiadas, aquelas senhoras que tinham “tão estritamente adequado” seu vocabulário “às cousas do vestido, da sala e do galanteio”, que não hesita em mandar largar a folha quando resolve falar de “negócios muito sério”, ou seja, de política [...]. E depois de escrever sua *tirada política*, retoma o fio com a maior desenvoltura. (MEYER, 1992, p. 107)

Em outras palavras, o colibri zigue-zagueia entre os assuntos de caráter sério (política), destinados aos senhores, e os mais amenos, voltados às mulheres. Tudo isso parece confirmar a hipótese de que a posição marginal da crônica comunga com a também marginalizada posição da mulher enquanto leitora-idealizada para o gênero. No entanto, em 1855, segundo nos aponta Meyer (op. cit.), Alencar apresenta uma escrita mais ágil, com períodos mais curtos, crítica aguçada, uma prosa mais desenvolta, lírica, irônica, soltos os diálogos que entremeiam as considerações destinadas a plurifocado destinatário.

Já em relação a Machado de Assis, Meyer (op. cit.) informa que, desde jovem, em 1859, o autor de *Capitu* começa a colaborar regularmente em *O Espelho*, revista de literatura, modas e arte, impressa na tipografia de seu amigo Paula Brito. É nesse espaço que o jovem Machado começa a maturar o caráter incisivo de sua escrita, esboçando já futuros personagens. O escritor também se ocupa dos gêneros narrativos modernos como, por exemplo, o folhetim. “Que de tão moderno, diz ele, não pode agradar ao empregado público aposentado” (1992, p. 94), que se torna alvo da seguinte crônica:

O empregado público aposentado poderá deixar de comer, mas lá perder um jornal, lá perder um jubileu político ou sessão do parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.

O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que ele é capaz. Devora-o todo, anúncios e leilões; e se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é

frutinha do nosso tempo.¹⁸

Nas *Aquarelas*¹⁹ machadianas, é possível notar o tom incisivo que marcará a escrita deste celebrado autor. No trecho supracitado, o alvo do escritor será, como se pode notar, o apego do funcionário público ao passado, à tradição. Assim, Machado de Assis, conforme menciona Neves (1992), deixou-nos uma visão bastante particular do seu tempo, sempre atravessada pelo amálgama de ceticismo e humor que lhe é característico. Suas crônicas, abarcando um longo período que se estende de 1859 a 1897, foram publicadas por vários órgãos de imprensa tais como *O Espelho* (1859), o *Diário do Rio de Janeiro* (1861-1867), *O Futuro* (1862-1863), a *Semana Ilustrada* (1872-1873), a *Ilustração Brasileira* (1876-1878), *O Cruzeiro* (1878) e a *Gazeta de Notícias*.

Diferentemente de Alencar, Machado de Assis não delimita temáticas, direcionando a homens e mulheres assuntos específicos a cada um dos gêneros. Labora seu texto, na verdade, pensando num leitor do seu tempo, período de mudanças que servem de mote para o escritor comentar, de forma sinuosa, as transformações da cidade. Assim como todos os seus escritos, a crônica escapa a toda e qualquer tentativa de classificação, uma vez que seu texto está fortemente comprometido com a reflexão social, sempre numa narrativa pujante e cáustica. Ao comentar seu ofício de cronista, de forma irônica, Machado arremata: *não é novo nada disto, nem eu estou aqui para dizer coisas novas, mas velhas, coisas que pareçam ao leitor descuidado que é ele mesmo que as está inventando*. (1944, p. 283). Ao aproximar-se cada vez mais do cotidiano, o escritor confere mais maturidade estética à crônica.

Machado de Assis, ao refletir sobre o trabalho do cronista – chamado por ele de folhetinista, procura definir “a nova entidade literária”, num texto de 30 de outubro de 1859. Segundo ele:

¹⁸ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/html/cronica/mac15.htm>. Acesso em 08 de dezembro de 2008.

¹⁹ Seção do jornal *O Espelho*, assinada por Machado de Assis, Rio de Janeiro, 11 e 18/09 e 9, 16 e 30/10/1859.

O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. (...) O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. Assim aquinhoado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a *bas bleus* para aplaudi-lo. (ASSIS, 1944, p. 35)

Já em outro momento, a cinematografia leva o escritor João do Rio a repensar a atividade do cronista. Assim sendo, a crônica passa a ser laborada como um gênero gêmeo ao cinema, ao menos no que diz respeito a determinadas técnicas. Para tanto, o Rio de Janeiro aparece na letra dos cronistas como síntese e microcosmo do Brasil, além de sua capital.

Outra questão relevante diz respeito ao fato de as crônicas da virada do século XIX construírem múltiplas metáforas da ordem, dentre elas podendo-se destacar a imagem do bonde enquanto alegoria do progresso. É o tempo de mudança, de transformação política e social, de valorização das idéias europeizadas, no final do já referido século, que constituirá um dos motes mais importantes de muitas das crônicas da época. O lado positivo, e muitas vezes, negativo, dessas transformações é evidenciado no trecho seguinte:

Que nos resta mais do Rio antigo, tão curioso e tão característico? Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas. O progresso, a higiene, o confortável, nivelam almas, gostos, costumes, a civilização é a igualdade num certo poste, que de comum acordo se julga admirável... O Rio, cidade nova – a única talvez no mundo cheia de tradições, foi-se delas despojando com indiferença. De súbito, da noite para o dia, compreendeu-se que era preciso ser tal e qual Buenos Aires, que é o esforço despedaçante de ser de Paris. (RIO, 1909, p. 215)

Assim, nas mãos masculinas, o “gênero tipicamente brasileiro” vai se delineando de forma diversa. Os cronistas passam por um processo de experimentação

estética: a leveza através de temas e linguagens, o comentário ornado de lirismo, a acidez dos “confeitos” machadianos, o humor e o sarcasmo ante as transformações sociais etc. É o homem *en passant* que, através do olhar, seqüestra o tempo e o oferece revestido de molduras várias. A partir de então, dadas as condições em que viviam, faz-se necessário inquirir como as mulheres participaram da construção desse novo projeto literário, tantos os desafios a que eram obrigadas a enfrentar e tantas as condições adversas advindas do “ser mulher” num espaço quase que totalmente constituído por homens.

2.4 CARTA DO RIO: A ESCRITA CRONÍSTICA DE MARIA CLARA

Flâneur. Eis a condição daquele que se propõe a “aprisionar” *Chronos* nas teias da escrita. Assim sendo, o cronista toma para si esse estado de flutuação, de devir constante. É o narrador do vagar sem destino, da experiência flutuante, desavisada. Dono de um olhar cuja sensibilidade impregna de poesia as cenas da vida quotidiana, retirando delas o riso, a reflexão, a moral, o espanto.

Na passagem “O *flâneur*”, presente no ensaio intitulado “Paris no segundo império” (1997), Walter Benjamin reflete sobre esse tipo humano que habitou o fim da modernidade na passagem do século XIX para o XX. Nesse texto, o autor menciona o gênero fisiologia, cuja artimanha seria o folhetim, produto da *flânerie* - uma vez na feira, o escritor olhava à sua volta como em um panorama (BENJAMIN, 1997, p. 33) e, assim, captava todos os tipos humanos: do vendedor ambulante do bulevar ao elegante *foyer* da ópera, enfim, todas as figuras da vida parisiense.

Na “feira”, conforme aponta Benjamin, o *flâneur* está em casa, a rua é a sua moradia. Graças a ele *essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis encontra seu cronista e seu filósofo* (op. cit., p. 35). Nesse sentido, o cronista – ao observar diretamente os fatos – permite, conforme Jorge de Sá (1987), o registro deles de

tal forma que mesmo os mais efêmeros parecem ganhar certa concretude. Assim, cronista e *flâneur* se aproximam ao “aquarelarem” a vida *en passant*.

Enquanto cronista, a jovem senhora Maria Clara da Cunha Santos será uma das mulheres, no contexto do *fin du siècle*, a flunar o cotidiano da capital da República. De lá serão enviadas as cartas que deverão compor a coluna “Carta do Rio”, presente durante quase toda a publicação de *A Mensageira*²⁰. De forma geral, esses textos constituem trechos da vida carioca de então, impressões da escritora sobre arte, considerações sobre comportamentos e relações familiares, breves notas sobre publicações e exposições, espécie de colunismo social tratando de festas e eventos importantes, algumas anedotas etc.

No primeiro número da revista²¹, Maria Clara escreve uma carta a sua prima Presciliana Duarte de Almeida, então diretora do periódico, através da qual aceita o convite para ser colaboradora:

De longe... mandar-te-ei as minhas impressões, na singela linguagem que escrevo sempre, tão despidas de encantos e de arte. Assim pois, guarda para mim, em tua revista um lugarzinho para “As Cartas do Rio”, que iniciarei no próximo número. (*A Mensageira*, ano I, n. 1, pág. 6, 1898)

Os textos enviados pela autora vão compor um painel multifacetado, uma vez que suas contribuições passeiam entre gêneros diversos: são notícias expostas de forma narrativa, constituindo um híbrido de conto e crônica, cartas, críticas, colunismo social, como já nos referimos, enfim, um espaço de informação e entretenimento. Na maioria dos casos, podemos perceber as pinceladas de impressionismo da autora, numa linguagem freqüentemente bordada de “encanto”.

²⁰ Verificamos que a ausência da coluna “Carta do Rio” se dá em quatro números. No primeiro, a autora escreve uma carta através da qual participa aos leitores sua colaboração permanente na revista; os dois números do mês de abril de 1898 também não apresentam a coluna, uma vez que M.C. viajara a São Paulo, em companhia do marido. Há, também, na revista n. 36, uma justificativa para a ausência dos textos da escritora, informando ao leitor que esta padecia de “ligeiros incômodos de saúde”.

²¹ *A Mensageira*, Ano 1, n.1, pág. 5-6, São Paulo, 1897.

Nesse mesmo número, Maria Clara envia o conto (anexo 3.1) – inspirador do título desta dissertação - *Brilhantes brutos*. O texto trata do enlace de um médico com uma moça “roceirinha”, no sertão de Minas Gerais. Os modos grosseiros da jovem foram “domesticados” pelo “bom marido”. Depois de ser a jovem submetida a certo refinamento, o casal vai morar na Europa e passa anos sem dar notícias. De volta ao Brasil, já viúva e acompanhada do filho, a elegante senhora vem mostrar ao jovem “São João Batista - a terra das barras de ouro e dos brilhantes brutos”. A expressão se metaforiza para representar a transformação sofrida pela jovem através da educação, capaz de elevar os espíritos e lapidar o comportamento social, intermediado pela ação masculina. Importante lembrar o que leva Maria Clara a escrever o conto: *Envio-te o conto que escrevi ontem, após a visita de uma velha amiga, impressionada por um caso por ela observado no sertão de Minas*²². Como se pode perceber, ao buscar elementos no cotidiano, a autora realiza uma espécie de encontro entre os gêneros.

2.4.1 De Repente Crônicas.

Carta do Rio. Ao fazer referência ao gênero epistolar, o título da coluna pertencente a Maria Clara parece estabelecer com o leitor uma relação de intimidade e familiaridade. O “eu” clariano revela a si e ao outro para um “outrem” desconhecido através de suas impressões acerca de política, costumes, moralidades, arte, enfim, uma miscelânea de assuntos que pretendem pintar o cotidiano da capital da República. Ora, o lugar de onde fala Maria Clara e a escolha, aparentemente despretensiosa, do gênero (carta) podem ser indícios importantes para se pensar a relação autor-leitor. Sob o termo genérico “carta”, a cronista realiza outras experimentações - literárias ou não. São cartas, mas também exercício de crítica de arte, breves notícias, espécie de jornalismo social, pequenas narrativas, anedotas, recortes de outros jornais etc.

Sobre o ofício de correspondente, Maria Clara chega a questionar a função do cronista:

²² *A Mensageira*, Ano 1, n. 1, pág. 6, São Paulo, 1897.

É o caso de se prometter um premio – e bom premio – ao chronista que conseguir durante uma quinzena como esta – só de festas e alegrias – escrever duas linhas que não sejam discriptivas dos festejos esplendorosos e dizer duas palavras que não se refiram á festa, que tudo absorve.

Aos jornaes diários, exclusivamente, devia caber a tarefa de relatar, por miúdo, as festas e os festejos.

Aos escriptores que escrevem chronicas bem podia se poupar esse trabalho, aliás inútil. Mas como? Si elles próprios são os primeiros a não poderem se libertar dessa influencia!

(*A Mensageira*, ano II, n. 30, p. 119-120, 1899)²³

Parece que a autora entende o “escritor que escreve crônica” como sujeito que não escapa inclusive ao fútil. Por isso, talvez, ela própria não se esquite desse trabalho inútil.

2.4.1.1 “Segredos em boca de Mulher” – tons de reflexão

A matéria colhida do circunstancial - que pode surgir da observação *in loco* ou do ouvir dizer - é o mote do gênero crônica. Como bem afirmou Vinícius de Moraes, em seu *O exercício da crônica*²⁴ - *com o prosador do cotidiano a coisa fia mais fino* - daí a leveza desse tipo de texto. Assim, as crônicas de Maria Clara que foram agrupadas sob a temática “reflexão” seguem o princípio da literatura apontado por Sá (op. cit., 1987), que se baseia na comoção, no ensinamento e no deleite.

Na crônica I²⁵, “a trança postiça” representa o eixo que orienta as reflexões de Maria Clara acerca da “velhice”, da “caristia” e “da higiene das praias”. Tudo acontece muito brevemente, durante um formoso dia de verão, quando a narradora parece absorta ante a beleza do mar. Ao encontrar uma trança postiça de cabelo grisalho, presa ainda a um grampo de tartaruga, a autora personifica o referido objeto: *Pobre trança perdida! Disse eu! Quem és? A quem pertences?*

²³ Optamos por não atualizar a ortografia dos textos de Maria Clara em respeito à originalidade deles.

²⁴ Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/vinicius/poecc66.htm>. Acesso em 11 de dezembro de 2008.

²⁵ Todas as crônicas referidas neste trabalho não são tituladas e podem ser encontradas no Anexo 2.0.

*Quem seria a tua primitiva dona?*²⁶ A partir de então, são feitas algumas conjecturas sobre a origem daquele objeto. A escritora constata que ele fora perdido por sua velha dona, quando lhe prestava o serviço de “esconder sua calva”. Acrescenta que *neste tempo de horrível carístia, aquella trança daria alguns nickeis em um Belchior qualquer da rua da Carioca*, lançando sobre o objeto toda a sua indignação: *que ignomínia! A falar a verdade, todas as tranças postiças deviam ter um fim trágico, não direi que fossem lançadas ao mar, por higiene e formosura das praias, mas lançadas ás chammas de uma fogueira enorme!*²⁷

A trança postiça - *desprezada aos balanços das ondas* - parece ser uma metonímia da repulsa à velhice, que leva consigo os fios que embelezam a juventude, ela é o símbolo da decadência dos anos. Além disso, é sinal de desrespeito à carístia, sendo também responsável pelo enfeioamento, inclusive, do mar.

Na crônica III, Maria Clara exercita um pouco de sua ironia: *Os sábios erram, os philosophos mentem...* Nesse texto, o ponto de partida é um episódio envolvendo a previsão do astrônomo francês Camille Flammarion, que havia anunciado uma suposta chuva de estrelas que não aconteceu. Aproveitando-se desse episódio, a autora tece uma narrativa enaltecendo aquilo que seria para ela a verdadeira sabedoria – o saber viver. Para justificar a assertiva, relata o caso de um senhor do Sertão de Minas, remediado de fortuna e pai de quatro filhas, cujas respectivas vocações soubera respeitar. A filha mais velha era muito talentosa e mostrava gosto para a música e para as letras. O pai, então, a mandou estudar em Ouro Preto, e ela se tornou uma mulher “ilustrada e útil”. A segunda filha do fazendeiro não gostava dos estudos, então o pai a chamou, dizendo-lhe: *a gente neste mundo deve servir para a sala ou para a cosinha [...] o que é preciso é que cada um siga a sua inclinação, ahi é que está o grande segredo da vida.*²⁸ Assim, a segunda filha escolheu se casar. Em relação à terceira filha, quando esta estava

²⁶ *A Mensageira*, Ano I, n. 2, p. 19, 30 de outubro, 1898.

²⁷ *A Mensageira*, op. cit.

²⁸ *A Mensageira*, Ano I, n. 4, p. 52, 30 de Nov, 1897.

em idade de ir para o colégio, o pai lhe perguntou se ela gostaria de estudar, como a irmã mais velha, ou se casar, como fizera a outra. Ela lhe disse, então, que gostaria de estudar e depois se casar. E, assim, o pai assentiu. A filha mais nova pediu um marido, em vez de livros, no que foi atendida. A narradora continua:

Desta sorte o homem philosopho não contrariou a vocação das filhas e vivem hoje as quatro muito felizes, a seu modo, está claro. A terceira, casada com um médico, é amiga inseparável da primeira, tocam piano juntas lêem [sic] o mesmo livro, estudam e criam seus filhos muito diversamente da segunda e da quarta, que, também muito amigas, vivem lá a cultivar a terra, plantando favas e pepinos e criando os filhos a laçar bois, pescar, caçar; enfim uma vida completamente material. O velho – o philosopho, ama-as por igual. Bem razão tinha elle em affirmar que cada um deve seguir a sua inclinação. (*A Mensageira*, Ano I, n. 4, p. 53, 30 de Nov, 1897)

Interessante pensar, então, nos espaços destinados à mulher, ora é a cozinha o seu reinado, ora é a sala, onde a “boneca de porcelana” toca piano e realiza leituras para a família e convidados, uma espécie de coisificação socialmente aceita. A instrução da mulher funciona, conforme a perspectiva apontada nessa crônica, como um mero apetrecho, através do qual a mulher educará melhor os filhos, tornando-se socialmente aceita. Essa visão parece cristalizar-se e atravessar todo o século XIX, principalmente em muitas mentes pensantes de homens e mulheres socialmente remediados.

Da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, especificamente em relação à publicação de um relatório sigiloso sobre um atentado de 5 de novembro de 1897, no Arsenal de Guerra, no Rio de Janeiro, contra Prudente de Moraes, quando foram convocadas vinte e duas mulheres para a redação do referido relatório, Maria Clara tece elogios, contrariando o senso comum, à capacidade feminina de se manterem sigilosas. Essa crônica (n.º X) nos traz ainda informações sobre a profissionalização das mulheres em fins do século XIX: *Como se sabe, no trabalho material da fabricação do Diário Oficial, muitas mulheres encontram aqui elementos para ganhar sua vida, ora compondo livros e paginando, ora auxiliando*

*nos trabalhos de revisão e encadernação*²⁹. Isso evidencia que até na divisão sexual do trabalho o suposto “sexo frágil” ocupa o lugar do trabalho manual, mesmo em profissões que não exigiriam esforço físico.

A cronista ainda menciona o que seria para ela a lei da compensação: enquanto algumas mulheres desprestigiam o próprio sexo, alguns homens *sabem fazer justiça á nossa discreção e preferem para uma emergência melindrosa, como essa da publicação do relatório sobre o atentado de 5 de novembro – as mulheres e não os homens*³⁰. Pode-se perceber que os homens, na fala da cronista, parecem ainda constituir a voz da verdade, um aval masculino tem a força da legitimação. E finaliza: *Segredo em boca de mulher...Saberei defender o sexo fraco lembrando o recente facto a que acabo de alludir!*³¹

Já na crônica IX, datada de 30 de janeiro de 1898, um cocheiro de tálburi, que ganhara na loteria, decide-se por continuar a trabalhar na sua modesta profissão, o que merece uma crônica elogiosa. Segundo Maria Clara, *decididamente é um grande philosopho esse cocheiro! Tem a rara virtude de conhecer a sua ignorância!*³²

Maria Clara também registrou sua indignação contra a injustiça social, precisamente no que se refere à abolição da escravatura. Na crônica XII, a autora relata o encontro com uma lavadeira, a qual havia sido cativa e depois liberta, através da Lei Áurea, no dia 13 de maio. Enquanto escrava, a lavadeira teria sido alugada como ama de leite de uma criança rica. Na fala da ex-escrava: *A creança que eu creava, eu a amava tanto que as vezes – que loucura! quando a beijava e affagava sentia que beijava o meu filho e que diferença – meu filho negro como carvão, e a creança alva como jasmim*³³ ...

²⁹ *A Mensageira*, Ano I, n. 9, p. 133, 15 de fev, 1898.

³⁰ *A Mensageira*, op. cit.

³¹ *A Mensageira*, op. cit.

³² *A Mensageira*, Ano I, n. 8, p. 118, 30 de jan, 1898.

³³ *A Mensageira*, Ano I, n. 11, p.164, 15 de mar, 1898.

É preciso destacar que a autora, apesar de se posicionar contra a escravidão, não deixa de evidenciar, através da fala da lavadeira, os estigmas culturais das diferenças de cor. No texto em questão, de forma um tanto quanto pejorativa (“Meu filho negro como carvão, e a creança alva como jasmim”), as cores branco/negro parecem corresponder respectivamente ao não-poético e ao poético (carvão/jasmim). Em seguida, Maria Clara continua a dar voz a sua interlocutora:

Eu era captiva e meu senhor me alugou para ama de leite dessa creança, de que eu falo, por 120\$000 por mez – o meu patrão chegou ao pé de mim e me disse que d’aquelle dia em diante eu era livre mas que continuasse a amamentar seu filho. Meu ordenado seria d’hai por diante de 40\$000 por mez porque o dinheiro era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico. (*A Mensageira*, Ano I, n. 11, p. 164-165, 15 de mar, 1888)

A autora se posiciona criticamente ante esse episódio e muitos outros casos ocorridos durante a escravidão, classificando-os como “hediondos, bárbaros e atrozes”. Se, por um lado, o texto parece sinalizar certo preconceito, quando faz referência ao contraste branco/negro, por outro, a autora desfia sua ironia ao comentar a posição do patrão, instigando o leitor com a interrogativa:

[...] do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mez enquanto um outro homem – também rico – recebia o aluguel para consumi-lo em capitosos vinhos e luxuosas ostentações e que no momento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o terço do seu valor! Edificante, não acham? (*A Mensageira*, Ano I, n. 11, p. 164-165, 15 de mar, 1888.)

Na crônica XIX, a partir da visita a uma exposição, a narradora ouve um crítico tecer comentários ásperos a respeito de um quadro do qual ela havia gostado muito. Ao perceber que o pintor era alguém renomado, o crítico muda de postura e, embevecido, passa a admirar a obra outrora desmerecida por ele. Maria Clara fecha o texto exercitando sua ironia através da frase de efeito, tomada de empréstimo ao Padre Antônio Vieira: *Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.*³⁴

³⁴ *A Mensageira*, Ano I, n. 21, p. 321, 15 de agosto de 1898.

Há, nos textos selecionados para a temática deste tópico, mais duas crônicas também interessantes. Numa delas, a de número XXI, a partir de uma notícia veiculada nos jornais da capital, Maria Clara envolve de lirismo o amor maduro:

Cento e quarenta annos bem sommados tinham os dois, elle e Ella, ou simplificando a operação, setenta annos cada um delles, o raptor e a raptada.

É verdade! pelo menos foi o que publicaram os jornaes desta capital.

Aos setenta annos ainda póde uma mulher, naturalmente feiticeira, incendiar paixões e provocar desordens, e com equal idade, ainda existe nesta terra poderosa, homem de coração apaixonado e cheio de vigor para cavallarias tão altas!! É o caso do sábio provérbio: não falta nunca para um pé inchado um chinello velho. Para uma Julieta de setenta annos há sempre um Romeo da mesma idade! (*A Mensageira*, Ano I, n. 22, p. 352, 30 de ago, 1898)

Na crônica de n. XXIX, Maria Clara ironiza o medo das pessoas em relação ao prenúncio do fim do mundo:

Morrer de medo deve ser o cumulo da cobardia! Haja em vista esta historia que me contaram a propósito da peste bubônica em Santos. Um sujeito, excessivamente medroso, ia fugindo da peste indiana que arrasou a Inglaterra em 1665.

Em caminho, adormeceu, de cançado e sonhou que vira em um jardim magnifico uma mulher pállida e feia, definhada e antypathica a colher flores. O jardim era enorme e muito bem tratado. Só três pessoas lá estavam, a mulher pallida e feia e dois rapazes fortes e robustos. Emquanto a mulher, que tinha um ar de preguiçosa, colhia uma flor, os rapazes colhiam dezenas e centenas de lindas e viçosas flores.

A mulher afinal foi descendo as escadas do jardim, desanimada e triste.

Os incançaveis mancebos continuavam sua faina, devastando o jardim.

O medroso que espreitava, perguntou á mulher: que gente é essa? De quem é esse jardim? A horrorosa mulher fez um tregeito macabrio, e respondeu: "O jardim pertence a Deus, é o mundo, as flores são as creaturas... eu sou a Peste Bubônica e aquelles guapos rapazes são um o Terror e outro o Boato."

E esta? Como o Boato e o Terror fazem muito mais victimas do que a Peste!

Foi um sonho, me dirão.

Mas um sonho, respondo eu, que dá a ideia da realidade da vida. (*A Mensageira*, Ano II, n. 34, p. 185-186, 15 de nov, 1899)

As crônicas selecionadas trazem em sua essência um caráter didático, uma possível lição de vida aos leitores, partindo sempre de provocações. Maria Clara tenta comover seu leitor misturando elementos referenciais a pitadas de ficcionalização. Além disso, promove, muitas vezes, a aproximação do texto escrito com a oralidade. Basta observar a presença constante das exclamações que surgem para enfatizar determinadas passagens, aproximando-as da expressão falada. Outra característica que marca essa produção diz respeito ao uso das injunções. O leitor é provocado por meio dos verbos na forma imperativa e das construções interrogativas, sem falar, é claro, do fechamento, sempre com o uso de uma frase de efeito. Todas essas marcas acabam por despertar no leitor reflexões acerca das mais diversas temáticas: política, existencial, social, amorosa.

2.4.1.2 Comportamento: Traição, amor e vaidade

Neste outro grupo de crônicas que se aninham sob a temática dos comportamentos humanos diante de sentimentos também marcadamente da essência humana, Maria Clara acaba utilizando um discurso muitas vezes moralizante e pedagógico.

Na primeira crônica deste grupo (n.º VII), a autora introduz da seguinte forma sua reflexão: *Quantas vezes se não tem fallado das cruéis decepções que a todo instante encontram os amorosos corações nesta vida tão cheia de sonhos e de mentiras! O amor é sempre a causa dessas quedas tremendas*³⁵. Em seguida, ela conta o caso de Theodora, uma mulher que, ao ser traída, dorme durante vinte meses. Levada pela dor causada pela desventura amorosa, a mulher sucumbe à perda, tornando-se, conforme a narradora, “Pobre victima do amor!”³⁶

³⁵ *A Mensageira*, Ano I, n. 8, p. 115, 30 de jan, 1898.

³⁶ *A Mensageira*, op. cit., pág. 115.

Na crônica XIII, as notícias trazidas por uma amiga constituem o elemento fomentador de uma discussão sobre luxo e vaidade. Tudo começa quando a referida amiga noticia, num tom de lamento, a falência de um casal de amigos e, em consequência disto, o sofrimento que acometera a esposa. A partir de então, Maria Clara dá início às suas ponderações sobre o fato:

Estão todos fortes, teem saúde, podem trabalhar. Precisamos ter coragem. A fortuna é um bem, não há duvida, mas sem Ella também se vive e póde-se mesmo ser feliz. Deus me livre de pensar assim como pensas! A respeito da fortuna eu tenho minhas idéias muito especiaes. Acho que o luxo é o maior factor de desgraça. Na mulher principalmente é que o luxo actua de modo mais desastroso! Nota bem que o que nossa amiga sente e patenteia por esse pezar enorme é a falta de luxo que váe ter d'ora em diante. (*A Mensageira*, Ano I, n. 12, p. 184, 31 de mar, 1898)

O posicionamento de Maria Clara sobre a moda, principalmente, parece corroborar o discurso de repulsa sustentado pelos representantes do “sexo forte”. Como é sabido, já no início do século XIX, a suntuosidade dos adornos femininos incomoda alguns homens. A moda passa a ser associada à frivolidade de espírito, muitos jornais direcionados à mulher sustentavam um discurso veemente contra os “enfeites”. *Na verdade, havia uma preocupação em não desperdiçar as fortunas das famílias nem dar às mulheres o poder de engendramento, de criação que, por exemplo, as francesas tinham. As questões voltadas para a moda, segundo alguns, geravam disputas e intrigas entre as mulheres* (NEVES; LAGUARDIA-RESENDE , 2007, p. 8)

Ainda consoante Neves e LaGuardia-Resende (op.cit., p. 9), na “arte de ser mulher”, a delicadeza, a discrição e a modéstia representavam fortemente a construção – bastante utópica – da mulher perfeita. Na visão masculina, a “moda” representava um perigo, uma ameaça contra os bons princípios da ordem e da moral. Era preciso guiar o “sexo frágil”, instruir as almas através da admoestação do corpo. De acordo com Elizete Passos, no texto “*A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina*”:

A feminilidade não depende de confirmações (como ocorre com a masculinidade), porque ela se inscreve no biológico. O corpo constitui-se a base para a imposição de padrões e normas de comportamento, entre os quais, destacavam-se a beleza, a pureza, a sujeição, passividade e dependência. (PASSOS, 2002, p. 63)

Mais adiante, para sustentar sua argumentação contra o luxo, Maria Clara conta uma história que, pelo tom moralizante com que é narrada, mais parece uma parábola. Segundo a autora, em Niterói, havia uma moça muito rica, que dava muito apreço a sua fortuna. Um belo dia, apaixonou-se por um rapaz pobre e, arrebatada por tão nobre sentimento, com ele contrai núpcias. O rapaz, dignamente, trabalha o bastante para mantê-los sem se utilizar do dote levado pela moça. Enquanto isso, a moça rica usufrui dele com toda a sorte de despesas “fúteis”: vestidos, jóias e festas. Todas as despesas gastas exclusivamente com o dote eram devidamente registradas pelo marido. Um dia, de forma imperiosa, a moça disse ao marido que queria um vestido de veludo e que ele tirasse do dinheiro dela. Foi então que o marido lhe disse energicamente que o dinheiro do dote havia esgotado:

[...] ela o dissipára exclusivamente em suas phantasiosas despesas e que d’aquella data em diante tinha que se sujeitar às suas condições e receber o que elle pudesse dar, exclusivamente.

Ella quis chorar, pudera! a perspectiva da economia aterrorisava-a! Ahi então o marido, como homem ajuizado e verdadeiro amigo, fel-a calar-se e disse-lhe que novos horizontes de felicidade vinham illuminar o lar, a querida paz do lar que até então só era perturbada pela idéia do luxo, que é a ostentação da vaidade e de mil outras paixões despresaveis.

Viveram d’ahi por diante muito felizes, - marido livre d’aquelle vexame constante de ouvir falar em dote e em dinheiro humilhante, - Ella mais feliz também, porque livre de toda preocupação do luxo, começou por dar ao dinheiro o valor que elle tem. (*A Mensageira*, Ano I, n. 12, p. 185-186, 31 de mar, 1898).

Assim, é possível inferir que Maria Clara mantém em relação ao luxo e, por conseguinte, à moda, uma posição bastante pedagógica, em que o “homem ajuizado” é o responsável por controlar os excessos da mulher e orientá-la no sentido de fazê-la enxergar o verdadeiro horizonte da felicidade – a vida conjugal.

Ainda nesse texto, a interlocutora exclama sorrindo: *Se todos os maridos fossem como esse advogado...* (Op. cit., pág. 186).

Na crônica XXIII, Maria Clara menciona as esperanças que surgem a partir da grande loteria e avalia como positivo o fato de se sonhar acordado:

Tal qual um disptico que precisa de apperitivos para excitar o estomago cançado e doentio, há muita gente que precisa de vez emquando de um bilhete de loteria para reanimar a imaginação abatida e proporcionar ao espirito o suavissimo goso de sonhar acordado. (*A Mensageira*, Ano II, n.25, p.2, 15 de fev, 1899)

Além desse texto, há também a crônica XXVIII, na qual Maria Clara chama a atenção dos leitores para a “mania de sofrimento” e as lamentações doentias carregadas por algumas mulheres, advertindo-as ao fim do texto: *Nada de lastimas, minhas leitoras. Deixemo-nos disso. Com lamentos e tristezas só conseguiremos uma cousa: enfastiar as pessoas a quem amamos e afugentar as que nos amam.*³⁷

Exercitando a *flanerie*, a autora flagra e captura imagens e conversas, a partir das quais labora o seu texto despretensiosamente. Na crônica XXVI, ao ouvir a conversa de duas artistas, a autora aproveita para “espinhar” determinados hábitos da sociedade:

[...] Queixavam-se ambas, censurando uns tantos costumes impagaveis da nossa terra e do nosso povo. Dizia a pintora, com um ar de sarcasmo muito fino: “se eu fosse dar quadros e trabalhos meus a todos que me pedem, nada mais faria do que pintar para galantear o próximo. E o que é mais engraçado, em tudo isso é que os pedintes julgam que nos fazem um obsequio, com o tal pedido a queima roupa, entre um sorriso e uma phrase amável, que a força de repetidos já não tem sal. Quero um trabalho seu... é uma amabilidade tão vulgar como esta outra: muito prazer em conhecê-la, tem uma casa ás ordens... (emquanto não precisar della.)

A escriptora também contava passagens interessantes que tinha observado. Entre outras, notou o habito commum dos nossos patrícios em offerecerem os seus dados biographicos e

³⁷ *A Mensageira*, Ano II, n. 32, p. 157, 15 de set, 1899.

contarem suas historias, algumas das quaes bem sem graça, aos fazedores de romances e de novellas para baze de uma (sic) trabalho commovente. “ Quero que escreva um romance com a historia da minha vida”, eis uma phrase muito commum. Que vontade tem essa gente de ver em letra redonda e sob um titulo de sensação a historia de sua vida! (*A Mensageira*, Ano II, p. 87-88, 15 de mai, 1899)

A autora finaliza a crônica apontando a ignorância e a vaidade como dois males da sociedade. Há também momentos de leveza, nos quais se percebe Maria Clara flanando o quotidiano, para extrair, da relação de amizade cristalizada pelo tempo, o exemplo mais singelo do amor:

Outro dia, em um bond de Botafogo, tive ocasião de apreciar um facto muito engraçado:

Na rua dos Voluntários da Pátria, em frente a um prédio rico, de magnífico jardim, duas velhinhas já arcadas e trôpegas fizeram signal para o nosso Bond parar. O cocheiro travou o Bond immediatamente, e as velhinhas, cuja edade sommada devia orçar pelos 150 anos, despediram-se ternamente.

Uma embarcou, era a menos velha, tinha a apparencia de uns bons 70 annos. A mais enrugadinha ficou encostada á pilastra do jardim e de lá, por entre os dedos mirrados e trêmulos enviando um beijo á amiga que partia, disse, sorrindo: - adeus Bebé. Em paga desse beijo carinhoso, a meiga Bebé respondeu com o mais terno sorriso e dizendo: adeus Nenê.

O bond partio e a Nenê lá do portão, com o peso dos seus 80 annos prováveis, sacudia, carinhosamente, o seu lenço grande de tabaquista respeitável.

Riam-se todos da infantil ternura. Eu confesso... achei adorável aquella despedida.

Aos 80 annos de edade, termos alguém que nos lembre a infância com voz carinhosa e branda; alguém que nos recorde, por um momento, o nome delicioso de creança, é termos ainda um resto das illusões desse tempo doirado que não volta mais...

(*A Mensageira*, Ano II, n. 36, p. 231-232, 15 de jan, 1899)

2.4.1.3 O trágico como elemento da crônica

Dentre as crônicas de Maria Clara, há ainda aquelas em que o elemento trágico surge como mote para o registro do quotidiano. Em *A Mensageira*, identificamos as de número VIII, XV e XXIV. A primeira noticia o ataque de uma avestruz contra uma criança, a segunda trata da morte por afogamento de duas jovens e a

última, num tom de elegia, aborda a morte do filhinho de Presciliana Duarte. A seguir destacamos “o caso da avestruz”:

Aviso util ás mães de família: não consintam em vossas casas uma ave que é muito prejudicial a avestruz. Há dias deu-se nesta cidade um facto dolorosíssimo. Uma menina que eu conheço e estimo, de 6 annos de idade, bonita, intelligente, sadia e alegre, foi victima dessa ave cruel.

Era uma tarde bonita como são as tarde de verão nesta terra.

A menina transpunha o degráo da porta da rua para brincar com o irmãozinho, no jardim. Vinha vindo, a pequena distancia, um carregador trazendo ao collo uma avestruz.

A menina mal teve tempo de fitar o homem que trazia a avestruz, quando esta, trahiçoeiramente, desprende-se dos braços possantes do carregador, que não poude contê-la e certa como uma flecha, fura com o bico esguio um dos olhos da formosa creança. Não houve um segundo de demora na realisação deste desastre. A ave chupou o olho da menina, deixando na orbita um vácuo profundo e medonho.

O carregador, embaraçadissimo, não podia explicar como se dera o facto, affirmou entretanto que a avestruz quando se desprende de seus braços teve uma força enorme, inqualificável, força muito superior a sua.

Tanto chorava o pobre homem. Como a creança e as pessoas de sua família em vista desse desastre.

A menina já está hoje com um olho de vidro, pobresinha!

Realmente os olhos de Laura, de tão bonitos e scintillantes que eram, causavam admiração geral.

A inconsciente avestruz se deixou fascinar também e tomou-os, quem sabe? Por brilhantes negros. Tenho pena de encontrar a formosa Laura assim deformada. Pobre creança! (*A Mensageira*, Ano I, n. 8, p. 115-118, 30 de jan, 1898)

2.4.1.4 Os “Bonds”, as onças e o progresso

Uma das temáticas mais freqüentes entre os cronistas do final do século XIX diz respeito à civilização e ao progresso. Maria Clara também tratará desses temas em duas crônicas. Na de número IV:

Os bonds, os bonds... que tormento! Não há logar, passam os bonds repletos, e a gente, que não sabe gymnastica não se aventura a um assalto tão perigoso como o de embarcar em um Bond, nesta cidade, a certas horas do dia.

Sei de uma amiga que hontem perdeu duas horas e tanto a ver se arranjava logar em um Bond de Villa Izabel para ir ás

touradas, nas Laranjeiras. Eram precisos quatro logares, havia quatro senhoras nessa família. Os bonds passavam repletos, de vez em quando, á laia de consolação, lá um ou outro tinha um logarzinho, mas um só! ... ora ellas queriam quatro! – também que exigentes! – e esperaram, esperaram. Afinal, quando conseguiram os desejados logares, estavam já cansadíssimas e aborrecidas. Mas quem mora em Villa Izabel e que ir á Praça de Touros em Laranjeiras tem que tomar dois bonds; por conseguinte, supplicio duplo.

Para encurtar razões, quando as minhas amigas chegaram ás touradas, nem lá entraram; para que? O povo sahia em massa, acotovelando-se, contente, a discutir o mérito dos toureiros e a brabura dos bois: tinha-se acabado a função. (*A mensageira*, Ano I, n. 5, p. 69-70, 15 de dez, 1897)

É possível perceber um tom de ironia em relação ao progresso, que traz consigo os “bonds e a civilização”. Paga-se um preço alto por isso, os bondes passam repletos, não há lugar, a cidade cresce e, com ela, a superlotação, a concorrência por espaço. O texto traz ainda algo de lúdico, de gracejo. Para morar numa cidade grande, só “fazendo ginástica” para se conseguir um lugar no bonde “a certas horas do dia”. Há uma pitada de ironia na expressão “que exigentes!”, que, com a quebra da expectativa, ajuda a pincelar o riso condensado no final do texto. Todo o esforço é frustrado, “tinha-se acabado a função”.

Numa outra crônica (nº V), o ar de progresso e de ordem parece ser quebrado pela aparição de uma onça no bairro do Irajá:

Há dias appareceu uma onça pintada lá para os lados do Irajá, e tem pintado o sete a tal onça. Já foi vista muitas vezes pelos moradores d’aquelle bairro. Imagino que a forasteira veio explorar o logar e ver se lhe convem para trazer a família.

Sim, eu penso que a onça tal qual o homem, não é propheta em sua terra e por isso entende que de tempos a tempos um passeio a outra cidade, a outro paiz, instrue e fortifica a alma, do mesmo modo que fortifica e retempera o corpo. Uma onça em Irajá, tem graça! Amanhã si a onça ampliando mais o seu passeio, vier até aqui ao Engenho Velho, não nos poderemos queixar caso algum estrangeiro nos chame botocudos.

Decididamente a onça de Irajá é uma forasteira que procura novos sítios, certa de que ninguém é propheta em sua terra; ou é uma apaixonada que procura o bulício das grandes cidades para esquecer amores não correspondidos, ou é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilizado.

A civilização e as onças são incompatíveis. (*A Mensageira*, Ano I, n. 6, p. 83-84, 30 de dez, 1897)

É ainda a reflexão sobre uma civilização que se constrói aos poucos, que está no “meio do caminho”, uma civilização que já começa a apresentar o inchaço provocado pela massa, pela superpopulação e pela rapidez. Mas que, ao mesmo tempo, ainda não se libertou do lado selvagem e primitivo. É um momento de transição, fotografado de forma levemente irônica.

2.4.1.5 E assim se fez o riso...

Em algumas produções de Maria Clara, percebe-se, como já nos referimos, uma postura quase sempre moralizante e pedagógica, e um lirismo romântico e insinuante em outras. Sem falar no gracejo frequentemente provocador do riso. O fato é que a melhor realização de suas produções crônicas se dá no elemento do humor. É o riso o carro-chefe dessa escritora que se arrisca no universo das belas letras, dominado, à época, pelos senhores. Foram catalogadas sob essa temática nove crônicas. Dentre elas, o caso do jacu e da jacutinga (crônica XVIII), em que se narra a história de um casal muito apaixonado, que morava no sertão de Minas. Certo dia, ambos, que nunca haviam brigado, estavam sentados à varanda quando ouviram o pio de uma ave do mato:

- Que bello canto tem o jacu, disse o marido, escuta, elle está cantando.
- Não é jacu, é jacutinga, affirma a mulher.
- Estás enganada, é jacu.
- Não é, eu sei, é jacutinga.
- Não teimes commigo.
- Teimoso és tu, grandississimo malcreado.

E a discussão foi augmentando, augmentando... já nenhum dos contendores ouvia o que o outro dizia, cada qual queria mostrar maior conhecimento de adjectivos insultuosos.

E para encurtar razões, o marido como mais forte, venceu a discussão quebrando nas costas da cara metade uma bengala de junco.

A pobre mulher voltou para a casa dos Paes – refugio de quem naufraga no casamento. Não pode mais tolerar aquelle bárbaro que se esquecera de seu amor, da deferência que devia á mulher, de tudo, tudo, para espancal-a assim.

Passaram-se muitos mezes. O marido já muito arrependido procurou reconciliar-se com a mulher. Lagrimas, rogos, perdões, promessas, tudo elle invocou em seu auxilio e o certo é que Ella perdoou a offensa e...reconciliaram-se.

[...]

E a alegria, a paz e a felicidade voltaram também áquelle lar. Muito bem, estava tudo com dantes. Lá um bello dia, entre beijos e caricias, a mulher docemente suspirando, disse: faz hoje um anno, lembras-te? que brigamos por causa do jacu e da jacutinga, tu teimavas que era jacu.

- E era mesmo, tu não tinhas razão.

- Era jacutinha.

- Não era.

- Era.

- Não era.

Em resumo, repetiu-se a scena do anno passado, mais forte ainda, porque em vez da bengala de junco, quebraram ambos toda a louça da casa no bombardeio que improvisaram de repente.

E dessa vez então não foi possível mais a reconciliação. Os insultos recíprocos tinha sido de tal ordem que derribaram para sempre a felicidade conjugal d'aquelles dois teimosos! (*A Mensageira*, Ano I, n. 20, p. 306-307, 31 de jul, 1898)

O riso surge na encenação dos desentendimentos pelas razões mais ordinárias possíveis. A teimosia leva ao fim sentimentos supostamente muito mais profundos - o amor, por exemplo. Assim, os motes para o gracejo são os mais variados: são as crianças e suas maneiras transparentes de lidar com as coisas, é o carnaval, as senhoras e suas chapeleiras, os nomes dos recém-nascidos, o fim do mundo, o homem bruto e o doutor. Vale citar o caso dos festejos carnavalescos e da loucura geral que já àquela época acometia as pessoas:

Approxima-se o Carnaval. Quanta alegria e quanta loucura! É a festa mais querida do nosso povo. Os custosos e bonitos carros de idéias ostentam toda a sua riqueza e espírito passeando alegremente pela cidade na terça-feira gorda.

Os que a tanto não aspiram, os resignados, que não podem gastar tanto dinheiro, contentam-se em passeiadas pelos arrabaldes, em pequenos grupos. Esses, cansados, suados, roucos de tanto dar vivas e perguntar: Você me conhece? divertem-se também lá a seu modo.

Na quarta-feira de cinzas, quanta tristeza, mãe do ceo! quanta gente que perdeu o emprego para folgar á vontade nos 3 dias dedicados a Momo!

Sei de uma amiga que em um sabbado de alleluia mandou o copeiro, um rapagote de 15 annos, buscar um feixe de lenha á venda próxima.

Nunca mais voltava o copeiro, minha amiga desanimou e deu novas providencias. Passaram-se os três dias da loucura, na quarta-feira de cinzas, muito cedinho, entra o moleque pela porta adentro, com o feixe de lenha ás costas, muito espantado, ainda vestido de diabinho.

- Que é isso rapaz, pergunta aminha amiga.

- Nada, patroa, também o vendeiro, o caixeiro, o moço do açougue e todos foram...não fui só eu...foram todos.

O copeiro decerto raciocinava assim: desde que a loucura é geral, não é tão grave a minha falta.

E elle tinha razão! (*A Mensageira*, Ano I, n. 9, p. 134-135, 15 de fev, 1898)

Todos os textos caracterizados pelas diversas temáticas que observamos acima demonstram um exercício de escrita cuja maturidade ainda estava por vir. No entanto, é possível perceber algumas vigas que sustentam essas construções. Talvez a mais forte seja a que diz respeito ao eixo pedagógico, didático e moralizante, que plasma a maior parte dos textos analisados. Para conseguir esse efeito, a autora recorre a artifícios diversos, como pequenas narrativas (parábolas), verbos injuntivos e presença de interlocutores. Ainda se pode observar a presença de um lirismo ingênuo - quase romântico, de humor e ironia leves. Mas é do cotidiano que Maria Clara retira o material de suas crônicas, e numa conversa, aparentemente despreziosa, o leitor é convidado a participar da mesa da cronista e com ela tomar “o cafezinho” oferecido à visita mais esperada.

2.5 Da crônica ao conto³⁸

Como já foi mencionado, muitas vezes, a crônica, por seu caráter híbrido, permite sua aproximação com outros gêneros: carta, anedota, conto etc. Em Maria Clara é possível perceber essa avizinhação ao gênero conto, por exemplo. Dentre os textos analisados, percebemos essa característica de forma mais evidente em doze produções. Diferentemente das crônicas propriamente ditas, esses textos aparecem intitulados. Por uma questão didática, também tentamos agrupar esses “contos” sob a mesma classificação temática das crônicas (exceto para a temática

³⁸ Todos os contos aqui referidos constam no Anexo 3.0 deste trabalho.

do progresso) – comportamento, reflexão, humor e tragédia. No entanto, na análise, não realizaremos a separação dessas temáticas em tópicos, uma vez que observamos um mesmo eixo norteador dos textos - em dez deles há a presença dos subtópicos casamento e morte.

Os demais contos se aproximam das narrativas maravilhosas, que, consoante Nádya Gotlib, em *Teoria do Conto* (1987), ligam-se mais estreitamente ao conceito do “contar estórias”, com personagens, lugares e tempos não determinados historicamente (Era uma vez...), narrando as coisas como elas “deveriam acontecer”, atendendo assim a expectativa do leitor. Seria a “forma simples” da narrativa, sentido atribuído por Jolles, que indica uma forma permanente através dos tempos, recontada por vários, sem perder sua peculiaridade, sua essência. É o conto que obedece a uma moral ingênua, como os registrados por Charles Perrault (*Contos da Mãe Gansa*) e pelos irmãos Grimm (*Kinder-und Hausmärchen* ou *Contos para crianças e famílias*).

No conto II (*Lenda*), Maria Clara narra a história de um anjo que aparece a três moças “formosíssimas e encantadoras”, concedendo a cada uma o direito de fazer um pedido. A primeira, deseja a primavera eterna; a segunda, a eterna juventude; a terceira: *quero que marques a frente dos ingratos com um estyigma ignominioso – para que sejam reconhecidos e delles possamos fugir. E ao dizer estas palavras [continua a narradora] pensava ainda em seu adorado ingrato, que lhe roubara para sempre a calma, a esperança, a alegria*³⁹. O anjo, então, embaraçado com os pedidos, voa ao céu para “confabular” com Deus. Entretanto, volta entristecido, uma vez que Deus considera os pedidos das primeiras absurdos e da última, embora razoável, impossível de ser atendido, para que não houvesse “distincções”.

O título “lenda” já aponta para o caráter maravilhoso do texto, o que é corroborado pelo início da narrativa: *No princípio do mundo, apareceu cá na terra um anjo, que se gabava de ser um dos preferidos de Deus. Tinha amplos poderes, só fazia*

³⁹ A Mensageira, Ano I, n. 3, p. 44, 15 de Nov 1897

o que queria. Favôres, preciosas dadivas concedia elle amiudadas vezes⁴⁰. Há a indeterminação do tempo [*princípio do mundo*], do espaço [*cá na terra – mas onde?*], dos personagens [*o anjo e as moças – que moças?*]. As vaidades humanas e divinas são postas em xeque pela narradora.

Na outra narrativa, conto XII (*Apologo*), a partir também do título, é possível perceber que o texto será eivado pelo fantástico, o que se confirma no desenrolar do conto: *Um dia, no principio do mundo, quando ainda o Senhor se dignava presentear os miseros mortaes com valiosas dadivas, um jovem pastor apassentava o seu rebanho luzidio e, de subito, teve um encontro singular*⁴¹. Em seguida, o narrador conta que um velho de longas barbas brancas e de olhos da cor do céu se aproxima do rapaz, dizendo-se emissário de Deus e presenteando-o com uma lanterna encantada. Com ela, o jovem pastor poderia perscrutar os corações alheios e ver dentro deles todos os segredos e sentimentos. Cheio de alegria, o jovem dividiu o acontecimento com seus pais e irmãos. Depois de tempos passados, resolve deixar o lar e correr o mundo:

Visitou palácios e choupanas, habitações principescas e casebres, viu reis e vassallos, poderosos e humildes, sabios e ignorantes...

Foi aos conventos, aos lupanares, aos hospitais e aos antros. Tratou com facinoras celebres e pudicas donzellas; com carrascos inclementes e com piedosas irmãs de caridade.

Divagou por muito tempo e um dia, cançado de tanto peregrinar, voltou ao remançoso lar paterno. Vinha triste e desanimado, conhecia o mundo com todos os seus multiplos segredos. Havia sondado os corações que mais puros pareciam e nelles encontrado a perfidia, o disfarce, a maldade. (*A Mensageira*, Ano II, n. 32, p. 150, 15 de set, 1899)

Entristecido pelo que encontrara, o rapaz, ao rever o ancião, decide devolver a lanterna. Então, o velho emissário de Deus sugere que ele a utilize para ver o coração de sua mãe, no que é atendido. Logo depois, o jovem volta cheio de convicção: *É um thesouro encantado o coração de minha mãe! Não te dou mais a lanterna, quero vel-o todo o dia e a todo o instante. Vale a pena os dissabores*

⁴⁰ A Mensageira, Ano I, n. 3, p. 44, 15 de Nov 1897

⁴¹ A Mensageira, Ano II, n. 32, p. 149, 15 de set, 1899

*todos que encontrei neste mundo de miserias...*⁴² O ancião, então, sabiamente sorri e responde: *eu já esperava por isso, eu já esperava por isso...* (op. cit., p. 151). Tal fato sinaliza a figura da mãe como um ser superior, legitimado pela voz divina.

Ambos os contos reafirmam o caráter pedagógico, moralizante do gênero. As vaidades e maldades humanas são destacadas à revelia de uma moral cristã. No último conto, como já foi mencionado, é a mulher “mãe” que está acima das vaidades, que tem a pureza divina e o poder de transformação.

Conforme nos indica Gotlib (1987), a arte de contar histórias vem das sociedades primitivas, que transmitiam às novas gerações seus ritos e mitos. No século XIV, essa arte passa da oralidade para o registro escrito, firmando, assim, sua elaboração artística. No entanto, é no século XIX que *o conto se desenvolve estimulado pelo apego à cultura medieval, pela pesquisa do popular e do folclórico, pela acentuada expansão da imprensa, que permite a publicação dos contos nas inúmeras revistas e jornais.* (op. cit., p. 7). A autora menciona, ainda, três acepções para a palavra conto – relato de um acontecimento, narração oral ou escrita de um acontecimento falso, fábula infantil – e aponta a “narrativa” (sucessão de acontecimentos, interesse humano, série temporal estruturada, unidade de uma mesma ação) como ponto em comum entre elas.

Ainda segundo a autora, o tradicional modo de narrar apresenta uma ação e um conflito, os quais passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final. Na arte clássica greco-latina e na de seus imitadores (Renascimento e Classicismo), havia eixos fixos que determinavam os valores de uma obra de arte - a saber: equilíbrio e harmonia. Tais valores eram reunidos em normas estéticas que deveriam ser seguidas. Uma dessas normas dizia sobre a obediência à ordem de início, meio e fim da história, o que corresponderia à regra das unidades: uma só ação, um só tempo e um só espaço.

⁴² A Mensageira, Ano II, n. 32, p.151, 15 de set, 1899

Não há consenso entre os estudiosos no que se refere ao que seria um conto, mas alguns caminhos são apontados por Tchekhov (*apud* Gotlib, 1987). Segundo ele, a brevidade seria uma das características do gênero em questão – o conto teria que ser lido de uma sentada, impressão total no leitor, o qual deveria ser mantido em suspense e preso à narrativa. Além disso, era necessário que se apresentasse algo novo, com força, clareza e compactação de informações. Gotlib faz, também, um apanhado das principais diretrizes apontadas pelos teóricos do gênero conto:

E este é também o segredo do conto, que promove o sequestro do leitor, prendendo-o num efeito que lhe permite a visão em conjunto da obra, desde que todos os elementos do conto são incorporados, tendo em vista a construção deste efeito (Poe); neste sequestro temporário, existe toda uma força de tensão, num sistema de relações entre elementos do conto e em que cada detalhe é significativo (Cortázar). O conto centra-se num conflito dramático, em que cada gesto e olhar são até mesmo teatralmente utilizados pelo narrador (E. Browen). Não lhe falta a construção simétrica de um episódio, num espaço determinado (B. Mathews). Trata-se de um acidente da vida (José Oiticica). De tal forma que esta ação parece ter sido mesmo criada para um conto, adaptando-se a este gênero e não a outro, por seu caráter de contração (N. Friedman). Este é um lado da questão teórica referente às características específicas do gênero conto. (GOTLIB, 1987, p. 80-81)

No conto I (*Brilhantes Brutos*), que, como já mencionamos, foi o texto inspirador do título deste trabalho, Maria Clara desenvolve uma narrativa linear, sem análises psicológicas profundas. As descrições das personagens e do espaço são condensadas, e o conto é motivado pela notícia do casamento do Dr. Charles Rochefort com uma moça roceirinha, ignorante, o que provoca admiração de todos que consideram o enlace “extravagante”, visto as diferenças sociais e culturais entre os nubentes. Após se casarem, num sábado, véspera de carnaval, essas diferenças parecem se acentuar. Enquanto o noivo se mostra taciturno, pensativo, melancólico e de poucas conversas, a jovem noiva, desembaraçada e alegre, queria brincar como criança. O fato é que, após o enlace, a agora Sra.

Rochefort parecia despreocupada inteiramente do marido e entrou a jogar entrudo com desembaraço de louca⁴³. O clímax se dá quando:

O Doutor, furioso, recolheu-se a seu quarto. D'ahi a pouco aquelles brutos assentaram de arrombar a janella do quarto e molhar o medico tambem. Tentaram em vão, pois o Doutor ameaçou-os com um revolver e disse que o primeiro que ousasse molhal-o seria morto. (*A Mensageira*, Ano I, n. 1, p. 8, 15 de out, 1897)

Em seguida, o médico e a mulher se retiram para uma casinha distante da povoação. Ninguém mais tem notícias da moça. Passados alguns meses, surge o casal que, de partida para a Europa, vai se despedir dos parentes. A jovem senhora estava agora polida e delicada, falava distintamente, com modos corretos. Aqui a natureza, representada pela roceirinha, *versus* a cultura, representada pela figura do homem civilizado apontam para a diferença de gêneros cristalizada pela visão positivista da cultura, onde a civilização (homem) é a responsável pela lapidação da natureza (mulher).

Ricardo Piglia afirma que o conto deve narrar duas histórias: a primeira, visível desde o início da narrativa; a outra, secreta, narrada de modo fragmentário e elíptico, revelando-se aos leitores apenas no final, causando-lhes surpresa.⁴⁴ No conto em questão, o leitor não sabe o que se passa no período de reclusão, a surpresa é causada pela mudança de comportamento da personagem, o que sinalizará, então, a história não revelada.

Essa narrativa se divide em três momentos: num primeiro, há a narração, em terceira pessoa, do episódio do casamento dos personagens, prolongando-se até a viagem para a Europa; num segundo momento, há uma interrupção, e a narração passa a ser feita em primeira pessoa. Acontece um corte no tempo: vinte anos depois, aquela senhora se encontra viúva, acompanhada do filho numa visita ao Brasil. É a voz de alguém que testemunha essa visita a então

⁴³ *A Mensageira*, Ano I, n. 1, p. 8, 15 de out, 1897.

⁴⁴ Disponível em <http://www.portageobrasil.org/colab/artigos/contohistoriaeteorica.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2009.

provocadora da narração do conto. Num terceiro momento, a autora toma a palavra e tece uma espécie de desfecho. Na verdade, ela re(cria) uma conversa com uma amiga. Eis aí os gêneros amalgamados – conto, conversa interpessoal, crônica:

Ninguém sabia explicar a misteriosa vida do Dr. Charles Rochefort. Era um excelente homem e um grande medico...

[...]

Vinte annos depois, estando de passeio no Rio de Janeiro, fui apresentada à Madame Rochefort, uma senhora instruída, fina, delicada...

[...]

Dos brilhantes brutos, disse eu abanando distrahidamente a cabeça, é verdade, dos brilhantes brutos! Contou-me esta historia uma amiga que presenciou a scena do entrudo no dia seguinte ao do casamento do medico e que viu depois a Madame Rochefort correcta, polida, instruida... (*A Mensageira*, Ano I, n. 1, p. 6; 8; 9, 15 de out, 1897)

Esse gênero intermediário, que não é nem crônica nem conto, com narrativa breve, envolvendo um *plot* dramático altamente romântico, é comum nas primeiras décadas dos Oitocentos. Segundo Afrânio Coutinho, em seu artigo “Ensaio e Crônica” (1986), conto, novela e romance, enquanto forma literária, só surgiram no Brasil pouco antes de terminar a primeira metade do século XIX. É Machado de Assis, *inegavelmente, o fixador das principais diretrizes do conto brasileiro, a vigorarem durante meio século, pelo menos, quer seguindo o roteiro dos românticos, sem perder de vista, no entanto, o signo nascente de Maupassant, com suas histórias de cruel realismo.* (op. cit. p.49).

No conto intitulado “Martyr de Amor”, Maria Clara inicia narrando o diálogo entre dois amigos, Lucio e Marciano. O primeiro falava dos seus planos de se casar com Corina, enquanto o outro tentava dissuadi-lo da idéia: *Olha a mãe dela... que escandalosa! A avó, dizem, foi o diabo em seu tempo. A mulher, deve-se procurar pela raça. Corina ama-te, não duvido, ella é formosa, é meiga, mas escuta, Lucio,*

o exemplo da mãe é horrível⁴⁵. Lucio, em princípio, parece convencido e confia ao amigo que terminará o romance. Três meses depois, constrangido, Lucio visita o amigo e revela que vai mesmo se casar: *Vim convidar-te para o meu casamento amanhã, caso-me com “ella” mesmo, que queres? Não pude vencer... sou um fraco... que ei de fazer?*⁴⁶ Nos primeiros anos de casamento, tudo são flores. No entanto, sua mulher sucumbe ao alcoolismo, o que obriga Lucio a ir morar no sertão de Minas para fugir do “falatório”. Tudo é feito para tentar curar a mulher. Um dia, durante uma audiência, Corina entra no fórum completamente ébria. Então :

Uma comoção fortíssima abalou-o da cabeça aos pés. Transpassado de dor, roxo de vergonha e humilhação, o desgraçado sentindo o calafrio em todo o corpo, não vê mais nada nem mais nada escuta, só pode dizer: Minha mulher!! E rola, e tomba instantaneamente morto aos pés d’aquella mulher fatal! (*A Mensageira*, Ano I, n. 13, p. 196, 15 de abr, 1898)

É possível notar aqui a presença fortíssima do determinismo - bastante presente em autores do fim do século XIX. Essa tendência era característica especialmente do nosso Naturalismo. Afrânio Coutinho assevera que esta escola:

[...] foi a pedra de toque do nosso conto, a partir do final do século passado [XIX], até o Modernismo de 22. Todo conto com princípio, meio e fim, descrições minuciosas de ambiente e flagrantes fotográficos de situações e tipos, haveria de conter uma intriga absorvente, desenrolar-se num plano de suspense, firmando as características psicológicas de certo indivíduo, para o final mais ou menos imprevisto, o que não andava longe, num tempo de preciosismo da forma, da chave de ouro do soneto parnasiano. (1986, p. 49-50)

No conto intitulado “Juca da Generos”, evidencia-se a imbricação dos gêneros. Juca era um soldado voluntário, que havia participado de toda a campanha da Guerra do Paraguai. Maria Clara parece tê-lo conhecido em Pouso Alegre, cidade mineira onde viveu, e começa a descrever as peripécias desse rapaz - “desequilibrado adorável”, que fazia da vida uma poesia, comprava passarinhos

⁴⁵ *A Mensageira*, Ano I, n. 13, p. 193, 15 de abr, 1898.

⁴⁶ *A Mensageira*, Ano I, n. 13, p. 194, 15 de abr, 1898.

para libertá-los, tentava entrar na igreja bêbado, presenteava e depois vinha cobrar o valor do presente. Enfim, tinha a liberdade da loucura e da poesia. Certa vez, durante uma enchente, bêbado, Juca, com a eloquência própria dos efeitos do álcool, resolveu pular no rio Mundu: *Meus senhores, o Juca vae virar um peixe, vae para o fundo deste lindo rio e se não voltar... adeuzinho...até lá no céu*⁴⁷. Apesar de excelente nadador, Juca saltou e desapareceu. Segundo Maria Clara, ele *Morreu como vivera – arrebatado pela poesia!*⁴⁸

No conto “Golpe certo”, supostamente, um médico narra a Maria Clara a história do futuro bacharel Victor Silva, rapaz cheio de virtudes, filho de uma família abastada. Certa vez, o médico é convocado pela polícia a testemunhar “a mais estranha scena que poderia prever”: *A polícia tendo tido denuncia secreta, penetrou inesperadamente em um sobradinho velho e feio, escuro e cheio de corredores infectos e sem ar. Ahi encontrou os mais celebres e conhecidos gatunos do Rio de Janeiro*⁴⁹. Dentre os gatunos, o jovem, filho de seu amigo. O rapaz chora envergonhado. Pouco depois, tem-se a notícia do casamento do bacharel com uma jovem. Tudo parece ter se transformado na alma do rapaz:

A alma humana é nojenta, o universo é vil, pensava o médico, e d’ahi a pouco como para compensar tanta miseria elle pensava: na alma de todo o homem há sempre luz e há carinhos e em todo o canto do universo, mesmo sobre um monturo, nasce um lyrio. (*A Mensageira*, Ano I, n. 19, p. 293, 15 de jul, 1898)

Em outra ocasião, esse mesmo médico reencontra o jovem que, envergonhado, abatido e triste pela lembrança vil do seu passado, suicida-se: *ali sobre o banco tosco de madeira suicidou-se fazendo voar os miolos com um tiro de revolver*⁵⁰.

A escravidão também funciona como temática para o conto clariano. Em “Um caso verdadeiro”, um velho escravo tem sua filha vendida. Depois da alforria, em 13 de maio de 1888, passa sua vida a procurá-la, até que um dia vai, sem saber, a casa dela. Os dois se reconhecem e vivem felizes.

⁴⁷ *A Mensageira*, Ano I, n. 13, p. 218, 15 de abr, 1898.

⁴⁸ *A Mensageira*, Ano I, n. 13, p. 218, 15 de abr, 1898.

⁴⁹ *A Mensageira*, Ano I, n. 19, p. 292, 15 de jul, 1898.

⁵⁰ *A Mensageira*, Ano I, n. 19, p. 294, 15 de jul, 1898.

O trágico é o elemento chave no conto “No sertão”. Maria Clara descreve uma viagem que realizou ao Oeste de Minas, em companhia do pai. Há uma descrição minuciosa do espaço. O caso relatado por um amigo de seu pai marca o início de sua narrativa: *Há muitos annos passados viajavam pelo sertão do Araxá...*⁵¹. Conta-se, então, a aventura frustrada de dois amigos, Torres e Gonçalves, empregados do comércio no Rio de Janeiro. O primeiro, mais velho e casado; o segundo, solteiro. Torres já conhecia o lugar, mas Gonçalves não. Certa noite, Torres convida o amigo para ir sorratamente à casa de umas moças, cujo pai tinha fama de bravo, para se divertirem. Gonçalves se nega à aventura e fica esperando fora da casa. Mas Torres:

Lá foi pisando de vagarinho nas folhas secas que se quebravam com o seu peso e faziam um barulhinho monotonico. Depois bateu á porta... que não se abriu, bateu segunda e terceira vez. Abriram-na, um braço de mulher suspendeu bem alto a candeia de azeite e o corpo de Torres desapareceu no interior d'aquella casa silenciosa e escura. (*A Mensageira*, Ano I, n. 23, p. 358, 15 de set, 1898)

Eis o clímax. Ninguém sabe o que se passa na casa. Enquanto o colega espera, há uma história elíptica, não se houve o menor sinal de vida dentro do recinto. O outro fica a esperar impaciente e zangado, quando, de repente:

Viu a porta abrir-se lentamente. Pára, escuta, olha, espreita receioso e vê sahir á frente da porta um homem de certa idade, em mangas de camisa e calça de zuarte azul, descalço, com os cabelos revoltos e longas barbas que lhe cahiam desgraciosas sobre o peito... (*A Mensageira*, Ano I, n. 23, p. 359, 15 de set, 1898)

Aterrorizado, Gonçalves quis fugir, mas resolve espreitar. Junto ao senhor, saem dois homens de dentro da casa com o corpo de Torres. O jovem vai ao rancho onde estava acampado e avisa ao seu camarada do ocorrido. Os dois vão embora do lugar imediatamente e dizem aos patrões e à família de Torres que ele havia sido morto por salteadores.

⁵¹ *A Mensageira*, Ano I, n. 23, p. 357, 15 de set, 1898.

“Abnegação!”, conto genuinamente romântico, narra a história de uma bela jovem de família abastada, noiva de um estudante de medicina. Todos estavam se preparando para ir a um baile em casa de amigos e esperavam na sala pela jovem Lucia para irem juntos à festa. Entretanto, a moça não descera, pois havia contraído varíola. Lucia teve o rosto todo deformado e quis desobrigar Eduardo, seu noivo, do compromisso. O jovem rebate:

- Vaidosa, vaidosa, dizia elle sorrindo, isso passa com o tempo... e que não passasse? Não sabes que eu amo em ti, muito acima de teus dotes phisicos, tua alma? A belleza o que é? Um mero passatempo, a alma sim, a alma é que precisa ser bella! (*A Mensageira*, Anno II, n. 26, p. 34, 15 de mar, 1899)

Lucia ficou curada, mas as marcas da doença permaneceram. Mesmo assim, marcaram o casamento. Triste e desanimada pela beleza perdida e por sacrificar o noivo com tamanha desgraça, a jovem planejava um meio de renunciar ao “seu sonho de felicidade”. No dia do casamento, Lucia é encontrada morta. Todos procuram adivinhar a razão daquele infortúnio, *só a Eduardo, porém, a cruel verdade se revelou em toda sua plenitude. E foi então que elle bem comprehendeu a abnegação d'aquella alma, pura de mais para estar captiva a um corpo, martyrisado e deformado tão brutalmente!*⁵²

Outros contos também apresentam esse viés romântico: o amor levado às últimas consequências, os atos dos personagens justificados pela nobreza de sentimentos, a morte como redenção, a dor como elemento de sublimação. Em “Mentira Piedosa”, Alice, uma jovem mulher, perde o marido e depois fica cega. A única alegria que lhe resta é sua filha, a qual - sem que ela saiba - também falece. Então, a mãe da jovem infeliz realiza uma troca de bebês. Uma vizinha morrera deixando um bebê de um mês. O pai, desesperado pela sorte daquela criança, aceita entregá-la para que fosse criada por aquelas mulheres. Como que por força do destino, o pai da criança também falece e as três vivem felizes para sempre.

⁵² *A Mensageira*, Anno II, n. 26, p. 36, 15 de mar, 1899

No conto “Saudade incurável”, Thereza, inconsolável pela perda do marido, procura Nhá Chica, uma velha feiticeira com poderes de cura. A velha lhe prescreve um elixir capaz de fazê-la esquecer por completo o passado. Num momento de hesitação, a viúva reconsiderou: *tambem me hei de esquecer das horas felizes do meu amor? de seus beijos apaixonados? de suas phrases tão meigas? de tudo? Não vale a pena! Terrível contingencia!*⁵³. Assim, Thereza arremessa a garrafa com elixir à calçada. Incrédula, desdenhosa, dirige-se à feiticeira: *Duvido, feiticeira, que alguém sabendo do resultado deste elixir, tenha coragem para leval-o aos labios. Adeus... nunca mais hei de voltar aqui, adeus, adeus.* (op. cit., pág. 145)

Em “Bodas de prata”, o trágico volta à cena. Maria Clara narra um diálogo entre dois compadres. Um deles pergunta se o outro não vai à festa de bodas do Dr. Braulio. É o pretexto para que se comece a contar a história do casal. O médico era frequentemente traído por sua esposa. Até que um dia encena um flagrante. No escritório, mulher e amante são vistos pelo marido. O amante se esconde numa salinha do cômodo, e a mulher finge que nada havia acontecido. Numa sucessão de cenas dramáticas, o Dr. manda trancar a porta da sala onde estava o traidor. O casal passa então a dormir todas as noites no escritório. A mulher continua a fingir inocência. Dias depois, a sala começa a dar sinais de podridão. Assim, o marido chama a companheira para dar um passeio, enquanto isso, pede a homens de sua confiança para retirarem o cadáver da alcova. O casal continua *a viver perfeitamente, o médico até hoje nada fez; estava vingado e satisfeito; a mulher tomou a lição, criou juízo e... [...] viveram muito felizes... e amanhã vão festejar suas Bodas de Prata.*⁵⁴ Os compadres riem da situação a não mais poder, nos olhares de ambos bailaram sorrisos maliciosos.

Se pensarmos que no final do século XIX conviviam os mais diversos estilos, Parnasianismo, Realismo/Naturalismo, Simbolismo e um ou outro escritor que

⁵³ *A Mensageira*, Ano II, n. 31, p. 145, 31 de ago, 1899.

⁵⁴ *A Mensageira*, Ano II, n. 29, p. 112-113, 15 de jun, 1899.

ainda preservava um “quê” de Romantismo, é difícil enquadrar Maria Clara em um modelo apenas. O próprio Coutinho (op. cit.) aponta como digno de nota o fato de raramente um autor de conto se aparentar com outros, exceto por algum cacoete de estilo.

Em Maria Clara é possível encontrar um conjunto de características que não se prendem a um estilo especificamente. Há o arrebatamento por amor, que quase sempre leva à morte ou à loucura, há a sublimação dos sentimentos, uma espécie de determinismo e fatalismo que envolve os personagens, um exercício interessante de descrições, como também o fechamento com “chave de ouro”. Nesse exercício, podemos encontrar uma Maria Clara que caminha para o amadurecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tanto a necessidade de se trazer ao cenário dos Estudos Culturais a discussão sobre a importância da produção de mulheres que tiveram suas vozes silenciadas pelo discurso da historiografia oficial, como também a relevância desse estudo para o resgate da memória cultural, tratamos, neste trabalho, de investigar a produção cronística da escritora Maria Clara da Cunha Santos, mais especificamente, dos textos publicados na revista literária *A Mensageira* (1897-1899), presentes na seção “Carta do Rio”.

Foi na tentativa de seguir os rastros deixados pelas fontes primárias que, levada por esse fio de Ariadne (o arquivo), partimos em busca do objeto de nossa pesquisa. E foi na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que encontramos uma Maria Clara que se revelou como mulher de talentos múltiplos: artista plástica, contista, cronista, poetisa, colaborando de forma intensa em diversos periódicos do fim do século XIX, dentre eles, *A Mensageira*, *Rua do Ouvidor* e *A família*. Na BN, entre o encantamento e a dor, frente à gama de materiais encontrados e, muitas vezes, à impossibilidade de leitura provocada pelos danos do tempo, pudemos visitar as impressões/expressões - manifestações representativas da cultura - de um tempo, acondicionadas nos rolos de microfilmes e em alguns impressos originais.

O fato de a escritora estar inserida num contexto marcado por transformações políticas e econômicas relevantes para a história do país, como também participar ativamente do cenário intelectual que se forjava a partir das atividades de impressão, ajuda-nos a refletir sobre a participação da mulher na imprensa oitocentista, atividade esta, muitas vezes silenciada pela história oficial. Pouco se sabe a respeito das senhoras que produziram (e muito) no século XIX e sobre como foram importantes na construção de outra narrativa sobre o “belo sexo”.

No caso específico de Maria Clara, foram encontrados, em *A Família*, jornal de caráter feminista, que circulou entre 1888 e 1894, um total de trinta e oito textos

publicados; no *Rua do Ouvidor*, 1898 a 1904, foram vinte e nove produções; sem contar os livros publicados de poesias (*Pirilampos*), de contos (*Painéis*) e crônicas de viagem (*América e Europa*). No entanto, é preciso mencionar que há, ainda, outros periódicos como *A Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *A Semana*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Tarde*, *Jornal do Brazil*, dentre outros, nos quais a escritora colaborou e que, em virtude do tempo disponível para esta pesquisa, não foi possível investigar.

No presente estudo, detivemos nossa atenção, de forma especial, sobre as crônicas e os contos publicados em *A Mensageira*, por representarem a produção mais significativa e, talvez, mais amadurecida da autora. São trinta crônicas e doze contos que marcam a transição de uma escrita mais ingênua em direção a certo amadurecimento técnico e estético. Outros gêneros, que também compõem a coluna “Carta do Rio”, não foram aqui abordados. Novamente, o fator tempo impossibilitou a incursão sobre eles – crítica de arte, colunismo social, correspondência, notícia, notas, propaganda, artigo de opinião, poesia. No entanto, todos estão aqui catalogados e poderão constituir fonte para trabalhos futuros.

A escolha do gênero crônica se deu pelo fato de representar uma construção textual relevante na formação inicial de muitos dos escritores brasileiros. Basta, para isso, lembrar a atividade cronística de Alencar, Machado, Bilac, João do Rio. Sem deixar de mencionar que, apesar de Maria Clara ser contemporânea de Machado de Assis, por exemplo, nada se sabe efetivamente sobre sua produção. É essa lacuna que, modestamente, buscamos completar com este trabalho.

Como gênero escorregadio, zigue-zagueante que é, a crônica também se faz detentora de um caráter polimórfico peculiar, o que nos ajuda a pensar o seu fazer sob óticas também plurais. É a presença de uma linguagem aparentemente mais descuidada, o toque do cotidiano e certa poeticidade que vão caracterizar o gênero. Mas não apenas isso. A crônica pode vir travestida de notícia, de carta,

de conversa, de colunismo social, de piada, com ares de conto. Enfim, uma infinidade de construções possíveis.

Foi através da leitura das crônicas de Maria Clara que pudemos perceber a postura dessa mulher ante questões como família, educação, progresso, transformações sociais e políticas. Imbricada nas questões do cotidiano carioca, falando de um espaço socialmente privilegiado, a escritora representa uma voz feminina que, muitas vezes acanhadamente, ousava participar de um universo dominado pelos senhores das letras.

“Carta do Rio” narra, através das suas crônicas, cochichos sobre a capital do Império, cenário importante das transformações sociais e políticas de então. Os textos, sob a roupagem de crônica, são exercícios de uma poética que namora o lirismo e flerta com um humor leve, tendo como compromisso um discurso quase sempre moralizante sobre a família e o comportamento social.

Os cochichos da crônica nos remetem à voz não totalizante da mulher escritora. Não comendo a voz altissonante da República das letras, essa produção feminina se faz pela lógica do residual, daquilo que na cultura não conta. Tal como a “trança postiça”, este fazer literário supostamente menor de um eu que se enuncia pelo humor, pela ironia e pela adaptação nos traz o desafio de questionar a quem pertence este fazer literário.

Se escrever crônicas, como preconiza Machado, é unir o útil ao fútil, Maria Clara realiza tal intuito com maestria num jogo que equilibra os dois termos ao sabor do poético e os colore com tons de ironia, marcas dessa escrita singular. Meio às mulheres do *bond* que se apertam e se acotovelam para ocupar um espaço mínimo na esfera pública, Maria Clara conquista um espaço de atuação pertinente e relevante, a partir do qual observa sua cultura e faz dela objeto de uma infatigável crítica.

No que concerne aos contos, muitas são as questões advindas da tentativa de definição de sua estrutura que, tanto quanto a crônica, apresenta alguma dificuldade de teorização. Norma Godoy, em seu ensaio *Reflexões sobre conto e crônica* (s.a.), assevera que não se deve aprisionar os referidos gêneros em normas apriorísticas de estruturação. Há que se observar, no entanto, alguns princípios já consagrados da teoria literária, respeitando as particularidades de um determinado estilo, *visualizando a arte como fenômeno da imaginação do autor e objeto/campo de plasmação de (des) humanidades*⁵⁵.

Esses dois modos de expressão literária são caracterizados, geralmente, pela brevidade da narração. No entanto, no gênero conto isso ocorre sob uma perspectiva de forte tensão e maior densidade narrativa. Nas crônicas, os níveis de intensidade e tensão dramática e o diálogo têm menor destaque que no conto.

Nos contos clarianos, além da extensão do texto, a autora tem preocupação maior na laboração da narrativa, que se aproxima algumas vezes da estruturação do conto maravilhoso, histórias com personagens, lugares e tempos quase sempre não determinados historicamente, obedecendo a uma moral ingênua. Os personagens são condicionados pelo elemento trágico, os acontecimentos é que parecem conduzi-los, havendo uma espécie de fatalidade da qual não podem escapar.

Nesses contos, frequentemente encontramos aquilo que “deveria” ser o modelo da família burguesa, com sentimentos e moral elevados. O casamento entre jovens é a instituição que mais encontra destaque em suas narrativas; depois, há um realce para o trágico, representado pela morte, maior inimiga “dos corações apaixonados”, mas também sublimadora, libertadora.

Nossa intenção aqui não foi a realização de uma análise exaustiva desses textos, apenas inferimos delineamentos para a sua produção. Há ainda muito que se

⁵⁵ Disponível em http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/tnorma_plata.htm. Acesso em 09 de fevereiro de 2009.

investigar, tanto no que diz respeito aos gêneros conto e crônica, quanto aos demais textos que ainda carecem de investigação, como a produção poética da autora, por exemplo.

De forma geral, podemos apontar que a produção de Maria Clara estava num processo de amadurecimento estético. É possível perceber em seus textos influências de algumas escolas literárias da época, destacando-se o forte apelo romântico de suas temáticas e a aproximação formal com o realismo. Não houve tempo, entretanto, para que esse amadurecimento pudesse ser realizado, uma vez que a autora falece ainda jovem. O certo é que diversa foi a sua produção, e importante foi o seu papel num universo privilegiado pelos homens das letras. Sua voz, embora contida, representa a voz de uma das poucas mulheres que ousaram usar a sua instrução para além das leituras em família e da educação dos filhos, e cuja contribuição foi silenciada nos registros da história.

BIBLIOGRAFIA DO CORPUS

A MENSAGEIRA: revista literária dedicada a mulher brasileira, directora Presciliana Duarte de Almeida. – Edição fac-similar. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, v. 1 e 2, 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FAMÍLIA. SEC – FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – RJ. Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros Ano I a VI, 29 de dezembro de 1888 – 20 de outubro de 1894.

ALENCAR, José de. Ao correr da pena. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960. Vol. IV

ALMANACH DO PAIZ. Rio de Janeiro, v. 1, p. 373-382, 1910.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16/04/1893. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Jackson, 1944.

ASSIS, J. M. Machado de. *Chronicas (1859-1888)*. Rio de Janeiro: Jackson, 1944. Vol. 4.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. João Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. Vol. 1.

BIONE, Carlos Eduardo. *A escrita crônica de Hilda Hilst*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Imprensa nacional, 1900. V. 6

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990. Vol. XLI da série Princípios.

CANDIDO, Antonio et al. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro, FCRB, 1992, p. 13-22.

CARVALHO, Marcus J. M. de. A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX. In: *História e Imprensa*. NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (Orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 176-199.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: jornalistas e escritores no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1986.

DE LUCA, Leonora. *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUARTE, Constância Lima. A mulher e o jornalismo – contribuição para uma história da imprensa feminista. In: AUAD, Sylvia Maria von A.V. (Org.) *Cinco séculos de desenvolvimento na América – Capítulo Brasil*. Belo Horizonte, Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p. 424-434.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves et all. *Suaves Amazonas: Mulheres e Abolição da Escravatura no Nordeste*. Recife: Editora Universitária – UFPE, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Liz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FRANCO, Jean. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Heloísa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 99-125.

FREIRE, Laudelino. *Collectania Século XVII – XX. Sonetos Brasileiros – 500 sonetos, 481 retratos*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. RJ, s/d.

GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida. Mulheres à deriva: viajantes anglo-americanas no Brasil. Belo Horizonte, NAPq/FALE/UFMG, n. 27, junho, 1995, p. 3-97.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1987. Série Princípios.

HARNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAGUARDIA-RESENDE, Adelaine. “Deosa Caprichosa”: A Mulher, A Moda e o Discurso Nacional Em “O Mentor Das Brasileiras”. In: *Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL*, Ihéus – BA, 2007.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a Chronica. In: *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992, p. 93-133.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992, p. 75-92.

NEVES, Maria Alciene; LaGUARDIA-RESENDE, Adelaine. Moralidades: breve reflexão sobre a recepção de o Mentor das Brasileiras. In: *Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL*, Ihéus – Ba, 2007.

PASSOS, Elizete. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte e Kátia da Costa Bezerra (Orgs.). Coleção Mulher e literatura, Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002. Vol. 1, p. 60-66.

PORTELA, Eduardo. *Visão prospectiva da literatura brasileira (vocabulário técnico)*. Rio de Janeiro: Editora Ouro, 1979.

PRATT, Mary Louise. Mulher, Literatura e Irmandade nacional. In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Heloísa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 127-157.

RIO, João do. O velho mercado. In: *Cinematographo*. Porto: Chardon, 1909, p. 215.

RUA DO OUVIDOR. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1898-1904. Col. 1-8

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, Elaine Cuencas. *Mulheres e Literatura na revista: "Mensagem"*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. *Revista de Estudos Feministas*. V. 8, n. 1, p. 84-97, 1º semestre 2000.

SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Jalina Lisi da; LAGUARDIA, Adelaine. Periódicos do Século XIX: descrevendo a revista literária *A Mensageira*. Relatório final Programa Institucional de bolsas de iniciação científica júnior - PIBIC/fapemig. *Anais do VI Congresso de Produção Científica da UFSJ*. São João del Rei, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. *A pesquisa em acervos: o estudo em fontes primárias*. Proposta de trabalhos, Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, s.a. Mimeo.

VASCONCELOS, Eliane. Maria Clara Vilhena da Cunha Santos. In: *Escritoras Brasileiras do século XIX*. V. II. Muzart Zahidé Lupinacci (Org.), Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e os seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de Oitocentos*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ARRIGUCCI JR. Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

A ESTAÇÃO. SEC – FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – RJ. Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros. Typ. Lombaerts & Comp. 11 de jan 1889n- 31 de dez de 1890.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de Papel*. São Paulo: Loyola, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*. São Paulo, Escrituras, 2002.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

COUTINHO, Afrânio e SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Global. RJ, RJ: Fundação Biblioteca Nacional / DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001, p. 1451.

EAGLETON, Mary. *Feminist Literary Theory*. USA: Blackwell Published Ltd, 1999.

FELIX, Regina R. *Sedução e Heroísmo: Imaginação de Mulher* – entre a República das Letras e a Belle Epoque. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

GOMES, Celuta Moreira; AGUIAR, Teresa da Silva. *O conto brasileiro e sua crítica: bibliografia 1841-1974*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977.

MARIANI, Bethânia. Os primórdios da Imprensa no Brasil ou: de como o discurso jornalístico constrói memória. In: Orlandi, P.E.(Org.). *Discurso Fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas – SP: Pontes, 2001, p. 32-43.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Nacional do Livro, 1978.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da História. In: *Cronistas do Rio*. Beatriz Resende (Org.). Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

PRIORE, Mary del. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Marcos Cezar Freitas (Org). São Paulo: Contexto, 2001, p. 217- 235.

RESENDE. Maria Ângela de Araújo. *A República em folhetim: A “Pátria Mineira” Formando Almas*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de Papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1996.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual – as conferências de Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano. In: *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. *América e Europa: Impressões de Viagens*. Rio de Janeiro, Typ. Do Instituto Profissional Masculino, 1908.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. *Painéis*. Rio do Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, 1902.

SANTOS, Maria Clara da Cunha; ALMEIDA, Presciliana Duarte. *Pyrilampos e Rumorejos*. Rio de Janeiro, Typ. E lithographia de C. G. da Silva, 1890.

MIRANDA, Wander Mello. Archivos e Memória Cultural. In: *Arquivos literários*. Eneida Maria de Souza & Wander Mello Miranda (Org). São Paulo, Ateliê editorial, 2003, p. 35-42.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo do tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. Literatura Portuguesa no suplemento literário do Minas Gerais: Relações Brasil/ Portugal. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

SITES CONSULTADOS

AQUARELAS. Disponível em
<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/html/cronica/macr15.htm>. Acesso em 08 de dezembro de 2008.

BIBLIOTECA POUSO-ALEGRENSE DE LETRAS. Disponível em:
<http://www.acadpousoalegrensedeletas.com.br/patronos/textos/Patronos.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2009

COUTINHO, Norma Godoy Disponível em
http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/tnorma_plata.htm. Acesso em 09 de fevereiro de 2009.

DUARTE, Constância Lima. Disponível em
http://www.ufmg.br/aem/inicial/publicacoes/artigos/duarte_feminismo.htm. Acesso em 23 de julho de 2008

MORAES, Vinícius de. O exercício da crônica. Disponível em
<http://www.memoriaativa.com.br/vinicius/poecc66.htm>. Acesso em 08 de dezembro de 2008.

PEQUENO MANUAL DO CONTO PARA INICIANTES: HISTORIA E TEORIA.
<http://www.portatgeobrasil.org/colab/artigos/contohistoriaeteorica.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2009.

APÊNDICE 1.0

Tabela 1 – Catalogação completa dos textos da seção Carta do Rio, publicados no periódico A Mensageira (1897 – 1899)

NOME DA PUBLICAÇÃO	DADOS (ANO, VOL., PÁG.)	TÍTULO DO TEXTO	GÊNERO	DESCRIÇÃO
A Mensageira	Ano I, n. 1, 15 de outubro, 1897, p. 5-9.	Uma carta Brilhantes brutos (À Isabella da Cunha)	Carta Conto I	<i>MC escreve à Prisciliana Duarte, agradecendo o convite para colaborar em A Mensageira. Menciona O Colibri</i> <i>Comportamento feminino: Importância da Instrução</i>
A Mensageira	Ano I, n. 2, 30 de outubro, 1897, p. 18-20,	Carta do Rio	- Crônica I - Impressões: arte - Colunismo social - Crônica II - Espécie de despedida	- <i>Reflexão sobre a vida</i> - <i>Festa ao ar livre</i> - <i>Humor</i>
A Mensageira	Ano I, n. 3, 15 de novembro, 1897, p. 36-38, 44.	Carta do Rio Lenda (No álbum de Maria Luiza Coelho)	- Nota - Nota: crítica arte (pintura) - Colunismo social bebês - Conto II	- <i>Assassinato do Marechal Bittencourt</i> - <i>Festa em que rapazes se vestem de bebês.</i> <i>Reflexão: vaidades humanas</i>
	Ano I, n. 4, 30 de novembro, 1897, p. 51-54.	Carta do Rio	- Crônica III - Colunismo social	<i>Reflexão: "Os sábios erram, os philosophos mentem"</i> - <i>Encontro com Mrs. Speers que voltava de Londres</i>
A Mensageira	Ano I, n. 5, 15 de dezembro, 1897, p. 67-70.	Carta do Rio	- Notícias	- <i>Capitão Dreyfus; louca (Hospício); reparo do</i>

			<ul style="list-style-type: none"> - Crônica IV - Crítica - Saudação natalina 	<p><i>navio Riachuelo na Baía de Guanabara (preocupa-se com os cofres públicos); Institutos dos surdos-mudos (educação).</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Progresso: "Os bonds" - Sobre a obra <i>Noites Brasileiras</i> de Inês sabino
A Mensageira	Ano I, n. 6, 30 de dezembro, 1897, p. 82-85.	Carta do Rio	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia - Crônica V - Notícias - Colunismo sócial - Despede-se do ano que expira 	<ul style="list-style-type: none"> - Morte do escritor <i>Alphonse Daudet</i>. Menciona o conto o <i>Dedal de Prata</i> - Progresso: <i>Onça do Irajá</i> - Chegada do verão - Incêndio (ironiza o progresso) - Poetisas à força - Festa do clube de engenharia
A Mensageira	Ano I, n. 7, 15 de janeiro, 1898, p. 101-103.	Carta do Rio	<ul style="list-style-type: none"> - Notícias - Colunismo social - Crônica VI 	<ul style="list-style-type: none"> - Curso de <i>taquigrafia</i>, <i>La Fronde</i> (incentivo às mulheres que escrevem), <i>Branhms</i> (ódio às mulheres), <i>exposição</i> - Representação de duas peças de <i>coelho Neto</i> em festa particular -Humor: <i>liquidação real</i>
A Mensageira	Ano I, n. 8, 30 de janeiro, 1898, p. 115-118.	Carta do Rio	<ul style="list-style-type: none"> - Crônica VII - Crítica de arte - Crônica VIII 	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamento: <i>traição a Theodora</i> - Pintura - Tragédia: o caso da <i>avestruz</i>

			- Crônica IX	- <i>Reflexão: Cocheiro do tálburi</i> ("Tem a rara virtude de conhecer a sua ignorância")
A Mensageira	Ano I, n. 9, 15 de fevereiro, 1898, p. 132-135.	Carta do Rio	- Crônica X - Crítica literária - Notícias - crônica XI	- <i>Reflexão: Segredos em boca de Mulher</i> (Referência ao relatório sobre atentado de 5 de novembro de 1897) - <i>Livro das Crianças</i> (Zalina Rolim) - <i>Rainha Victoria dirige o Court circular</i> - <i>Humor: carnaval</i>
A Mensageira	Ano I, n. 10, 28 de fevereiro, 1898, p. 145- 149.	Carta do Rio	- Notícias - Correspon- dência - Carta em resposta a anterior	- <i>Bairro de São Cristóvão campeão do carnaval</i> (crítica ao dinheiro despendido com o carnaval) - <i>Homenagem a Ignez Sabino por ocasião da publicação do livro Noites Brasileiras.</i> - <i>MC publica uma carta de uma jovem que lhe pedira conselho sobre o matrimônio.</i> - <i>Marcada por uma dicção tradicional sobre o casamento</i>
A Mensageira	Ano I, n. 11, 15 de março, 1898, p. 163-165.	Carta do Rio	- Notícias - Crônica XII - Notícia	- <i>Caso Zola e Dreyfus; as uvas de São Paulo</i> (exposição); <i>As curas do Engenheiro Eduardo Silva.</i> - <i>Reflexão: 13 de maio - caso da ama-de-leite</i> (reflexão sobre a relação senhor/escravo) - <i>Adelina Vieira torna-se presidente do Orpheon Carlos Gomes</i> (MC alfineta a escritora)
A Mensageira	Ano I, n. 12, 31 de março, 1898, p. 183-187.	Carta do Rio	Crônica XIII -Notícia	- <i>Comportamento: sobre o luxo</i> - <i>fábrica de gelo</i> (progresso do Engenho Velho); <i>Notícia retirada</i>

				<i>de o jornal do commercio: casamento por atacado.</i>
A Mensageira	Ano I, n. 13, 15 de abril, 1898, p. 193-196.	Martyr de amor (A Áurea Pires)	Conto III	- Reflexão: "A mulher deve-se procurar pela raça" - Há uma nota nesta edição da Mensageira justificando a ausência da Coluna Carta do Rio. A correspondente estaria em com- panhia do marido na cidade de São Paulo. (pág. 207)
A Mensageira	Ano I, n. 14, 30 de abril, 1898, p. 214-218.	O Juca da Generosa (A Adolpho Malevotti)	Conto IV -Nota	- Humor e tragédia: as trapalhadas de um jovem soldado e seu trágico fim - Justifica-se a ausência da carta do Rio. MC teria retornado ao Rio no dia 25 e prometera reencetar o envio das cartas no número seguinte.
A Mensageira	Ano I, n.15, 15 de maio, 1898, p. 225-229.	Carta do Rio	-Notícias - "Um dia em Santos"	- Viagem a São Paulo, comenta a modernidade da cidade presente nas construções, descreve poeticamente a Av. paulista; passeio à Cantareira ; passeio ao Ypiranga; fala da noite paulistana; elogios ao engenheiro Ramos de Azevedo considerado por MC construtor do São Paulo moderno; menciona elementos da flora: flores esquisitas e o caqui. - Descreve minuciosamente sua viagem à cidade.
A Mensageira	Ano I, n. 16, 30 de maio, 1898, p. 244-246.	Carta do Rio	- Diversos	- Descreve poeticamente maio, fala de Nossa Senhora, faz referência à Princesa Isabel e José do Patrocínio e sua importância na luta contra a escravidão. - Homenagem a André Rebouças, engenheiro

			<ul style="list-style-type: none"> - Notícia - Propaganda - Despede-se de maio. 	<p><i>abolicionista que fora companheiro da escritora.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Chegada da eletricidade: "A formosa Tijuca vai ser devassada pela civilização."</i> - <i>Revista A Mensageira (Humor)</i>
A Mensageira	Ano I, n. 17, 15 de junho, 1898, p. 257-259.	Carta do Rio	<ul style="list-style-type: none"> - Notícias breves - Crônica XIV: sapatos de borracha 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Centenário da Índia, apoteose à memória de Vasco da Gama, morte do estadista inglês Gladstone, falecimento do poeta Luiz Guimarães júnior, passeio à Tijuca</i> - <i>"Eu dou valor à poesia muito mais pela idéia do que pela forma" (MC, p. 258)</i> - <i>Humor: sapatos de borracha</i>
A Mensageira	Ano I, n. 18, 30 de junho, 1898, p. 280-282.	Carta do Rio	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia - Crônica XV - Notícia - Crítica de arte - Comentário sobre matéria publicada no jornal do comércio. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Comemoração Vitória do Riachuelo (Guerra do Paraguai)</i> - <i>"É o que há de mais fim de século, não acham?" (M.C., p. 282)</i> - <i>Tragédia: morte de duas jovens, no mar</i> - <i>Morte do abolicionista André Rebouças; Apresentação da cantora Clotilde Maragliano.</i> - <i>Pintura de Aurélio de Figueiredo</i> - <i>As vacas usam óculos.</i>
A Mensageira	Ano I, n. 19, 15 de julho, 1898, p. 292-294, 301-303.	- Golpe Certo (À Lydia da Cunha)	- Conto V	- <i>Reflexão: Eu fiz mal, eu fiz mal (Moço rico envolvido com</i>

		- Carta do Rio	- Crônica XVI: p.301 - Artigo de opinião - Notícias gerais. - Crônica XVII	<i>crime/ redenção/suicídio)</i> - <i>Humor: os chapéus no teatro lyrico</i> - <i>Discussão sobre a questão do respeito aos direitos autorais.</i> - <i>Exposição retrospectiva; fundação de creches e jardins da infância; inauguração da Igreja da Candelária.</i> - <i>Humor: O noivo guloso.</i>
A Mensageira	Ano I, n. 20, 31 de julho, 1898, p. 305-307.	Carta do Rio	- Notícias breves - Crônica XVIII	- <i>Exposição retrospectiva; a participação de Julia Lopes de Almeida na idealização das creches e jardins da Infância na cidade carioca, destaca a importância do trabalho feminino fora de casa.</i> - <i>Humor: O Pio de uma ave do mato</i>
A Mensageira	Ano I, n. 21, 15 de agosto, 1898, p. 321-323	Carta do Rio	- Crônica XIX: - Crítica literária -Correspon- dência - crônica XX: retrato do falecido	- <i>Reflexão: baseia-se numa matéria do jornal do Comércio: Maria Amália Vaz de Carvalho: "Vale o esforço ou vale a Victoria?"(crítica)</i> <i>"Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande" (Pe. Vieira)</i> - <i>Livro Flocos de Neves (Áurea Pires)</i> - <i>Conselhos sobre a violação da correspondência alheia (resposta a uma noiva)</i> - <i>Comportamento: retrato do falecido</i>
A Mensageira	Ano I, n. 22, 30 de agosto, 1898, p. 337-340, 350-352	- Um caso verdadeiro	Conto VI	- <i>Reflexão: A escravidão (Pai cuja filha foi vendida)</i>

		- Carta do Rio	- Diversos	- <i>Elogios a Campos Sales e Prudente de Moraes</i> - <i>Louvor ao Instituto Benjamin Constant (instrução de cegos): "Bendito progresso, abençoada civilização" p. 351</i>
			- Crítica de arte	- <i>Pintura (Sr Adolpho Malevolti)</i>
			- Crônica XXI	- <i>Reflexão: a idade do amor.</i>
A Mensageira	Ano I, n. 23, 15 de setembro, 1898, p. 355-360, 364.	- No Sertão (À Adelaide Lopes Gonçalves) - Carta do Rio	-Conto VII - Diversos	- <i>Tragédia: "Ninguém encontra o sertão"</i> - <i>Elogio à Sociedade Comemorativa das Datas nacionais pelo 7 de setembro.</i> - <i>Notícia: posse do presidente eleito de Minas, Dr. Silviano Brandão.</i>
		- As Bellas artes	- Colunismo social - poesia	- <i>Nota sobre a cantora do RS Amália Iracema, Quinta Exposição Nacional de Pintura</i>
A Mensageira	Ano I, n. 24, 30 de setembro, 1898, p. 375-377	Carta do Rio	- Nota - Crítica literária	- <i>Referência ao primeiro ano de A Mensageira.</i> - <i>Crotalos (Carlos Góes)...Mostra-se aversa a críticas literárias</i>
			- crônica XXII	- <i>Humor: escolha de nomes</i>
A Mensageira	Ano II, n.25, 15 de fevereiro, 1899, p. 1-2, 13.	- Carta do Rio	- Notas	- <i>Explica-se a suspensão da revista por um período de quatro meses (falecimento de Bolívar, filho de Prisciliana Duarte); chegada do verão.</i>
			- Colunismo social	- <i>Concertos sinfônicos no salão do Instituto</i>

		- De luto	- Crônica XXIII - Crônica XXIV	<i>Nacional de Música.</i> - <i>Comportamento: bilhete de loteria</i> - <i>Tragédia: morte do filhinho de Prisciliana Duarte.</i>
A Mensageira	Ano II, n. 26, 15 de março, 1899, p. 31- 36, 40-42	- Abnegação! - Carta do Rio	- Conto VIII -Notas. - Crítica literária - Crônica XXV	- <i>Tragédia: Eduardo e Lúcia</i> - <i>Morte de Visconde de Taunay; carnaval.</i> - <i>livro O Lar Doméstico (Vera Cleser)</i> - <i>Humor: fim do mundo.</i>
A Mensageira	Ano II, n. 27, 15 de abril, 1899, p. 58-60	Carta do Rio	- Nota -Notícia - Crítica literária - Crítica de arte	- <i>Março - mês de São José</i> - <i>Criação do Instituto de proteção e Assistência à Criança.</i> - <i>Puerilidades de um Macróbio (Padre Corrêa de Almeida)</i> - <i>Pintura: Ceia do Senhor (Leonardo da Vinci)</i>
A Mensageira	Ano II, n. 28, 15 de maio, 1899, p. 77-79, 86-88	- Mentira Piedosa! (À Clara Maria Vilhena da Cunha) - Carta do Rio	- Conto IX - Colunismo social - crônica XXVI - Crônica XXVII	- <i>Tragédia: Troca de bebês</i> - <i>Viagem a Minas à convite da Empresa Iambari e Cambuquira</i> - <i>Comportamento: ignorância ou vaidade?</i> - <i>Humor: O bruto de o doutor.</i>
A Mensageira	Ano II, n. 29, 15 de junho, 1899, p. 103-105, 110-113.	- Carta do Rio	-Notícias - Nota	- <i>Visitas do maestro europeu Saint Saëns e da artista brasileira Lucília Simões; morte a artistas estrangeiros (notícia recebida através do telégrafo)</i> - <i>Missa para os enfermos no Hospital dos Lázaros em São Christovam.</i>

		- Bodas de Prata (À Maria Honoria Duarte Feitosa)	- crítica literária - Colunismo social - conto X	- <i>Noites brasileiras (Ignez Sabino)</i> - <i>Festa comemorativa da batalha do Tuyuty. Homenagem a Saldanha da Gama.</i> - <i>Comportamento: Infidelidade.</i>
A Mensageira	Ano II, n. 30, 15 de agosto, 1899, p. 119-122	Carta do Rio	- Nota: refletem sobre a atividade do cronista. - Nota: comenta a posição da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho ante a instrução da mulher (embelezar o lar/profissão) - Colunismo social: Festa do mar, passeio veneziano a Bahia de Botafogo	
A Mensageira	Ano II, n. 31, 31 de agosto, 1899, p. 143-145	- Saudade Incurável (À Ignez Sabino)	- Conto XI	- <i>Comportamento: A feiticeira Nhá Chica.</i>
A Mensageira	Ano II, n. 32, 15 de setembro, 1899, p. 149-151, 155-158	- Apólogo (À Cláudia Scheldon) - Carta do Rio	- Conto XII - Crítica de arte.	- <i>Reflexão: a lanterna encantada que perscruta os corações.</i> - <i>Sexta exposição geral da Escola Nacional de Bellas Artes. (menciona o trabalho de mulheres)</i> - <i>“Eu entendo que o valor de um objeto de arte não é destruído pelas palavras dos senhores críticos que são muitas vezes incompetentes na matéria, assim como uma obra sem valor artístico não fica valendo mais, porque meia dúzia de amigos escrevem e publicam elogios imerecidos. O Brilhante é sempre brilhante, quer esteja adornando a frente de uma milionária, quer</i>

A Mensageira	Ano II, n. 36, 15 de janeiro, 1899, p. 230-232.	Carta do Rio	-Nota - Crítica Retrospectiva - crônica XXX	- Encerramento da existência de A Mensageira (Índice de luta política: "Mas se olharmos para todas as dificuldades, para a má vontade de uns e para a intolerância de outros, veremos que a campanha vencida não é da menores." p. 230) -Pintura - Invasão da peste bubônica, o terrível treze de setembro, primeira audição de uma ópera nacional, primeira defesa de uma mulher no júri. - Comportamento: O Bond e as velhinhas
--------------	---	--------------	--	--

APÊNDICE 2.0

Tabela 2 – Catalogação dos textos de Maria Clara da Cunha Santos publicados no periódico *A Família* (1889-1891)

NOME DA PUBLICAÇÃO	DADOS DA PUBLICAÇÃO (ANO, VOL., PÁG.)	TÍTULO DO TEXTO	GÊNERO	DESCRIÇÃO
A Família	Ano I, S.P., 9 de fevereiro, 1889, n. 11, p. 7	Os álbuns	crônica	MC trata da moda de se utilizar álbuns de família. No final do texto, adverte o leitor sobre como proceder ante essa moda: "Um conselho aos leitores: quando tiverdes que escrever em um álbum qualquer, não te faças esperar. Um escripto muito demorado perde cincoenta por cento do seu valor".

A Família	Ano I, S.P., 23 de fevereiro, 1889, n. 13, p. 3.	Conselho	poesia	Poesia cujo o eu-lírico aproxima os sentimentos humanos da natureza. Aconselha a seguir os “passos do bem”
A Família	Ano I, RJ., 25 de maio, 1889, n. 25, p. 5	O jornalismo	Crônica/artigo de opinião	Defende a imparcialidade do jornalismo. “O jornalismo perde muito de sua importância, quando deixando de parte as sérias questões que agitam o país e a sociedade se ocupa com personalidade, com intrigas, com calúnias”. “o jornalismo é a alavanca do progresso, é o dissipador do erro, quando bem dirigido, bem compreendido”.
A Família	Ano I, RJ, 06 de julho, 1889, n. 29, p. 7	História das flores	Conto (fábula)	As flores deixam de falar pq foram testemunhas de um juramento que se desfez.
A Família	Ano I, RJ, 19 de outubro, 1889, n. 33, p. 2	A mulher	Crônica/artigo de opinião	Cita legouvê e defende vigorosamente suas idéias. Fala ironicamente da condição da mulher enquanto rainha do lar. Texto onde MC aparece de forma mais incisiva
A Família	Ano I, RJ, 31 de dezembro, 1889, n. 44, p. 5	Dedicação (A meu pai) sem título	poesia	O eu-lírico trata da paixão como remédio para todas as mágoas. “Por isso o coração que ama deveras/ Não tem um só pezar, / Pois que o encanto da vida é ser amada/ Também sabendo amar!”
A Família	Ano II, RJ, 20 de fevereiro, 1890, n. 49, p. 4	A bem feitora	Conto	Duas primas conversam sobre suas intimidades. Uma delas apresenta-se fatigada pelos afazeres do lar e resolvem deixar que a brisa acalme os ânimos de ambas. Ambientado numa cidade do interior. A natureza é apontada como confidente de ambas. Augusta

				Age movida pela compaixão e adota Ismael (um órfão). Desengano amoroso.
A Família	Ano II, RJ, 09 de março, 1890, n. 51, p. 2	Os pirilampos	poesia	Ainda uma vez aproxima sentimentos humanos da natureza. Pirilampos=carícia fingida.
A Família	Ano II, RJ, 16 de março, de 1890, n. 52, p. 4-6	Os pecegos	Crônica/conto	Jantar em casa de uma viscondessa caso da lavadeira.
A Família	Ano II, RJ, 26 de abril, 1890, n. 57, p. 4-5	A borboleta infeliz	conto	Ambiente refinado, borboleta q é alfinetada no peito da virgem. Escapa a liberdade, motivo de tristeza.
A Família	Ano II, RJ, 03 de maio, 1890, n. 58, p. 2-3	A brisa A espada e a pena/ A José Bonifácio	poesia	Crítica sobre o livro rumorejos e poesias.Por: Josephina de Azevedo.
A Família	Ano II, RJ, 03 de maio, 1890, n. 58, p. 4	Lusco-fusco	poesia	Aproxima sentimentos e natureza/tempo. O horário da ave-maria aparece sempre como sinônimos de tristeza, tom de lamento.
A Família	Ano II, RJ, 24 de maio, 1890, n. 61, p. 3	As bellas artes	poesia	Dedicada ao Dr. Valentim Magalhães. Poesia, música, pintura e escultura. “mas, quem quiser separá- las/Mate primeiro a Poesia/Que as outras irmãs coitadas,/ Morrerão no memso dia!”
A Família	Ano II, RJ, 31 de maio, 1890, n. 62, p. 2-3	Estrela e flor/Caprichos	poesias	Elegia/ode á morte?/ mais uma vez aproxima natureza e sentimentos humanos
A Família	Ano II, RJ, 07 de junho, 1890, n. 63, p. 3.	Susto	poesia	A criança que rouba a rosa
A Família	Ano II, RJ, 14 de junho, 1890, n. 64, p. 2.	Minhas irmãs	poesia	Cinco irmãs mais novas q perseguem a borboleta. O eu lírico pede q Deus prolongue os encantos dessa idade
A Família	Ano II, RJ, 21 de junho, 1890, n. 65, p. 1.	A primeira injustiça	Crônica/conto	Dedicado a josephina Álvares de Azevedo.Conto que a partir de uma situação

				de injustiça entre a professora e uma criança, reflete sobre as injustiças da vida. A figura da mãe é posta em destaque dentro do lar. Atentar p a gaiola.
A Família	Ano II, RJ, 28 de junho, 1890, n. 66, p. 2	Orvalho e carinho	poesia	Aproximação natureza-sentimentos
A Família	Ano II, RJ, 19 de julho, 1890, n. 68, p. 2.	O lenço/ A reparação	Poesia/conto	Eu lírico masculino-prantos de amos-lenço testemunha/ Maria, Jovem q se apaixona por Jorge q vai p o Rio. Mais uma vez trata da ingratidão dos homens. Maria n aceita pedido de casamento por ainda amar Jorge..Continua....
A Família	Ano II, RJ, 31 de jul, 1890, n. 69, p. 1;3.	A reparação/ Caprichos (repetido)	Conto/poesia	Jorge aparece rico e casa-se com Maria "O amor!O amor! Só pelo amor se vive". Corina feia e desfigurada. Concluído por prisciliana/ capricho q expulsa o destino
A Família	Ano II, 07 de agosto, 1890, n. 70, p. 2	súplica	poesia	"Tu não sabes, creança, que a injustiça/ É o que mais fere na mundatita./Deixando a alma que a padece morta?"
A Família	Ano II, 14 de agosto, 1890, n. 71, p. 2	Phantasia	poesia	Beijo
A Família	Ano II, 04 de dezembro, 1890, n. 86, p. 2	A Morta	poesia	Morte da mãe/tristeza familiar
A Família	Ano III, 26 de fevereiro, 1891, n. 96, p. 6	O pintasilgo	poesia	liberdadeXprisão (bebê chorando)
A Família	Ano III, 05 de março, 1891, n. 97, p. 6	O amazonas	poesia	Comparação da amazonas ao pensamento
A Família	Ano III, 19 de março, 1891, n. 99, p. 3	Susto	poesia	Repetido. A criança é repreendida pela manhã ao tentar pegar uma rosa do jardim q daria p outrem.
A Família	Ano III, 02 de abril, 1891, n. 100, p. 4	Gêmeas	poesia	Vida e esperança. Nascem juntas, vivem abraçadas,irmãs q não se estimam,morrem

				juntas.
A Família	Ano III, 25 de abril, 1891, n. 101, p. 3	O descrente	poesia	Fala sobre a desilusão amorosa. Céu calmo, lindo e azulX tempestade, vento
A Família	Ano III, 02 de maio, 1891, n. 102, p. 7	Doce impressão	poesia	Repetido. Adolesc~encia ligada as imagens da infância.
A Família	Ano III, 11 de julho, 1891, n. 109, p. 5	Amor materno	poesia	

APÊNDICE 3.0

Tabela 3 – Catalogação dos textos de Maria Clara publicados no periódico *Rua do Ouvidor*. (1898-1904)

NOME DA PUBLICAÇÃO	DADOS DA PUBLICAÇÃO (ANO, VOL., PÁG.)	TÍTULO DO TEXTO	GÊNERO
Rua do Ouvidor	Ano I, 28 de maio, 1898, n. 3, p. 3-5.	Papéis velhos/ Depois de ouvil-a	Conto / poesia
Rua do Ouvidor	Ano I, 04 de junho, 1898, n.4, p. 3.	Saudade incurável	Conto
Rua do Ouvidor	Ano I, 02 de julho, 1898, n.8, p. 4.	Pelo azul	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano I, 22 de outubro, 1898, n.24, p. 5.	História das flores	Conto
Rua do Ouvidor	Ano I, 17 de dezembro, 1898, n.32, p. 6.	Divina luz	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano II, 07 de janeiro, 1899, n. 35, p. 05	A estátua	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano II, 11 de fevereiro, 1899, n. 40, p. 5	Amor ignorado	Conto
Rua do Ouvidor	Ano II, 18 de março, 1899, n. 45, p. 3-4.	Luizinha	Conto
Rua do Ouvidor	Ano II, 29 de abril, 1899, n. 51, p. 4	A espada e a penna	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano II, 12 de ago de 1899, n. 66, p. 4	Estrella e flor	Poesia

Rua do Ouvidor	Ano II, 14 de outubro, 1899, n. 75, p. 4	Conto do Natal	Conto
Rua do Ouvidor	Ano II, 28 de outubro, 1899, n. 77, p. 5	Gêmeas	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano II, 11 de novembro, 1899, n. 79, p. 4.	Cega (No álbum de Violeta Lima Castro)	Conto
Rua do Ouvidor	Ano II, 23 de dezembro, 1899, n. 85, p. 3-4	Mãe! / Pérolas falsas	Conto / Poesia
Rua do Ouvidor	Ano III, 13 de janeiro, 1900, n. 88, p. 4.	Em busca do ideal	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano III, 14 de abril, 1900, n. 101, p. 3-4	Três cegas	Conto
Rua do Ouvidor	Ano III, 05 de maio, 1900, n. 104, p. 5	Pressentimentos	Conto
Rua do Ouvidor	Ano III, 26 de maio, de 1900, n. 107, p. 5.	A Portugal	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano III, 15 de dezembro, 1900, n. 156, p. 4	A bebê Lima castro	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano IV, 16 de março, 1901, n. 149, p. 3-4	Licção de pintura	Conto
Rua do Ouvidor	Ano IV, 27 de julho, 1901, n. 1689, p. 3.	Amar é ser feliz	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano VII, 27 de junho, 1903, n. 269, p. 2-3	Por causa de um soneto	Conto
Rua do Ouvidor	Ano VII, 25 de julho, 1903, n. 273, p. 4.	Cega	Poesia
Rua do Ouvidor	Ano VII, 27 de fevereiro, 1904, n. 304, p. 2-3	Evocação	Conto

APÊNDICE 4.0

Tabela 4 – Catalogação das crônicas encontradas em *A Mensageira* (1897-1899).

NOME DA PUBLICAÇÃO	DADOS (ANO, VOL., PÁG.)	GÊNERO	TEMÁTICAS
A Mensageira	Ano I, n. 2, 30 de out, 1897, p. 18-19.	Crônica I	Reflexão
A Mensageira	Ano I, n. 2, 30 de out, 1897, p. 20.	Crônica II	Humor
A Mensageira	Ano I, n. 3, 15 de Nov, 1897, p. 51-53.	Crônica III	Reflexão
A Mensageira	Ano I, n. 5, 15 de dez, 1897, p. 69.	Crônica IV	Progresso
A Mensageira	Ano I, n. 6, 30 de dez, 1897, pág. 83-84,.	Crônica V	Progresso
A Mensageira	Ano I, n. 7, 15 de jan, 1898, pág. 103.	Crônica VI	Humor
A Mensageira	Ano I, n. 8, 30 de jan, 1898, pág. 115-116.	Crônica VII	Comportamento
A Mensageira	Ano I, n. 8, 30 de jan, 1898, pág. 117-118.	Crônica VIII	Tragédia
A Mensageira	Ano I, n. 8, 30 de jan, 1898, pág. 118.	Crônica IX	Reflexão
A Mensageira	Ano I, n. 9, 15 de fev, 1898, pág. 132-133.	Crônica X	Reflexão
A Mensageira	Ano I, n. 9, 15 de fev, 1888, pág. 134-135.	Crônica XI	Humor
A Mensageira	Ano I, n. 11, 15 de mar, 1898, pág. 164-165.	Crônica XII	Reflexão
A Mensageira	Ano I, n. 12, 31 de mar, 1898, pág. 183-186.	Crônica XIII	Comportamento
A Mensageira	Ano I, . 17, 15 de jun, 1898, pág. 259.	Crônica XIV	Humor
A Mensageira	Ano I, n. 18, 30 de jun, 1898, pág. 280-281.	Crônica XV	Tragédia
A Mensageira	Ano I, n. 19, 15 de jul, 1898, pág. 301	Crônica XVI	Humor
A Mensageira	Ano I, n. 19, 15 de jul, 1898, pág. 302-303.	Crônica XVII	Humor
A Mensageira	Ano I, n. 20, 31 de jul, 1898, pág. 306-307	Crônica XVIII	Humor
A Mensageira	Ano I, n. 21, 15 de ago, 1898, pág.	Crônica XIX	Reflexão

	321-322		
A Mensageira	Ano I, n. 21, 15 de agosto de 1898, pág. 323	Crônica XX	Comportamento
A Mensageira	Ano I, n. 22, 30 de ago, 1898, pág 352	Crônica XXI	Reflexão
A Mensageira	Ano I, n. 24, 30 de set, 1898, pág 377	Crônica XXII	Humor
A Mensageira	Ano II, n.25, 15 de fev, 1899, pág, 2	Crônica XXIII	Comportamento
A Mensageira	Ano II, n.25, 15 de fev, 1899, pág. 13.	Crônica XXIV	Tragédia
A Mensageira	Ano II, n. 26, 15 de mar, 1899, pág. 41-42	Crônica XXV	Humor
A Mensageira	Ano II, n. 28, 15 de mai, 1899, pág 87-88	Crônica XXVI	Comportamento
A Mensageira	Ano II, n. 28, 15 de mai, de 1899, pág. 88	Crônica XXVII	Humor
A Mensageira	Ano II, n. 32, 15 de set, 1899, pág. 156-157	Crônica XXVIII	Comportamento
A Mensageira	Ano II, n. 34, 15 de Nov, 1899, pág. 185- 186	Crônica XXIX	Reflexão
A Mensageira	Ano II, n. 36, 15 de jan, 1899, pág. 231-232.	Crônica XXX	Comportamento

APÊNDICE 5.0

Tabela 5 – Catalogação dos contos encontrados em *A Mensageira* (1897-1899)

NOME DA PUBLICAÇÃO	DADOS (ANO, VOL., PÁG.)	TÍTULO DO TEXTO	GÊNERO	TEMÁTICAS
A Mensageira	Ano I, n. 1, 15 de out 1897, págs. 6-9	Brilhantes brutos (À Isabella da Cunha)	Conto I	Casamento X trágico
A Mensageira	Ano I, n. 3, 15 de Nov 1897, pág. 44	Lenda (No álbum de Maria Luiza Coelho)	Conto II	Fantástico
A Mensageira	Ano I, n. 13, 15 de abr, 1898, pág. 193-196,	Martyr de amor (A Áurea Pires)	Conto III	Casamento X trágico
A Mensageira	Ano I, n. 14, 30 de abr, 1898, pág. 215-218	O Juca da Generosa (A Adolpho Malevotti)	Conto IV	trágico
A Mensageira	Ano I, n. 19, 15 de julho de 1898, págs. 292-294.	Golpe Certoiro (À Lydia da Cunha)	Conto V	Casamento X trágico
A Mensageira	Ano I, n. 22, 30 de agosto de 1898, pág. 337-340	Um caso verdadeiro (A' Ophelia da Cunha)	Conto VI	Casamento X trágico
A Mensageira	Ano I, n. 23, 15 de setembro de 1898, págs. 355-360	No Sertão (À Adelaide Lopes Gonçalves)	Conto VII	trágico
A Mensageira	Ano II, n. 26, 15 de março de 1899, págs. 31- 36	Abnegação! (A' Doutora Ermelinda de sá)	Conto VIII	Casamento X trágico
A Mensageira	Ano II, n. 28, 15 de maio de 1899, págs. 77-79	Mentira Piedosa! (À Clara Maria Vilhena da Cunha)	Conto IX	Casamento X trágico
A Mensageira	Ano II, n. 29, 15 de junho de 1899, págs. 110-113	Bodas de Prata (À Maria Honoria Duarte Feitosa)	Conto X	Trágico
A Mensageira	Ano II, n. 31, 31 de agosto de 1899, págs. 143-145	Saudade Incurável (À Ignez Sabino)	Conto XI	Casamento X trágico
A Mensageira	Ano II, n. 32, 15 de setembro de 1899, págs. 149-151	Apólogo (À Cláudia Scheldon)	Conto XII	Fantástico

ANEXO 1.0

1. Fotografia de Maria Clara da Cunha Santos



ANEXO 2.0

Transcrição das crônicas de Maria Clara da Cunha Santos publicadas em *A Mensageira* (1897-1899)

2. 1 Crônica I (Ano I, n. 2, 30 de out, 1897,p. 18-19)

Começam agora os formosos dias de verão! Levanto-me muito cedo para os banhos de mar e aprecio immensamente estas deliciosas manhãs, que me enchem a alma de sã e benefica alegria.

O mar é um encanto! Nadar – eis um dos maiores prazeres concedidos por Deus aos miseros mortaes. Outro dia, estava no mar, admirada, esquecida a contemplar a magestade das ondas que placidas e serenas davam ao mar o aspecto de manso lago. De repente sinto bem juncto a mim um objecto estranho que aos balanços preguiçosos das ondas se aproximava da praia. Contemplo-o admirada! Que havia de ser? Uma trança postiça de cabello grisalho, presa ainda a um grampo de tartaruga!

A trança despresada aos balanços das ondas approximava-se e afastava-se de mim.

Pobre trança perdida! disse eu! De quem és? A quem pertences? Quem seria a tua primitiva dona? Comecei a imaginar mil cousas exquissitas.

Aquella trança era velha, estava cheia de cabellos brancos, e seria a velhice a causa do seu despreso? Não creio. Fôra talvez perdida no banho, quando prestava á sua velha dona o serviço precioso de não lhe deixar a calva á mostra.

Neste tempo de horrível carestia, aquella trança daria ainda alguns nickeis em um belchior qualquer da rua da Carióca.

Trança postiça – que ignominia!

A falar verdade, todas as tranças postiças deviam ter um fim tragico, não direi que fossem lançadas ao mar, por higyene e formosura das praias, mas lançadas ás chammas de uma fogueira enorme!

2. 2 Crônica II (Ano I, n. 2, 30 de out, 1897 p. 20)

A propósito de creanças: minha vizinha tem uma filhinha adoravel, formosa e loura, de 4 annos de idade. Em casa acostumaram-se (que maldito costume!) a amedrontar as creanças quando fazem manhas com a invocação do nome de *seu Azevedo*. É preciso que eu explique que *seu Azevedo* é um bom amigo da familia, muito velho e horrivelmente feio. É carinhoso para as

creanças, mas não consegue a afeição desses anjinhos por causa de sua horrível careta, que a falar verdade, assusta até a gente grande.

A menina da vizinha, querendo mostrar a sua coragem, o seu grande heroísmo ás outras creanças, suas companheiras, aproximou-se de *seu Azevedo*, que todo grave e sentencioso conversava com a avó da creança, no sofá da sala.

A pobresita queria-se mostrar valente e conseguiu dar alguns passos para junto do homem, mas era impellida por uma força estranha e afastava-se, depois, novamente se aproximava, toda tremula, com a voz entrecortada pelo pavor e dizia, meio rindo meio chorando: “*Seu Azevedo*, estou pertinho do Senhor e não tenho mêdo nenhum”.

As outras creanças, pasmas com a coragem desta menina, gritavam: volta, volta, que elle te péga.

O pobre velho, desapontado, fingia não entender a historia das creanças; a avó, envergonhadissima, disfarçava como melhor podia.

2.3 Crônica III (Ano I, n. 3, 15 de Nov, 1897 p. 51-53)

Desta vez mestre Flammarion ficou com pouquissima cotação para os cariocas.

Os sabios erram, os philosophos mentem...

A annunciada chuva de estrellas não veiu. Debalde muita gente ficou acordada, trocando inutilmente as melhores horas de somno por uma vigilia inutil.

Para compensar tamanha decepção, o céu quiz nos consolar e no sabbado passado, entre onze horas e meio dia, muita gente viu um phenomeno metereologico interessante, um arco-iris enorme a roda do sol. Sinto realmente não ter observado esse holophote celeste que, segundo me disseram, foi bellissimo.

Os sabios erram, os philosophos mentem...

Para mim, a melhor philosophia consiste em saber viver, supportar com paciencia os defeitos alheios e procurar diminuir ou attenuar os proprios.

Conheci, no sertão de Minas, um homem de mediana educação e que, no emtanto, era um philosopho perfeito. Elle encarava a vida como a vida é: uma serie de factos, uns alegres e outros tristes, mas todos naturaes e esperados. Tinha esse homem muitos filhos, era fazendeiro e remediado de fortuna. A sua filha mais velha era muito talentosa, mostrava muito gosto pelas letras e pela musica. O pae mandou educal-a em um excellente collegio em Ouro-Preto, fez contente as grandes despezas que obrigavam as penosas e longínquas viagens e durante 5 annos a filha foi todo o seu cuidado e todo o seu orgulho.

Concluída a educação no collegio, voltou para a Fazenda, onde tinha escolhida bibliotheca e excellente piano. Lia, estudava e, sempre cultivando com esmero seu espírito delicado, conseguiu tornar-se uma mulher illustrada e util.

Hoje, casada com o Juiz de Direito de lá, vive feliz e transmite a seus filhos a educação sólida e benéfica que possui.

A segunda filha do fazendeiro não gostava absolutamente de estudar. Os livros e o piano causavam-lhe somno. Aos 14 annos mal sabia assignar o nome. O pae – isto é que é ser philosopho – comprehendeu depressa a inclinação da filha e chamou-a á sala um dia. Depois de longas ponderações, disse-lhe: a gente neste mundo deve servir para sala ou para cozinha; a utilidade das creaturas é a mesma, quer interprete Chopin, como tua irma, quer cultiva a terra, como eu; quer amamente os filhos e remende a roupa velha, como tua mãe, quer finalmente, como teu irmão, dome animaes bravios. O que é preciso é que cada um siga a sua inclinação, ahi é que está o grande segredo da vida. Acho que esta historia de livros e de musica não te agrada; vê lá se queres outra vida, por exemplo – casar. Se queres te casar, dize-me, falarei ao filho do Compadre Lopes, que está nos casos, é bom rapaz, trabalhador, sadio.

- E' isso mesmo, meu Pae, sou de sua opinião, não dou para estudos, quero me casar.

Em menos de dois mezes o filho do Compadre Lopes recebia como esposa a formosa roceirinha.

Passaram-se os tempos. Quando a terceira filha estava na idade de ir para o collegio, o pae chamou-a e, em um discurso cheio de verdades incontestaveis, depois de lhe dizer o que era a vida na sua dolorosa accepção, perguntou-lhe: queres estudar, como tua irmã mais velha ou casar, como a outra?

Papae, eu quero estudar e depois... mais tarde... casar.

- Perfeitamente, iremos então na proxima semana para Ouro-Preto, vaes para o collegio onde esteve tua irmã.

A quarta filha, mais disposta á vida material do que ás lettras, pediu em vez de livros – um marido. Desta sorte, o homem philosopho não contrariou a vocação das filhas e vivem hoje as quatro muito felizes, a seu modo, está claro.

A terceira, casada com um medico, é amiga inseparavel da primeira, tocam piano juntas, lêem os mesmo livros, estudam e criam seus filhos muito diversamente da segunda e da quarta, que, tambem muito amigas, vivem lá a cultivar a terra, plantando favas e pepinos e creando os filhos a laçar bois, pescar, caçar; enfim, uma vida completamente material. O velho – o philosopho, ama-as por equal. Bem razão tinha elle em affirmar que cada um deve seguir a sua inclinação.

Não foi muito melhor assim?

Eu prefiro um bom hortelão a um medico mediocre, do mesmo modo que gosto mais de uma mulher que faça excellentes biscutininhos fritos na gordura do que de uma que faça sonetos do pé quebrado.

E assim é que deve ser a vida.

2.4 Crônica IV (Ano I, n. 5, 15 de dez, 1897, p. 69)

Os bonds, os bonds... que tormento! Não ha logar, passam os bonds repletos, e a gente, que não sabe gymnastica não se aventura a um assalto tão perigoso como o de embarcar em um bond, nesta cidade, a certas horas do dia.

Sei de uma amiga que hontem perdeu duas horas e tanto a ver se arranjava logar em um bond de Villa Izabel para ir ás touradas, nas Laranjeiras. Eram precisos quatro logares, havia quatro senhoras nessa família. Os bonds passavam repletos, de vez em quando, á laia de consolação, lá um ou outro tinha um logarzinho, mas um só! ... óra ellas queriam quatro! – tambem que exigentes! – e esperaram, esperaram. Afinal, quando conseguiram os desejados logares, estavam já cançadíssimas e aborrecidas. Mas quem mora em Villa Izabel e quer ir á Praça de touros em Laranjeiras tem que tomar dois bonds; por conseguinte, supplicio duplo.

Para encurtar razões, quando as minhas amigas chegaram ás touradas, nem lá entraram; para que? O povo sahia em massa, acotovelando-se, contente, a discutir o merito dos toureiros e a brabura dos bois: tinha-se acabado a função.

2.5 Crônica V (Ano I, n. 6, 30 de dez, 1897, p. 83-84)

Ha dias appareceu uma onça pintada lá para os lados do Irajá, e tem pintado o sete a tal onça. Já foi vista muitas vezes pelos moradores d'aquelle bairro. Imagino que a forasteira veiu explorar o logar e ver se lhe convem para trazer a familia.

Sim, eu penso que a onça tal qual o homem, não é propheta em sua terra e por isso entende que de tempos a tempos um passeio a outra cidade, a outro paiz, instrue e fortific a alma, do mesmo modo que fortifica e retempera o corpo. Uma onça em Irajá, tem graça! Amanhã si a onça ampliando mais o seu passeio, vier até aqui ao Engenho Velho, não nos poderemso queixar caso algum estrangeiro nos chame botocudos.

Decididamente a onça de Irajá é uma forasteira que procura novos sitios, certa de que ninguem é propheta em sua terra; ou é uma apaixonada que procura o bulicio das grandes cidades para esquecer amores não correspondidos, ou é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilisado. A civilisação e as onças são incopativeis.

2.6 Crônica VI (Ano I, n. 7, 15 de jan, 1898, p. 103)

Por toda a parte, em quasi todas as lojas, eu vejo em lettras garrafaes este letreiro: Liquidação real. Pois vou lhes contar, caras leitoras, o que fez um intelligente negociante para vender uma peça de seda muito feia, de um padrão horrivel: - inutilisou o principio da peça da seda, ennodoou os dois primeiros metros. Fez um preço... commodo e immediatamente vendeu toda a fazenda.

As freguezas com sentido na barateza, nem olhavam a feiura do padrão.
O mundo é mesmo assim!

2.7 Crônica VII (Ano I, n. 8, 30 de jan, 1898, p. 115-116)

Quantas vezes se não tem fallado das crueis decepções que a todo instante encontram os amorosos corações nesta vida tão cheia de sonhos e de mentiras!

O amor é sempre a causa dessas quédas tremendas. A's vezes a vida de uma creatura parece deslizar serena e calma como as aguas de um manso lago. Nenhum leve pezar, nem o mais pequenino desgosto turvam a serenidade de seu viver pacato e feliz: de repente muda-se o scenario, empallidecem os doirados raios de luz e sobre a vida ha pouco povoada de aparições formosas projectam-se apenas dolorosas realidades. Apagam-se, como por encanto, as alegrias e as esperanças todas.

Tal foi o que se deu com uma doente, ha já algum tempo, nesta cidade, e que ainda hoje no Hospicio Nacional de Alienados está submettida a criterioso tratamento.

Chama-se Theodora, a infeliz, o seu caso foi largamente commentado pela imprensa diaria. Sua historia é muito interessante para a medicina.

Tão acostumadas estamos a ver, em questões de amor, ingratidões e perfidias que dizemos ser o caso interessante para a medicina, unicamente. Theodora amava com todo o ardor de uma paixão purissima e acreditava-se amada tambem. Passaram-se os tempos. Uma rival mais feliz despedaçou todos os seus sonhos, todas as suas alegrias!

Theodora, de ha muito que desconfiava de seu amado, mas elle, o pérfido, jurara-lhe eterna fidelidade e amor eterno.

Avisos prudentes de velhos e atillados amigos, conselhos carinhosos e bons, tudo, tudo Theodora despresava para só crer em seu amado!

Um dia, lendo na *Gazeta* os proclamas de casamento deparou subitamente com o nome *delle* e o da *outra*.

Era certo, não havia duvida, ali estavam aquelles nomes que lhe queimavam os olhos como se fossem de fogo, o que pensou nesse instante a pobre abandonada? Ninguem soube, nenhuma palavra articulou, apenas estatica, dura, hirta, com as unhas enterradas no jornal, os dentes cerrados e pallida como se estivesse morta, cahio de todo o comprimento, vencida pela grande dor d'aquelle golpe fatal.

Correram todos, acudiram pressurosos, foram prestados todos os socorros medicos e nada fazia com que ella tornasse á vida.

Morta! Morta! pensaram todos. Distincto facultativo affirmou entretanto que aquillo não era morte, era um somno, uma especie de morte é verdade, mas enfim era um somno.

Durante 20 longos mezes dormio Theodora: os medicos interessados por esse caso tão curioso trataram-na com todo carinho e desvello da sciencia. Recolheram-na ao Hospicio, onde ha

mais elementos para longos estudos e variadas experiencias scientificas. Ha pouco tempo a doente acordou, foi a pouco e pouco despertando como quem acorda de um somno natural: não póde fallar ainda, mas ouve, trabalha, alimenta-se regularmente e as vezes sorri.

Vi-a no Hospicio, um dia destes e senti uma grande compaixão ao vel-a ! O interno, 5º annista de medicina, a cuja gentileza devo o favor de me haver mostrado a doente, disse que ella por ora não fallava por ter uma paralytia na garganta, mais tarde é provavel que fique completamente restabelecida. Fiz-lhe algumas perguntas que ella promptamente comprehendeu e sorriu.

Pobre victima do amor! O mundo dá tantas voltas e é tão bella a lei divina da compensação que eu não me admirarei se um dia encontrar Theodora completamente curada, resignada, consolada e casada... com outro. Ella, pelo muito que já soffreu, mais do que todas, tem direitos a ser largamente compensada!

2.8 Crônica VIII (Ano I, n. 8, 30 de jan, 1898, p. 117-118)

Aviso util ás mães de familia: não consintam em vossas casas uma ave que é muito prejudicial a avestruz. Ha dias deu-se nesta cidade um facto dolorosissimo. Uma menina que eu conheço e estimo, de 6 annos de idade, bonita, intelligente, sadia e alegre, foi victima dessa ave cruel.

Era uma tarde bonita como são as tarde de verão nesta terra.

A menina transpunha o degráo da porta da rua p.^a brincar com o irmãozinho, no jardim. Vinha vindo, a pequena distancia, um carregador trazendo ao collo uma avestruz.

A menina mal teve tempo de fitar o homem que trazia a avestruz, quando esta, trahiçoeiramente, desprende-se dos braços possantes do carregador, que não poude contê-la e certa como uma flecha, fura com o bico esguio um dos olhos da formosa creança. Não houve um segundo de demora na realisação deste desastre. A ave chupou o olho da menina, deixando na orbita um vacuo profundo e medonho.

O carregador, embaraçadissimo, não podia explicar como se déra o facto, affirmou entretanto que a avestruz quando se desprendeu de seus braços teve uma força enorme, inqualificavel, força muito superior a sua.

Tanto chorava o pobre homem, como a creança e as pessoas de sua familia em vista desse desastre.

A menina já está hoje com um olho de vidro, pobresinha!

Realmente os olhos de Laura, de tão bonitos e scintillantes que eram, causavam admiração geral.

A inconsciente avestruz se deixou fascinar tambem e tomou-os, quem sabe? por brilhantes negros. Tenho pena de encontrar a formosa Laura assim deformada! Pobre creança!

2.9 Crônica IX (Ano I, n. 8, 30 de jan, 1898, p. 118)

Grande exemplo de philosophia acaba de nos dar, em Pariz, um cocheiro de tilbury. Tirou uma sorte na loteria, de alguns milhares de francos correspondentes a 200 contos de nossa moéda

Pensaram os tilbureiros que teriam um collega de menos, e que, como é natural, o felizardo cocheiro fosse gozar sua fortuna e empregar sua activiade em cousas mais altas. Engano. O homem continuou no seu modesto emprego, disse que jamais se acostumaria com a vadiação, que é um crime segundo o seu character, e que não sabia trabalhar em outras cousas, senão em tillburys, como cocheiro.

Confiar seus capitaes a outros... não queria, tinha receios e bem fundados, por isso continuava a trabalhar n'aquillo que sabia.

Decididamente é um grande philosopho esse cocheiro! tem a rara virtude de conhecer a sua ignorancia!

2.10 Crônica X (Ano I, n. 9, 15 de fev, 1898, p. 132-133)

Desde creança que ouço falar com muito desprezo sobre a falta de segurança que ha, em segredos em bocca de mulher

Ha muita gente que diz: confiar um segredo á uma mulher... é o melhor meio de botal-o na rua, no dominio publico.

Nessa injustiça, o que nos dóe mais vivamente, o que mais nos fere o coração, é ouvirmos essa opininão (sic) de algumas mulheres.

Pois bem, nesta capital, tivemos agora um desmentido formal dessa calumnia que tem corrido seculos e gerações. Um facto altamente sympathico para o nosso credito, acaba de se dar na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro.

Como se sabe, no trabalho material da fabricação do Diario Official, muitas mulheres encontram aqui elementos para ganhar sua vida, ora compondo livros e paginando, ora auxiliando nos trabalhos de revisão e encadernação. Um facto de subida monta – a publicação do relatorio sobre o attentado do dia 5 de Novembro, no Arsenal de Guerra, facto que tem agitado vivamente toda esta população, reclamava grande sigillo, absoluta reserva.

Era preciso que os compositores da peça official soubessem ser discretos. Uma só palavra, a revelação de qualquer dos pormenores do relatorio poderia perturbar a ordem e o bom exito do mesmo. Em taes emergencias, pensaram os interessados nesta questão em obter para os trabalhos materiaes do relatorio pessoas criteriosas, que não trahissem... que não contassem os segredos que só a Policia tem o direito de perscrutar e em bôa hora escolheram para esse

serviço 22 mulheres. Nenhum homem trabalhou nessa composição, as mulheres sósinhas fizeram todo o relatório.

Também ninguém soube das minuciosidades do processo senão depois que a folha foi lançada à publicidade. Convém notar que a preferência às mulheres foi dada pelos homens, que quiseram ocultar segredos dos outros homens.

E' bella a lei da compensação; se em parte o nosso descredito vem de algumas mulheres que abertamente falam de seu sexo, desprestigiando-o, vemos de outro lado alguns homens que sabem fazer justiça á nossa discreção e preferem para uma emergencia melindrosa, como essa da publicação do relatório sobre o attentado de 5 de Novembro – as mulheres e não os homens, que extremados em politica e com ideias diversas poderiam esquecer o seu dever e trahir a patria.

Ainda bem, os factos vão destruindo as accusações insensatas. Ningem (sic) mais venha dizer ao pé de mim: "Segredo em bocca de mulher..." Saberei defender o sexo fraco lembrando o recente facto a que acabo de alludir!

2.11 Crônica XI (Ano I, n. 9, 15 de fev, 1888, p. 134-135)

Approxima-se o Carnaval. Quanta alegria e quanta loucura! E' a festa mais querida do nosso povo. Os custosos e bonitos carros de ideias ostentam toda a sua riqueza e espirito passeando alegremente pela cidade na terça-feira gorda.

Os que a tanto não aspiram, os resignados, que não pódem gastar tanto dinheiro, contentam-se em passeiatas pelos arrabaldes, em pequenos grupos. Esses, cansados, suados, roucos de tanto dar vivas e perguntar: Você me conhece? divertem-se também lá a seu modo.

Na quarta-feira de cinzas, quanta tristeza, mãe do ceo! quanta gente que perdeu o emprego para folgar á vontade nos 3 dias dedicados a Momo!

Sei de uma amiga que em um sabbado de alleluia mandou o copeiro, um rapagote de 15 annos, buscar um feixe de lenha á venda proxima.

Nunca mais voltava o copeiro, minha amiga desanimou e deu novas providencias. Passaram-se os tres dias da loucura, na quarta-feira de cinzas, muito cedinho, entra o moleque pela porta a dentro, com o feixe de lenha ás costas, muito espantado, ainda vestido de diabinho.

- Que é isso rapaz, pergunta aminha amiga.

- Nada, patrôa, também o vendeiro, o caixeiro, o moço do açougue e todos foram...não fui só eu...foram todos.

O copeiro decerto raciocinava assim: desde que a loucura é geral, não é tão grave a minha falta.

E elle tinha razão!

2.12 Crônica XII (Ano I, n. 11, 15 de mar, 1898, p. 164-165)

Conheço uma pobre lavadeira que me contou outro dia que foi captiva e que ficou liberta no dia 13 de Maio. “Nesse dia, disse-me ella, eu estava empregada como ama de leite de uma criança rica. Meu filho estava sendo criado por uma preta velha, eu não o via senão de mez em mez. A creança que eu creava, eu a amava tanto que as vezes – que loucura! quando a beijava e affagava sentia que beijava o meu filho e que diferença – meu filho negro como carvão, e a creança alva como jasmim, mais o coração não quer saber dessas cousas!

No dia 13 de Maio, quando chegou a noticia de que a Princeza tinha forrado todos os captivos, eu senti uma alegria sem conta e uma tristeza sem nome! Alegre! poderia viver com o meu filhinho! triste! – porque me lembrava que minha mãe morreu captiva e era tão velha! sempre trabalhou e não pode gosar desse favor da Princeza. Depois, continuou a lavadeira, quando acabou a festa da rua e os fogos e a musica, o meu patrão – porque é preciso que explique – eu era captiva e meu senhor me alugou para ama de leite dessa creança, de que eu falo, por 120\$000 por mez – o meu patrão chegou ao pé de mim e me disse que d’aquelle dia em diante eu era livre mas que continuasse a amamentar seu filho.

Meu ordenado seria d’hai por diante de 40\$000 por mez porque o dinheiro era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico.”

Eu fiquei pasma com essa historia revoltante e perguntei-lhe: porque você não se despediu? era já livre e não deveria se sujeitar a ganhar menos. – “Ah! sinhazinha! me disse a lavadeira com os olhos rasos d’agua, eu já tinha dado meu leite 5 mezes á creança e já a amava tanto que não tive coragem para reagir. O patrão poderia despedir-me, elle era homem zangado.

- E seu filho? perguntei.

- Meu filho, respondeu soluçando, morreu nesse dia 13 de Maio, mas eu só soube muitos dias depois!”

A lavadeira despediu-se e partiu.

Eu fiquei a pensar na alma angelica dessa creatura e na abnegação de seu proceder tão nobre.

Todos conhecem casos hediondos e atroztes de barbaridade cometidas no tempo do captiveiro, por isso não é demais que eu conte esse da lavadeira e do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mez enquanto um outro homem – tambem rico – recebia o aluguel para consumil-o em capitosos vinhos e luxuosas ostentações e que no momento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o terço do seu valor! Edificante, não acham?

2.13 Crônica XIII (Ano I, n. 12, 31 de mar, 1898, p. 183-186)

Ha dias recebi a visita de uma amiga que ha muito tempo não via.

Compreende-se bem porque passamos tantos mezes sem nos encontrarmos: moramos em extremos oppostos, eu aqui á entrada da Tijuca, ella lá nos confins de Botafogo.

Depois das primeiras expressões de saudades e abraços, ella poz-se a falar em tudo e em todos que conhecemos. Dava-me noticias agradaveis umas e outras tristes, tudo de mistura, sem quasi descansar.

Incidentes engraçados vinham cortar o fio das longas divagações e ella sempre a falar contava-me que a nossa amiga A. estava em excellente villegiatura em Lambary, que D. Fulana mudára de casa por ter brigado com a vizinha, que o filho do Coronel C. foi reprovado em francez e mil cousas mais que me não lembro agora. Depois, com voz muito triste e olhos rasos d'agua, disse-me: Sabes de uma desgraça? Nossa amiga Laura está pobre!! O Commendador está muito atrazado, deram balanço no negocio e elle ficou sem cousa alguma, a mudança lá na casa de familia foi horrivel, não imaginas! venderam os carros e cavallos, quadros e estatuas e o predio nobre vae ser entregue em pagamento de divida a um negociante de S. Paulo.

Olha, causa dó! Laura está inconsolavel e vexada! O Commendador vae ter um emprego muito secundario, que o seu amigo Dario arrumou na Alfandega e ella, a pobre Laura, quer ausentar-se desta cidade, onde viveu folgadoamente e ostentou e deu festas e recepções e agora...coitada!

- Mas, francamente, não acho motivo para ella estar assim tão desanimada e tu tão contristada!

Estão todos fortes, teem saúde, podem trabalhar. Precisamos ter coragem. A fortuna é uma bem, não ha duvida, mas sem ella tambem se vive e póde-se mesmo ser feliz. Deus me livre de pensar assim como pensas! A respeito da fortuna eu tenho minhas ideias muito especiaes. Acho que o luxo é o maior factor da desgraça. Na mulher principalmente é que o luxo actua do modo mais desastroso! Nota bem que o que nossa amiga sente e patenteia por esse pezar enorme é a falta do luxo que váe ter d'ora em diante.

Aquelle vexame nada mais é que o reflexo da vaidade, ella sente que vae terminar a febre dos theatros e dos bailes e das occasiões de brilhar ostentando custosas *toilettes*. Coitada! Eu sinto por sabel-a tão acabrunhada, mas não que o facto em si inspire dó.

- Mas, minha amiga, continuou a visita – achas que um homem depois de ter sido, como o Commendador, chefe de uma casa bancaria, póde, sem quebra de dignidade, ser um empregado qualquer e andar ainda com a cara alegre?

- Prefeitamente, respondi. Vejo, que pensamos, neste ponto, de modo muito diverso. E, para certificar-te do pouco valor que tem a fortuna relativamente á felicidade conjugal, vou te contar um facto que eu sei contado por minha querida avó, que Deus haja no Ceo. Havia, em Nictherohy, uma moça muito rica e que dava á sua fortuna apreço demasiado. Para ella o dinheiro era tudo. Acostumada, desde creança, a ouvir falar com desprezo da pobreza e endeosar o dinheiro, começou por dar toda importancia somente á gente rica. Lá um bello dia, porém, a moça sentiu no coração o tal tic-tac que toda a gente sente quando tem vinte annos e por uma fatalidade

o rapaz era pobre. O coração dos moços é sempre bom e por isso, apesar da repugnancia que a pobreza lhe inspirava, venceu o coração, e o casamento effectuou-se.

O rapaz era muito digno para poder ouvir insinuações de qualquer ordem. Limitava suas despesas ao que ganhava com a sua advocacia da roça. A moça, – que levava dote – não estava por isso – e dizia ao marido constantemente que queria vestidos de sedas e joias e que para isso tinha fortuna, gastava do que era seu.

Promptamente era servida. As exigencias repetiam-se todos os dias, a moça não pensava que a fortuna pudesse um dia se acabar e inventava gastos de toda ordem; um dia era uma viagem, outro dia uma festa, enfim, ella julgava que a vida era isso mesmo – folgar, rir e gastar dinheiro. O que, porém, ella não imaginava era o que o marido fazia: assentava todas as despesas extraordinarias da mulher – essas despesas que ella fazia exclusivamente com o dinheiro do dote – em um livro diario onde podia provar a verdade com os recibos e documentos. Um dia, minha amiga, o dote acabou. Bem sabes que, a gastar por essa fórma, não ha mãos a medir. A moça, como sempre, imperiosa, disse: quero um vestido de velludo, tire do meu dinheiro. O marido chamou-a docemente, fel-a sentar-se a seu lado e com todo o carinho obrigou-a a lêr aquelle livro.

A principio ella não quiz: que iria lucrar com isso?

Mas o marido disse-lhe energicamente que era preciso que ella soubesse que o dinheiro do dote estava esgotado – ella o dissipára exclusivamente em suas phantasiosas despesas e que d'aquella data em diante tinha que se sujeitar ás suas condições e receber o que elle lhe pudesse dar, exclusivamente.

Ella quiz chorar, pudera! a perspectiva da economia aterrorisava-a! Ahi então o marido, como homem ajuizado e verdadeiro amigo, fel-a calar-se e disse-lhe que novos horizontes de felicidade vinham illuminar o lar, a querida paz do lar que até então só era perturbada pela ideia do luxo, que é a ostentação da vaidade e de mil outras paixões despresaveis.

Viveram d'ahi por diante muito felizes, - o marido livre d'aquelle vexame constante de ouvir falar em dote e em dinheiro humilhante, - ella mais feliz tambem, porque, livre de toda preocupação do luxo, começou por dar ao dinheiro o valor que elle tem.

Eis ahi um dote que só serviu para a interrupção da felicidade na vida d'aquelle casal.

- Se todos os maridos fossem como esse advogado, exclamou sorrindo minha amiga... mas a historia é que a arte da *chicana* só a possuem esses senhores que aprendem a discutir e convencer em cinco annos de estudo!!

2.14 Crônica XIV (Anno I, . 17, 15 de jun, 1898, p. 259)

Neste mundo tudo tem serventia e todos têm seu dia!

Quando morei no sertão, assisti a uma scena muito engraçada, que se passou na loja de um amigo de nossa familia. O negociante, á moda da roça, tinha de tudo em sua casa commercial, desde a sêda á carne secca, desde as panellas ás rendas. Um sujeito lá entrou para comprar

preparos para o enterro de um parente querido. Depois de uns tantos metros de setim e de galões, de fitas e de flores de panno, deparou com uns sapatos de borracha, que estavam ao fundo de uma prateleira e foi logo pedindo os taes sapatos com esta exclamação: Excellentes para defunto! O que mais não inventarão? é verdade!! O negociante comprehendeu de prompto a ignorancia do freguez, mas como tinha interesse em ver-se livre d'aquelle *alcaide* – concordou sobre a vantagem de tão util melhoramento. Conclusão: a moda pegou o emquanto, na cidade, houve taes alcaides, todos que partiram para a viagem eterna, foram de sapatos de borracha!

2.15 Crônica XV (Ano I, n. 18, 30 de jun, 1898, p. 280-281)

Eram cinco horas da tarde. Voltavamos de Icarahy, onde havíamos passado muitas horas alegres a contemplar a belleza d'aquella formosa praia. A barca deslisava suavemente. O mar estava calmo e limpido. Nem um lufar de ventos. O sol doirava os altos montes e fugia para o occaso, lentamente... E alêm, no horisonte, uma sombra azulada apparecia, de leve, derramando por sobre as aguas tão calmas, deliciosa poesia.

Ao contemplar este quadro suggestivo, deixando-me prender pelos encantos da natureza, bem longe estava de suppor que d'ahi a algumas horas esse mesmo mar, iracundo e furioso, engoliria duas vidas preciosas, arrebatando, brutalmente, duas jovens, cheias de sorrisos, cheias de esperança! Foi em Copacabana que se deu o tragico drama. A amizade unira as duas amigas que nem a morte pode apartar. Contentes, com as almas despreoccupadas, no verdor de seus 16 e 17 annos, as duas amigas, confiando no trahiçoeiro mar, deixaram-se levar pelas ondas perfidas!

A lucta foi horrivel, como é facil de imaginar. Um cavalheiro, n'um impeto de generosidade, atira-se ao mar, no intento de salvar as jovens que luctam contra o furor das ondas! Consegue apenas salvar uma e a conduz para terra; ella, porém, n'um lance de altruismo, num rasgo de abnegação e coragem precipita-se novamente ao mar a ver se salva a amiga que, sósinha, luctava e quasi succumbia. Esforço inutil, baldado sacrificio! Dahi a pouco, já sem vida, os dois corpos foram transportados para terra. Amigas na vida e companheiras na morte!

2.16 Crônica XVI (Ano I, n. 19, 15 de jul, 1898, p. 301)

A proposito dos chapéus das senhoras no theatro lyrico tem-se gasto muita tinta e muito papel. Tem havido brigas, discursos e questões, mas o certo é que nenhuma senhora mais se apresenta lá com os taes chapeos, cuja unica serventia era impedir a vista dos espectadores. Ainda bem! As chapeleiras deram o cavaco com a nova moda, em compensação os cabelleiros estão radiantes de alegria. Pudéra! O chapéu, de algum modo encobria o penteado deselegante, mas agora muda de figura... ficam á amostra muitas calvas!

2.17 Crônica XVII (Ano I, n. 19, 15 de jul, 1898, p. 302-303)

Neste fim de século, as noivas estão muito ariscas. Uma dellas, outro dia, desmanchou o casamento por uma futilidade aparente mas que é falta muito grave para quem só encara a vida pelo seu lado pratico. Eis o caso: A noiva guardava em casa de seu *futuro*, os doces que ia fazendo para o dia do casamento. A casa do noivo era mais commoda, prestava-se melhor para guardar o *stock* dos doces.

Um dia a noiva desconfiou... ali faltava grande quantidade de doces.

Tirou alimpo a questão: quem os comia era o noivo. Ahi então ella raciocinando disse: quem não tem capacidade para guardar algumas bandeja de doces, muito menos terá para guiar o futuro da mulher e proteger e amparar a familia.

E por causa de ter comido os doces do casamento, o noivo foi despedido!

2.18 Crônica XVIII (Ano I, n. 20, 31 de jul, 1898, p. 306-307)

Passar de um bom conselho a um conselho bom e cousa facil. Pedindo pelas Creches é aconselhar o bem e ensinar a prudencia na vida conjugal é tambem um excellente conselho. Eis o caso: Morava no sertão de Minas um casal feliz. O marido amava a mulher como geralmente as mulheres amam os maridos – com extremos.

Nunca tinham brigado e o que um queria, queria o outro. Lá uma bella tarde estavam ambos sentados na varandinha da frente, gosando da frescura deliciosa d'aquelle logar quando ouviram muito ao longe o pio estridulo de uma ave do matto.

- Que bello canto tem o jacú, disse o marido, escuta, elle está cantando.
- Não é jacú, é jacutinga, affirma a mulher.
- Estás enganada, é jacú.
- Não é, eu sei, é jacutinga.
- Não teimes commigo.
- Teimoso és tu, grandississimo malcreado.

E a discussão foi augmentando, augmentando... já nenhum dos contendores ouvia o que o outro dizia, cada qual queria mostrar maior conhecimento de adjectivos insultuosos.

E para encurtar razões, o marido como mais forte, venceu a discussão quebrando nas costas da cara metade uma bengala de junco.

A pobre mulher voltou para casa dos paes – refugio de quem naufraga no casamento. Não pode mais tolerar aquelle barbaro que se esquecera de seu amor, da deferencia que devia á mulher, de tudo, tudo, para espancal-a assim.

Passaram-se muitos mezes. O marido já muito arrependido procurou reconciliar-se com a mulher. Lagrimas, rogos, perdões, promessas, tudo elle invocou em seu auxilio e o certo é que ella perdoou a offensa e... reconciliaram-se.

(Conselho: não se mettam em brigas de marido com mulher, tenham em vista a reconciliação deste casal). Mas, como ia dizendo, voltaram para a casa abandonada pela futil discussão do pio de uma ave do matto. E a alegria, a paz e a felicidade voltaram tambem áquelle lar. Muito bem, estava tudo como dantes. Lá um bello dia, entre beijos e caricias, a mulher docemente suspirando, disse: faz hoje um anno, lembrás-te? que brigamos por causa do jacú e da jacutinga, tu teimavas que era jacú.

- E era mesmo, tu não tinhas razão.

- Era jacutinha.

- Não era.

- Era.

- Não era.

Em resumo, repetiu-se a scena do anno passado, mais forte ainda, porque em vez da bengala de junco, quebraram ambos toda a louça da casa no bombardeio que improvisaram de repente.

E dessa vez então não foi possivel mais a recoinciliação. Os insultos reciprocos tinham sido de tal ordem que derribaram para sempre a felicidade conjugal d'aquelles dois teimosos!

2.19 Crônica IX (Ano I, n. 21, 15 de ago, 1898, p. 321-322)

Outro dia, na Exposição de Arte retrospectiva, brilhantemente organizada pelo Centro Artístico, contemplava absorta, um quadro lindissimo.

Era o interior de uma sala de luxo, repleta de formosos objectos de arte. Extraordinaria composição em que se encontravam em harmonioso conjuncto, a riqueza do colorido, a luz vibrante e forte de um dia primaveril, o rigor tecnico dos detalhes e sobretudo a elegancia e naturalidade das figuras. Ao fundo do quadro havia uma janella ampla, francamente aberta e ao longe, muito ao longe viam-se, desenhados com a rigorosa precisão da perspectiva, arvores e arbustos que projectavam no chão deliciosa sombra. Ao contemplar o formoso quadro, esqueci-me de consultar ao catalogo o nome do auctor.

Apreciava-o incondicionalmente, como se aprecia o que é bello, o que é digno, o que é elevado. De repente ressoaram a meus ouvidos palavras asperas de censura ao quadro. Alguem dizia, bem alto, que nenhum valor encontrava na tela que me enfeitiçava cada vez mais.

D'ahi a pouco, o mesmo critico, reconheceu o festejado nome do auctor do quadro e diz entre assustado e arrependido: Ah! é de Berne-Bellecour, não tinha reparado, é esse um pintor emerito, seus quadros têm grande cotação, etc.

Volto á Exposição, dias depois, e que havia de encontrar? O mesmo critico, embevecido, absorto quasi, a contemplar a tela que dias antes tanto o erritára. E mais surprehendida fiquei quando o vi, em phrases repletas de enthusiasmo, chamar a attenção de um amigo e descrever um por um os detalhes completos do quadro que relamente só o encantou depois de reconhecida a assignatura do pintor.

Ha muito tempo que me preoccupa o coração a dolorosa verdade que o Padre Antonio Vieira ha tantos annos disse, nesta phrase suggestiva: Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.

2.20 Crônica XX (Ano I, n. 21, 15 de agosto de 1898, p. 323)

Contou-me, ha dias, um pintor illustre que seu irmão – tambem tambem (sic) pintor emerito e de grande nomeada – tivera a encomenda do retrato á óleo de um menino, mas do modo mais exquisito que se pode imaginar. O menino tinha fallecido ha seis annos já, e o pae queria que o pintor, auxiliado por uma photographia velha, fizesse o retrato do menino, como elle deveria ser, se fosse vivo, isto é, se tivesse treze annos.

- Mas, seu filho, por esta photographia mostra ser um menino de sete annos, pouco mais ou menos, disse o pintor.

- Justamente, replica o pae. Elle tinha sete annos quando morreu. Mas o senhor como bom pintor, com o auxilio desta photographia e com um pouco de bôa vontade e de imaginação póde, perfeitamente, pintar o retrato como eu quero, isto é, de um rapazinho de treze annos, muito parecido commigo, com a differença apenas que tinha os olhos azues.

Haverá cousa mais estúpida do que isto? Não creio.

Decididamente, para se ser pintor, nesta terra, é preciso possuir, além de todos os conhecimentos technicos indispensaveis á grande arte, a sublime virtude da paciencia.

2.21 Crônica XXI (Ano I, n. 22, 30 de ago, 1898, p. 352)

Cento e quarenta annos bem sommados tinham os dois, elle e ella, ou simplificando a operação, setenta annos cada um delles, o raptor e a raptada.

E' verdade! pelo menos foi o que publicaram os jornaes desta capital.

Aos setenta annos ainda póde uma mulher, naturalmente feiticeira, incendiar paixões e provocar desordens, e com igual idade, ainda existe nesta terra poderosa, homem de coração apaixonado e cheio de vigor para cavallarias tão altas!! E' o caso do sabio proverbio: não falta nunca para um pé inchado um chinello velho. Para uma Julieta de setenta annos ha sempre um Romeo da mesma idade!

2.22 Crônica XXII (Ano I, n. 24, 30 de set, 1898, p. 377)

Pediram-me, ha dias, para escolher um nome bonito para um recém-nascido. Antes que eu respondesse, uma senhora presente, muito dada a litteratura franceza, lembrou o nome de Victor Hugo. E a pobre creança recebeu na pia baptismal a responsabilidade desse grande e glorioso nome. Horror! Pelo amor de Deus, mães de familia, livrae vossos amados filhinhos de tamando desfructe. Victor Hugo de Souza! Floriano Peixoto de Azevedo! Que vem a ser isso? Que cousa ridicula!

2.23 Crônica XXIII (Ano II, n.25, 15 de fev, 1899, p. 2)

Sabbado, duas horas da tarde!

Deve estar correndo a grande loteria dos 500 contos. Quantos corações batem, neste momento, repletos de fagueiras esperanças. Quanto sonho que vae se dissipar d'aqui a pouco; quanto Castello que vae cahir no duro chão da realidade. Quem compra um bilhete, faz logo os seus calculos, não ha duvida. Ir á Europa, posso affirmar, que é mais geral dos sonhos dos brasileiros. Ver Paris... que delicia!

Paris é um céu que a phantasia engrandece talvez – quem sabe? – mais do que merece. Vale a pena pensar alguns dias na sorte grande. E' um dinheiro bem empregado o do bilhete... mesmo que saia *branco*. Tal qual um dispeptico que precisa de appetitivos para excitar o estomago cançado e doentio, ha muita gente que precisa de vez emquando de um bilhete de loteria para reanimar a imaginação abatida e proporcionar ao espirito o suavissimo goso do sonhar acordado.

2.24 Crônica XXIV (Ano II, n.25, 15 de fev, 1899, p. 13)

De luto

(A' Presciliana Duarte de Almeida)

Leve petala de rosa a boiar sobre as ondas encapelladas de revolto oceano, onde vaes parar?

Suspiro de amor arrancado d'alma e perdido pelas brenhas da floresta, onde iràs morrer?

Ninguem responde, ninguem sabe.

Filhinho adorado, formoso lyrio de 18 mezes, que partiste para a eterna viagem levando o coração ternissimo de tua mãe e de todas as suas alegrias presentes e futuras, porque não voltas? Ah! é bem triste a realidade: nunca mais has de voltar ao deserto lar , entristecido pela tua

ausencia. Eras a aurora de um formoso dia de sol e tal qual um passaro gorgeador e alegre enchias a casa toda com a tua garrulice. E tudo, tudo, num momento se acabou como um sonho que se dissipa. E apesar de tamanho soffrimento o coração magoado de tua pobre mãe, conserva-se ainda vivo. Palpita, sente, soluça e chora para a vida toda. Vivo a martyr terá o coração para a dôr e morto para a alegria. Pobre mãe! Hoje em dia tua alma é como a leve petala de rosa a boiar sobre as ondas encapelladas de revolto oceano; é como o suspiro de amor arrancado d'alma e perdido pelas brenhas da floresta. Quem poderá sondar a immensidade de tua dor?

Ninguem sabe, ninguem responde. Outubro de 98.

2.25 Crônica XXV (Ano II, n. 26, 15 de mar, 1899, p. 41-42)

Um sabio allemão acaba de prognosticar que o mundo terá fim no dia 13 de Novembro proximo futuro. Esse vaticinio tem feito mal á muita gente, que anda nervosa e apprehensiva.

A mim... não me abala. Com o genio communicativo e alegre que tenho, confesso que não me desagradaria este fim tragico e divertido.

Todos juntos, que barafunda, Santo Deus!!

Seria uma verdadeira festa fim de seculo e sobretudo muito original.

O Dr. Cruls affirma que haverá apenas uma notavel chuva de estrellas cadentes.

No dia 14 de Novembro não haverá mais duvidas a respeito e nós teremos então *verificado* qual disse a verdade, se o sabio da Allemanha, se o sabio do Rio de Janeiro.

2.26 Crônica XXVI (Ano II, n. 28, 15 de mai, 1899, p. 87-88)

Outro dia surprehendi a interessante conversação de duas amigas que muito prezo, uma escriptora conhecida e outra pintôra de merecimento.

Queixavam-se ambas, censurando uns tantos costumes imapagaveis da nossa terra e do nosso povo. Dizia a pintora, com um ar de sarcasmo muito fino: "se eu fosse dar quadros e trabalhos meus a todos que me pedem, nada mais faria do que pintar para galantear o proximo. E o que é mais engraçado, em tudo isso é que os pedintes julgam que nos fazem um obsequio, com o tal pedido a queima roupa, entre um sorriso e uma phrase amavel, que a força de repetidos já não tem sal. Quero um trabalho seu... é uma amabilidade tão vulgar como esta outra: muito prazer em conhecê-la, tem uma casa ás ordens... (emquanto não precisar della.)

A escriptora tambem contava passagens interessantes que tinha observado. Entre outras, notou o habito commum dos nossos patricios em offerecerem os seus dados biographicos e contarem suas historias, algumas das quaes bem sem graça, aos fazedores de romances e de novellas para baze de uma (sic) trabalho commovente. "Quero que escreva um romance com a

historia da minha vida”, eis uma phrase muito commum. Que vontade tem essa gente de ver em letra redonda e sob um titulo de sensação a historia de sua vida!

- Ignorância ou vaidade? Pergunta a pintora.
- Creio que ambas as cousas, minha amiga, diz a escriptora!

2.27 Crônica XXVII (Ano II, n. 28, 15 de mai, de 1899, p. 88)

Contam que um homem muito grosseiro, muito bruto, ia andando o seu caminho, em uma estrada de Goyas. Ia a pé e levava ás costas o seu farnél.

Encontrou com um sujeito rico, muito bem vestido, montado em vigoroso Cavallo, ajaezado de prata.

No caminho havia uma porteira muito pezada. O homem rico disse ao outro, em tom imperioso: abre a porteira.

- Quem é você? retruca o bruto, para assim querer me governar!
- Sou um Doutor, responde.
- E que é que vem a ser um Doutor?
- Doutor é um homem que sabe tudo.
- Pois, meu amigo, quem sabe tudo, sabe abrir porteira.

A resposta do hommem bruto foi tão bôa que mais parece ser a de um doutor.

2.28 Crônica XXVIII (Ano II, n. 32, 15 de set, 1899, p. 156-157)

Outro dia uma de minhas amigas me dizia que o facto de muitas creaturas viverem se lamentando, é uma doença, como outra qualquer. E doença perigosa e grave... por ser contagiosa.

Realmente citou-me casos, que eu conheço, e me provou a verdade de sua asserção, que parece, a principio, um paradoxo.

Observa, disse-me ella, ha pessôas que sentem enorme prazer em contar ao proximo os seus soffrimentos.

Que terrivel mania!

Conheço uma senhora, aliás muito bôa, que entende que nós todos viemos ao mundo exclusivamente para trabalhar e soffrer.

Procurar se divertir, buscar uma alegria, dar um passeio, são no entender dessa excentrica senhora, cousas superfluas e dispensaveis.

Em consequencia da vida sedentaria e triste que leva essa infeliz creatura, a sua palestra é tetrica como um luto pesado. Outro dia ouvi debicarem-n'a. eu tive pena, confesso. Tudo aquillo é efeito da educação. Ensinaram-n'a quando menina a tomar a vida como um fardo e a trabalhar

como mouro, e quando ella se lamentava, ninguem a reprehendia, ninguem a censurava. Em vez de amenisarem-lhe a existencia, proporcionando-lhe diversões saudaveis e passeios e festas, deixavam que a menina se lamentasse... para desabafo e continuasse na mesma vida. De que pode se lamentar uma creança que é sadia e tem seus paes?

Hoje essa menina é uma senhora e tem, portanto, obrigações impressendiveis a cumprir, como esposa e como mãe. Trabalha o mais que é possível e passeia o menos que póde. Evita os divertimentos; em seu espirito escurecido pela falsa educação que lhe deram, o divertir-se uma senhora que é bôa esposa e bôa mãe é quasi um crime.

Qualquer contrariedadezinha, inevitavel á uma dona de casa, toma diante de seus olhos, proporções enormes. Se de manhã algum famulo a contraria, algum desarranjo se nota em seu ménage, que a outra qualquer seria facil esquecer, a pobre senhora tem panno para mangas, como se diz entre nós. Rejeita o camarote do Lyrico que o marido lhe quer dar e se accede e váe ao theatro... não se diverte.

O insignificante contratempo da manhã é um pretexto para amofinar seu espirito durante uma semana.

Nada de lastimas, minhas leitoras. Deixemo-nos disso. Com lamentos e tristezas só conseguiremos uma cousa: enfastiar as pessôas a quem amamos e afugentar as que nos amam.

2.29 Crônica XXIX (Ano II, n. 34, 15 de Nov, 1899, p. 185- 186)

Morrer de medo deve ser o cumulo da cobardia! Haja em vista esta historia que me contaram a proposito da peste bubonica em Santos.

Um sujeito, excessivamente medroso, ia fugindo da peste indiana que arrasou a Inglaterra em 1665.

Em caminho, adormeceu, de cançado e sonhou que vira em um jardim magnifico uma mulher pallida e feia, definhada e antypathica a colher flores. O jardim era enorme e muito bem tratado. Só tres pessôas lá estavam, a mulher pallida e feia e dois rapazes fortes e robustos. Emquanto a mulher, que tinha um ar de preguiçosa, colhia uma flor, os rapazes colhiam dezenas e centenas de lindas e viçosas flores.

A mulher afinal foi descendo as escadas do jardim, desanimada e triste.

Os incançaveis mancebos continuavam sua faina, devastando o jardim.

O medroso que espreitava, perguntou á mulher: que gente é essa? de quem é esse jardim? A horrorosa mulher fez um tregeito macabrio, e respondeu: "o jardim pertence a Deus, é o mundo, as flores são as creaturas... eu sou a Peste Bubonica e aquelles guapos rapazes são um o Terror e outro o Boato."

E esta? Como o Boato e o Terror fazem muito mais victimas do que a Peste!

Foi um sonho, me dirão.

Mas um sonho, respondo eu, que dá a idea da realidade da vida.

2.30 Crônica XXX (Ano II, n. 36, 15 de jan, 1899, p. 231-232)

Outro dia, em um bond de Botafogo, tive ocasião de apreciar um facto muito engraçado:

Na rua dos Voluntarios da Patria, em frente a um predio rico, de magnifico jardim, duas velhinhas já arcadas e tropegas fizeram signal para o nosso bond parar. O cocheiro travou o bond immediatamente, e as velhinhas, cuja idade sommada devia orçar pelos 150 annos, despediram-se ternamente.

Uma embarcou, era a menos velha, tinha a apparencia de uns bons 70 annos. A mais enrugadinha ficou encostada á pilastra do jardim e de lá, por entre os dedos mirrados e tremulos enviando um beijo á amiga que partia, disse, sorrindo: - adeus Bebê. Em paga desse beijo carinhoso, a meiga Bebê respondeu com o mais terno sorriso e dizendo: adeus Nenê.

O bond partio e a Nenê lá do portão, com o peso dos seus 80 annos provaveis, sacudia, carinhosamente, o seu lenço grande de tabaquista respeitavel.

Riam-se todos da infantil ternura. Eu confesso... achei adoravel aquella despedida.

Aos 80 annos de idade, termos alguém que nos lembre a infancia com voz cariciosa e branda; alguém que nos recorde, por um momento, o nome delicioso de creança, é termos ainda um resto das illusões desse tempo doirado quenão volta mais...

ANEXO 3.0

Transcrição dos contos de Maria Clara da Cunha Santos publicadas em *A Mensageira* (1897-1899)

3. 1 Brilhantes brutos (Ano I, n. 1, 15 de out 1897, p. 6-9)

Ninguém sabia explicar a mysteriosa vida do Dr. Charles Rochefort. Era um excellente homem e um grande medico, muito reservado, inconstante em seus gostos, voluvel na escolha de seus livros, soffrego e original. Advinhava-se que aquella bella alma soffria alguma forte contrariedade.

Francez de origem, o Dr. Charles Rochefort que no maximo teria 40 annos, morava, havia 10, no interior de Minas, em uma cidade pequena, lá para os lados do Serro.

Todos os dias, invariavelmente, sahia a visitas medicas, depois passava horas e horas a ler, a estudar.

A cidade de S. João Baptista era nesse tempo – quantos annos lá se vão! – pequenissima e pobre. As ruas eram cinco ou seis apenas, calçadas de grandes pedras avermelhadas. As casas, muito distanciadas umas das outras, sem estylo, sem gosto, sem arte. A matriz, situada no alto da ladeira, dominava toda a cidade.

Um cruzeiro, carcomido pelo tempo, enorme, com os instrumentos do supplicio – torquez, pregos, martello, etc, ali estava, em frente á matriz, sobre um pedestal de pedras soltas, que os fieis traziam em longas romarias para cumprimento de promessas.

Pois foi nessa cidade mineira que o Dr. Charles Rochefort fixou residencia e clinicava.

Um bello dia correu a noticia de que o medico ia se casar com a filha mais velha de um conhecido fazendeiro alli daqueles lados.

Ninguem queria acreditar nesse casamento.

Uma moça ignorante, grosseira, analphabeta, sem encantos de espirito, poderia inspirar paixão a um homem fino, talentoso e de aspirações como o Dr. Charles?

- Impossivel!

Que significa pois tão desastroso casamento? Interesse?

- Não, nunca, elle era um espirito nobre, elevado, e ella tambem não era rica; o pae, fazendeiro não estava bem de fortuna.

A causa desse enlace extravagante foi sempre um mysterio para todos; o certo, porém, é que se casaram em um sabbado, vespera do Carnaval.

Lembro-me bem, era uma tarde linda, de Fevereiro, tarde deliciosa!

Após a cerimonia na igreja, seguiram noivos e convidados para a casa do fazendeiro, que distava da povoação cerca de meia legua. A pé fizeram todo o trajecto.

Era engraçado ouvir os diálogos d'aquella gente! Santa simpleza!

O Dr. Charles não conversava, ia taciturno e pensativo. De vez em quando olhava para a noiva, furtivamente.

Um grande banquete esperava a gente do casamento. A mesa collocada ao ar livre, debaixo de jaboticabeiras antigas e copadas, coberta com alva toalha apresentava aspecto agradável. Muitas palmas verdes enfeitavam a mesa e ao centro um enorme leitão assado com uma rosa vermelha na bocca, dava um tom carnavalesco á festa. Que barulho, santo Deus!

Fizeram uma algazarra medonha á hora do jantar.

Cada um se servia á vontade e os pratos em tremenda confusão circulavam de mão em mão.

Doces e leitões, fructas e perús, castellos de coco, linguiças e manjares finos, tudo isso em formidavel contradança. E as saúdes? Cada qual mais exquisita.

Apezar de todas essas expansões de jubilo o noivo mostrava-se pensativo e melancolico.

Depois do banquete seguiu-se o catêretê, dança muito semelhante ao batuque e que não prima absolutamente pela decencia.

O noivo, sempre calado, era a nota dissonante e triste daquella festa tão alegre.

Eram quatro horas da madrugada, animada continuava a dança. Os noivos se recolheram a seus aposentos.

Seriam nove horas da manhã desse mesmo dia – domingo de entrudo – quando a mulher do Dr. Charles se levantou apressadamente para juntar-se ao grupo dos foliões que brincavam de limão de cheiro.

O desembaraço da noiva da vespera aterrou o Dr. Charles. Ella parecia despreoccupada inteiramente do marido e entrou a jogar entrudo com desembaraço de louca.

Molhada completamente, com as roupas grudadas ao corpo deixando apparecer as formas, a noiva da vespera pouco se importava com tudo isso, queria brincar, correr, folgar como creança.

O Doutor, furioso, recolheu-se a seu quarto. D’ahi a pouco aquelles brutos assentaram de arrombar a janella do quarto e molhar o medico tambem. Tentaram em vão, pois o Doutor ameaçou-os com um revolver e disse que o primeiro que ousasse molhal-o seria morto.

D’ahi a dois dias o medico e a mulher retiraram-se para uma casinha alva e poetica que ficava distante da povoação cerca de dois kilometros. Ninguem os via, era um mysterio aquella casa. Não visitavam pessoa alguma, passeiavam unicamente, á tarde, em volta da casa.

O medico já não clinicava e raras vezes era visto na povoação.

O sogro, um homem grosseiro e bruto, lamentava a sorte da filha e só o consolava a ideia de que ella estava aprendendo a ler com o marido e que era bem tratada, segundo affirmava a Simplicia, a unica creada que os servia e acompanhava n’aquella mysteriosa vida.

Ao fim de alguns mezes o Dr. Charles e a mulher foram se despedir dos parentes; partiam para a Europa. Foi a primeira vez que ella abraçou suas irmãs, depois de casada. Que differença! A Madame – foi este o nome que deram á roceirinha – era já uma senhora polida e delicada, falava com acerto, tinha modos correctos e distinctos.

Partiram.

Nunca escreveram. A lembrança estava viva no coração dos parentes, mas todos receiavam a exquiritice do medico e pensavam: escrever para que? A Madame está muito afrancezada, paciencia!

.....

Vinte annos depois, estando de passeio no Rio de Janeiro, fui apresentada á Madame Rochefort, uma senhora instruida, fina, delicada, que, tendo perdido em Paris o marido – um clinico notavel – voltava ao Brasil, sua patria, acompanhada de um filho unico, formoso mancebo de 18 annos de idade, que cursava por essa epocha as aulas da Escola Polytechnica.

A Madame era encantadora de graça, de belleza e de meiguice.

Teria 36 annos, se tanto!

De conclusão em conclusão cheguei ao conhecimento de que estava fallando á antiga e grosseira roceirinha de Minas, aquella menina estouvada e que fôra educada pelo grande espirito e grande coração de seu esposo amigo.

Falámos do passado, com saudades! Ella não se esquecera ainda dos episodios do entrudo, e com os olhos rasos d'agua disse-me, n'um transporte de dôr: Estou viuva ha seis mezes, meu filho desejava ardentemente conhecer minha terra, meu Brazil, e eu quero mostrar-lhe a minha cidadezinha natal, a terra de meu berço e que desejo que seja igualmente a de meu tumulo.

O rapazinho fallava mal o portuguez, era o retrato vivo do pae, disse-me que desejava muito ir a S. João Baptista, a terra das barras de ouro e dos brilhantes brutos.

.....

Dos brilhantes brutos, disse eu abanando distrahidamente a cabeça, é verdade, dos brilhantes brutos!

Contou-me esta historia uma amiga que presenciou a scena do entrudo no dia seguinte ao do casamento do medico e que viu depois a Madame Rochefort correcta, polida, instruida, a enriquecer a phantasia de seu filho com os maravilhosos contos de sua terra, a formosa terra dos brilhantes brutos.

3. 2 Lenda (Ano I, n. 3, 15 de Nov 1897, p. 44)

No principio do mundo, appareceu cá na terra um anjo, que se gabava de ser um dos preferidos de Deus. Tinha amplos poderes, só fazia o que queria. Favôres, preciosas dadivas concedia elle amiudadas vezes.

Um dia o anjo encontrou-se em ignotas paragens com tres moças formosissimas e encantadoras.

Preso de amores por ellas, prometteu conceder-lhes as graças todas que solicitassem.

Cada uma, disse o anjo, formule seu pedido.

Eu, disse a primeira – quero que a primavera seja eterna, odeio o inverno, o frio que me faz lembrar a morte. Quero viver sempre em atmosphéra cálida, ver flores viçosas e exuberantes, sentir nas veias o meu sangue ardente, eu quero o calor, eu quero a vida.

A segunda disse: Eu quero eterna a primavera humana, quero ser sempre jovem, abomino a velhice com seu tristissimo cortejo de frias realidades.

Ser jovem eternamente, que delicia! É a minha suprema aspiração!

A terceira estava calada, o anjo lhe disse então: Fala tambem, dize o que desejas.

- Eu, responde humildemente – quero que marques a frente dos ingratos com um estygma ignominioso – para que sejam conhecidos e delles possamos fugir. E ao dizer estas palavras,

pensava ainda em seu adorado ingrato, que lhe roubara para sempre a calma, a esperança, a alegria,

O anjo, embaraçado com pedidos tão custosos, pensou consigo mesmo: Graças desta ordem, estão fóra de minha alçada; revogar as leis do mundo... eu não posso. E voou, foi ao céu... e voltou triste dizendo que o pedido da terceira não fôra atendido para não haver distincções, conquanto Deus o achasse muito razoavel. Os outros desejos de primavera eterna e de eterna mocidade – foram rejeitados por serem absurdos!

3.3 Martyr de amôr (Ano I, n. 13, 15 de abr, 1898, p. 193-196)

Na maior intimidade, na mais santa affeição viviam os dois amigos.

Nenhum leve desgosto turvava aquellas existencias ditosas.

Uma tarde conversando intimamente, fallavam do passado com saudade e do futuro com esperança.

- Sabes Marciano, vou me casar, disse Lucio. Ha muito tempo que amo Corina, ha muito tempo mesmo, porém ultimamente esse affecto tem tomado tamanho vulto que eu já não sinto alegria senão a seu lado, estou perdido de amores, não posso viver sem ella. Achas que faço bem? Tenho bom gosto?

Marciano era homem reservado, sincero e criterioso, incapaz de applaudir um máu passo.

- Não sei, Lucio, não sei, em todo o caso sinto necessidade de ser franco, sou teu amigo, bem sabes. Não te cases com essa moça, attende ao meu conselho, ella é bôa... por emquanto, mas descende de máu ninho.

Olha a mãe della... que escandalosa! a avó, dizem, foi o diabo em seu tempo. A mulher, deve-se procurar pela raça. Corina ama-te, não duvido, elle é formosa, é meiga, mas escuta, Lucio, o exemplo da mãe é horrivel.

- Não ha receio, saberei com calma e calculo separal-as, aos poucos irei afastando-a da mãe. Has de ver, meu pessimista.

- Pessimista? E o sangue que ella herdou de sua mãe, - sangue máu – tu poderás vasar de suas veias? Não te illudas, procura esquecer essa paixão funesta: não és noivo ainda, será facil a retirada; não mais frequentes a casa della, ha de custar a principio, mas depois darás graças a Deus e a mim que sou teu amigo sincero.

Levaram muito tempo a conversar os dois amigos, fumaram alguns charutos e no empenho de dissuadir Lucio, Marciano falou horas e horas.

Afinal Lucio disse estas palavras: Tens razão, não mais irei visital-a. A mãe, aquella ordinaria – é um exemplo funesto, sua conducta será o ferrete ignominioso que virá manchar e destruir o meu futuro! Decididamente... tens razão... tens razão.

A noite vinha vindo, estendendo seu manto lugubre, e os amigos, no terraço do jardim, continuavam a palestras.

.....
Passados tres mezes, em um bello dia de Setembro, entra Lucio em casa do amigo.

Suas visitas eram ultimamente menos frequentes e mais rapidas. Sentou-se, calado e pensativo esteve algum tempo sem proferir palavra.

Parecia preocupado de alguma cousa grave; folheava distrahidamente livros que estavam sobre a mesa; olhava o tecto, os canarios, gaiólas doiradas, e o galho de um jasmineiro que exuberante de vida entrava pela janella invadindo e perfumando a sala.

Via-se claramente que Lucio estava nervoso e aborrecido.

De repente, vencendo grande obstaculo, disse: Vim convidar-te para o meu casamento amanhã, caso-me com *ella* mesmo, que queres? Não pude vencer... sou um fraco... que hei de fazer? Creio que o amor – o grande amor que nos une – velará sobre nosso futuro. Espero que não faltes, bem sabes que és o meu melhor amigo. Ha tanto tempo que estava para fazer-te esta comunicação e... não tinha coragem. Espero-te, não faltes. Adeus. E sahio apressadamente, receioso de poder observar no amigo alguma manifestação de desgado.

Partio. Marciano acompanhou-o com os olhos rasos de lagrimas até que na curva do caminho sumiu-se o vulto do pobre vencido – martyr de seu grande affecto...

.....
Os primeiros tempos de casamentos, foram de rosas.

A felicidade absorveu de todo Lucio. Ninguem o via, entregue ás intimas alegrias do lar, passava os dias, as semanas, os mezes.

Bem pouco duradoura foi, porém, sua ventura!

Estava escripto no livro do destino, irrevogavelmente, que elle pagaria com profundas dores os breves momentos de venturas!

Corina amava-o, é certo, mas – pobre inconsciente, herdeira de vicios maternos e do alcoolismo do pae – ella não podia se dominar, não tinha forças para vencer os defeitos que o sangue lhe transmittira. O que a seduzia, o que a alucinava era o alcool com o seu funesto cortejo de doiradas phantasias.

Herdara de seu pae o alcoolismo. Embriagava-se constantemente. O vinho fazia-lhe quebrar todas as promessas e juramentos, ella sentia necessidade de beber muito, ficava como louca diante de qualquer bebida de espirito.

A principio o marido quis convencel-a com maneiras brandas, lembrava-lhe sua perigosa posição, chamava-lhe a razão, implorava-lhe o seu grande amor, supplicava-lhe de joelhos que não bebesse mais. Debalde!

Era impossivel!

Usou de rigor, durante uma semana tratou-a com disfarçado pouco caso, e nada, nada absolutamente conseguiu.

Tendo concluido o seu quatrienio de Juiz Municipal em S. Paulo, obteve Lucio a nomeação de Juiz de Direito para uma cidade no interior de Minas.

No sertão parecia-lhe menos dolorosa a sua magua: lá ao menos seus companheiros de infancia não veriam suas lagrimas.

Cada vez mais carinhoso, mais terno vivia o desgraçado.

Lucio prohibiu que em sua casa entrasse alcool. Não comprava bebidas.

Mas a misera mulher não podia se dominar, usava de astuciosas mentiras, conseguindo por essa forma illudir a vigilancia das pessôas amigas.

Uma vez, usou ella de astuciosas mentiras, conseguindo por essa forma illudir a vigilancia das pessôas amigas.

Uma vez, usou ella de um meio original para obter um pouco de aguardente, do vendeiro da esquina.

Mandou buscar a cachaça em uma bacia de rosto, dizendo ser curativo de olhos. O vendeiro não duvidou e infringindo as ordens de Lucio as tisfez a desgraçada mulher.

O portador, - um pequennito de seis annos – mal ia entrnado em casa com a bacia com cachaça, quando a mulher arrebatava de suas mãozinhas a vasilha e alli mesmo, de um só trago, absorve toda aquella bebida tão forte. Ebria d'ahi a pouco, já nem podia falar, articulava monosyllabos sem nexos, não tinha forças para se ter de pé, cambaleava.

Nesse dia, o marido presydia o jury. Investido de seu alto posto, lá estava na Camara, á cabeceira da mesa, julgando um processo de sensação.

Quando Lucio partiu para o jury eram dez horas da manhã, deixou em casa Corina em perfeito estado, entregue as lidas domesticas.

Sahio tranquilo, - não deixára em casa o inimigo de sua felicidade – o alcool.

Não suppunha o infelkiz que sua mulher tivesse a astuciosa lembrança de illudir o vendeiro, fingindo-se doente dos olhos.

Animada corria a sessão de Jury. Era meio dia.

O sol resplandecia alegre entrando pelas janellas francamente abertas da vastissima sala. O advogado, rapaz intelligente e verboso, iem phrases arrebatadas procurav nnozentar o seu constituinte. Aa sua palavra brilhante encantava o audictorio.

De repente notou-se um certo movimento. Todas as pessoas que estavam sentadas em frente á porta, olhavam attentamente para um vulto exquisito que entrava.

Bastou um segundo para que todos comprehendessem. O juiz, alheio ao que se passava, tocava a campainha, impondo silencio,

Subito transpõe a sala do jury, completamente ebria, uma mulher, apenas vestida com camisa e saia, deixando inteiramente nú o seio, babando-se, a proferir palavras sem sentido, descalça, com os olhos injectados e lacrimosos, a face avermelhada, descabellada, batendo com os braços á direita e á esquerda. Essa mulher era Corina!

Todos os olhares voltaram-se immediatamente para Lucio.

Uma commoção fortissima abalou-o da cabeça aos pés. Transpassado de dor, roxo de vergonha e humilhação, o desgraçado sentindo um calafrio em todo o corpo, não vê mais nada

nem mais escuta, só poudo dizer: Minha mulher!! E rola, e tomba instantaneamente morto aos pés d'aquella mulher fatal!...

E a misera de tudo inconsciente, a dar com os braços á direita e á esquerda, olhava estupidamente para o cadaver d'aquelle homem, que perdera a vida por amal-a tanto.

3.4 O Juca da Generosa (Ano I, n. 14, 30 de abr, 1898, p. 215-218)

Era um typo original o Juca. Conheci-o em Pouso Alegre, ha annos. Forte, moreno, tostado pelo sol, a musculatura rija e bellas formas, o rosto intelligente e franco, a voz clara e cantante, cabellos negros e revoltos, em ondas, era o Juca um desses typos que a gente vendo uma só vez não esquecerá jamais.

O Juca fez toda a Campanha do Paraguay, como soldado voluntario, e era um praser ouvil-o contar as proesas da guerra. Ignorante, nem ao menos sabia ler, mas era intelligentissimo. Tinha muito gosto pela poesia e improvisava versos com rara habilidade. A proposito de tudo lá vinha um verso, errado as vezes, mas sempre original e gracioso. Era um desequilibrado adoravel. Na sua esphera humilde exerceu diversos empregos. Nunca vi uma creatura tão inconstante assim, trabalhava por dia capinando hortas, era campeiro, camarada, pescador, coveiro e vendedor ambulante. Todos em Pouso Alegre o estimavam. Embriagava-se as vezes, mas não havia bebedeira por mais forte que fosse que o fizesse perder o bom humor e o genio brincalhão.

Um domingo, recordo-me bem, o Juca da Generosa foi ao Mercado e vio um menino vendendo uns passaros presos em um alçapão.

- Pequeno, diz o Juca, quanto queres por esses passaros?
- Por todos, pelos nove? 5 mil rs.
- Vê lá se m'os deixas por 4 e compro-os todos.
- Prompto, o negocio está feito.

E o Juca contente, com indizivel alegria, os foi soltando, um a um. Quando soltou o ultimo *anum*, disse triumphante: nove desgraçados de menos.

Admirada com o exquisito procedimento do Juca – que leva quasi toda a semana a trabalhar para ganhar 4\$000 rs. – pensei que elle estivesse bebado. Mas não! fez muito de proposito e em seu perfeito juizo. Disse-me que já tinha almoçado naquelle dia, que não precisava de dinheiro toda aquella tarde e que mais si divertia restituindo a liberdade áquelles pobres passarinhos do que indo ao circo, de noite.

Depois, fitando-me seus grandes olhos negros, disse-me: quando eu estou bebado e desordeiro, que me prendem, minha pobre mãe fica quase louca de dor, váe pedir por mim, e quando me soltam, que alegria! Eu pensei nisso, e quem sabe o que será feito da mãe daquelles passaros?

Generosa, a mãe do Juca, era uma pobre mulher, muito estimada e boa. O filho com esse genio de bohemio, era toda a sua alegria e o seu tormento. Quantas vezes ella foi chorando lá em

casa pedir a meu Páe que lhe valesse. E vel-a chorar, era certo, o incorrigível Juca estava preso ou doente.

Uma vez, na festa de Santo Antonio, o sachristão não consentio que o Juca entrasse na Igreja, porque estava immundo, bebado, todo molhado e dizendo inconveniencias. O Juca insistiu, o sachristão empurrou-o. resignado a ouvir o sermão de fóra do templo, o Juca de improviso disse o seguinte

Escutae, nossa Senhora.
Desse teu altar sagrado
Expulsaram para fora
O teu juca desgraçado.

Mas isso se faz? Embora
Seja um bebado ou mendigo,
Quero beijar-vos senhora!
Quero em vão, pois não consigo!!

Uma ocasião achei muita graça no Juca. Approximava-se a festa de S. Sebastião, em Janeiro, havia muita animação, a orchestra fazia seus ensaios em casa do professor José Cardoso, todas as noites. O Juca era infalível nos ensaios da musica e fazia grande barulho applaudindo e pedindo *bis* a todas as peças. Eram taes os applausos que importunavam os musicos. As vezes não tinha terminado uma peça em uma firmata que a musica fizesse, começava o Juca a bater palmas e a applaudir de um modo entontecedor. Em vista da inconveniencia de tal espectador, resolveram não admittil-o mais nos ensaios. A' noite, quando os musicos estavam se reunindo e iam começar o estudo, o Snr. José Cardoso teve a lembrança de fechar a porta antes da entrada de tão importuno espectador. Não se atrapalhou o Juca e apezar de ficar muito desapontado e triste, immediatamente improvisou os seguintes versos:

O' senhor que está de dentro,
Tenha dó de quem'stá fóra,
Se é que está com seu amor...
Diga já que eu vou-me embora.

Sempre o juca fazia das suas. Gostava muito de obsequiar. Uma vez levou elle de presente á minha prima Ismenia um bandeja de verduras lindissimas. Era um mimo! Alfaces viçosas, tomates, cebolas, pepinos, emfim, uma agradavel e formosa bandeja de legumes.

Minha prima, surprehendida, agradeceu muito o presente e pediu ao Juca que não se incomodasse mais.

D'ahi a 10 minutos, se tanto, quando minha prima havia entrado para o interior da casa, bate á porta novamente o Juca – Que é? que queres? – Ah! *siá* Dona Ismenia, eu quero, mas...

estou com vergonha, mas... a Sra. sabe... as vezes acontece... eu... eu... – Que desejas? dize, dize. – Eu queria 2\$000 rs. Para pagar aquelle homem que ali está (e apontava para um sujeito parado á esquinha) que me vendeu essas verduras e quer ser pago. De modo que o tal presente foi pago á vista. Minha prima ficou com as verduras pelos 2\$000 rs. E ainda teve que agradecer ao Juca a lembrança.

A ultima vez que o vi, foi na vespera de sua morte. Era um domingo alegre e festivo. Ao despedir-se de mim, tomou-me silenciosamente a mão e beijou-a. Estava de perfeita saude, forte e como sempre jocoso. Soube que no dia seguinte morrera afogado no rio Mandú, o formoso rio que banha Pouso Alegre.

As chuvas continuadas de muitos dias haviam promovido uma enchente completa nas margens do Mandú. Os barrancos altos do rio estavam submersos e de espaço a espaço via-se uma ilhota coberta de rica vegetação – era a copa de uma grande arvore. Eram 6 horas da tarde. O sol doirava os cumes dos altos montes; bandos de pombas-rolas voavam alegremente. O pobre Juca estava bebado. Fez um discurso cheio de entusiasmo, o alcool emprestara-lhe arrogancia e eloquencia extranhas e depois muito contente, disse: meus senhores, o Juca vae virar um peixe, vae para o fundo deste lindo rio e se não voltar... adeuzinho... até lá no céu. Saltou e desapareceu. Como elle nadasse bem, não causou cuidados. Quando a demora do mergulhão prolongou-se por alguns minutos, alguns rapazes corajosos precipitaram-se nas aguas para salvar o querido desgraçado. Em vão! Baldado esforço! No dia seguinte foi encontrado enroscado nos galhos de uma arvore secular que a enchente cobrira quase que completamente. Morto conservava ainda nas faces aquelle memso ar de compaixão e de bondade que sempre tivera. E finou-se obscuro tal qual tinha existido aquelle pobre desequilibrado cuja vida foi uma comedia constante e cuja morte fez marejar de lagrimas os olhos de todos que o conheceram. Morreu como vivera – arrebatado pela poesia! E nas aguas formosas do poetico Mundú derramou a ultima lagrima – a que vem inevitavelmente no momento extremo – e o derradeiro suspiro de seu grande coração foi abafado pela corrente precipitada d'aquellas aguas christalinas.

3.5 Golpe certo (Ano I, n. 19, 15 de julho de 1898, p. 292-294)

Conheci-o na flor da idade, bello, feliz e apreciado de todos. Estava em férias, havia concluido, com brilhantismo, o seu 3.º anno de dire ito em S. Paulo e tinha vindo ao Rio gosar das ternuras e desvelados carinhos de sua familia.

Conhecio-o em uma *soirée* que seus Paes deram por occasião do natal em seu sumptuoso palacete na Praia do Russel.

Que maneiras attenciosas e captivantes tinha o futuro bacharel Victor Silva! Era um moço excellente, verboso, engraçado, insinuante e meigo.

Vinha rompendo o dia quando a *soirée* terminou e os convidados, encantados, despediam-se dos donos da casa e de seu primogenito filho, o Victor, que era o enlevo e o orgulho d'aquella casa.

Passaram-se muitos mezes, nunca mais nos encontramos. Uma vez estavamos em casa de um medico, amigo velho da familia. Subito batem á porta apressadamente e chamam com insistencia o medico. Não se fez esperar o bom clinico. Não eram, porém, os seus serviços proficionaes que procuravam, e sim a presença de um homem de honra e de character illibado que desejavam em tão penosa situação.

A mais complicada, a mais mysteriosa, a mais estranha scena que poderia prever, encontra o medico.

A policia tendo tido denuncia secreta, penetrou inesperadamente em um sobradinho velho e feio, escuro e cheio de corredores infectos e sem ar. Ahi encontrou os mais celebres e conhecidos gatunos do Rio de Janeiro.

Dormiam em uma saleta tres ou quatro viciosos, homens de baixa esfera e indignos sob todos os pontos de vista, e no meio dessa degradante sociedade estava também o Snr. Victor Silva, o talentoso rapaz que conhecemos cheio de vida e de attractivos em casa de seus Paes, na *soirée* do natal.

O medico fôra chamado por um amigo commum, a ver se com sua influencia e amizade livrava da vergoha horrivel a que seria submettido o filho de seu melhor amigo.

- Aqui neste meio, o que fazias Victor? perguntou-lhe indignado o medico. O rapaz não pode responder, a exaltação doentia de seu corpo, o desequilibrio e a mobilidade de seu character impediram-no de falar. Lagrimas invadiam-lhe os olhos e elle soluçou desesperadamente.

Alguem explicou então que aquelle moço pernoitava sempre com seus amigos, ali no sobradinho e que em suas arriscadas aventuras a horas mortas era certo vel-o ao lado de seus companheiros.

Eram gatunos de profissão os habitantes d'aquella casa e nos reconditos de seus miseraveis cubiculos guardavam elles o fructo de suas ladroeiras.

E aquelle rapaz tão rico e de familia tão dina alli! Era um comparça d'aquelles miseros viciosos. E ali passava noites e noites! E sua mãe naturalmente o suppunha em bôas rodas, de moços, finos, seus collegas, seus amigos.

Tudo se afigurou sombrio e perdido irremediavelmente a Victor! Então chorando lagrimas copiosas elle supplicou ao velho amigo de seu Pae que o salvasse d'aquelle vexame, jurando emmendar-se para a vida inteira.

Neste mundo em que tudo é transitorio e fugitivo, a existencia de character sem macula fica sempre immortal e é por isso que o velho medico que conhecia bem a tempera rigida e honesta do character de seu amigo, via claramente a desgraça de sua vida pelo procedimento do filho.

A alma humana é nojenta, o universo é vil, pensava o medico, e d'ahi a pouco como para compensar tanta miseria elle pensava: na alma de todo o homem há sempre luz e há carinhos e em todo o canto do universo, mesmo sobre um monturo, nasce um lyro.

Dois dias depois, com a maior naturalidade possível, Victor despedia-se de sua família e seguia para S. Paulo afim de concluir sua carreira.

Lágrimas de saudades inundaram os olhos de sua mãe!

Ninguém, além do médico e das pessoas presentes, soube deste facto e fez-se em torno a este acontecimento lugubre um silencio de morte. Para a família, para os amigos, para a sociedade Victor continuava a ser o prototypo da honra.

.....
No meio de grande alvoroço e contentamento a família de Victor recebeu a noticia de seu proximo casamento. A noiva, affirmava elle, era um mimo, meiga, docil, carinhosa, intelligente, emfim o ideal das mulheres. Casados, vieram morar no Rio. A vida parecia-lhes um mar de rosas, nenhum leve pezar, nem a minima sombra de um desgosto pairava n'aquelle abençoado lar!

.....
Houve uma festa sumptuosa em um palacete de Santa Thereza.
Festejavam suas bodas de prata os Viscondes de Assumpção e para maior alegria baptisavam nesse dia o primeiro neto.

Que confusão nessa noite de festa! Quanta gente! que alegria! que deslumbramento.

O nosso velho amigo, o medico da familia, lá estava tambem.

Num rapido golpe de vista ponde o medico reconhecer o filho de seu bom amigo, o bacharel Victor Silva, mas no meio d'aquella multidão perdeu-o de vista. No correr da noite, no meio de agradável palestra o medico foi pelo dono da casa apresentado ao bacharel. – E' o Dr. Victor Silva, disse o Visconde. – Já nos conhecemos muito, muitissimo, responde o medico pressuroso, lançando um olhar expressivo ao rapaz, que se limitou a curvar a cabeça e pronunciar uma phrase vulgar.

Bastou essa simples apresentação para Victor ficar abatido e triste o resto da noite. A lembrança de seu passado negro, a certeza de que uma testemunha ocular alli estava, fel-o desanimar. Na primeira oportunidade retirou-se da festa, levando o coração dilacerado de dor.

Era notavel a agitação de Victor, a mulher amedrontada com aquella mudança brusca interrogava-lo afflicta. Elle mal respondia o que lhe perguntavam, parecia preso a uma ideia fixa.

Nesse estado esteve quasi dois dias.

A' tarde, foi dar o costumado passeio ao jardim, foi só, e em baixo do caramanchão de madressilvas, no meio de avencas viçosas e de lindas malvas crespas, alli sobre o banco tosco de madeira suicidou-se fazendo voar os miolos com um tiro de revolver.

Não deixou a minima referencia sobre o acto de desespero que ia praticar. Seus negocios corriam bem, sua vida era invejada e todos o consideravam um homem feliz. Nem o grande amor da esposaq, nem o feiticeiro sorriso do primeiro filhinho tiveram forças para reter a mão que levou á cabeça a arma assassina. Fatalidade! Loucura!

O medico ao ter noticia do triste fim do rapaz sentiu uma especie de remorso e disse consigo mesmo: aquella encontro em casa do Visconde,... eu fiz mal... eu accentuei aquella phrase – se o conheço – e o pobre rapaz adivinhou tudo, tudo.

Sinto o remorso remoer-me a consciencia, eu fiz mal, eu fiz mal.

.....
Esta historia me foi contada pelo proprio medico e parece-me vel-o ainda, sorvendo uma pitada de rapé a repetir pausadamente, com triste accento de voz e olhos rasos de lagrimas – eu fiz mal, eu fiz mal!

3.6 Um caso verdadeiro (Ano I, n. 22, 30 de agosto de 1898, p. 337-340)

Foi um dia de desespero e magua para o Felix aquelle em que Maria, sua idolatrada filha, foi vendida para um negociante do Paraná.

Ha muitos annos já que este caso se passou. Havia ainda o barbaro captiveiro. Felix, o preto mais idoso da Fazenda, tinha muitos filhos robustos e intelligentes. Era viuvo e a mais velha de suas filhas, a Maria, teria seus desoito annos, quando sahiu em pagamento de divida.

Triste verdade esta! N'aquelle tempo, de cruel tormento, um homem pagava suas dívidas, contrahidas as vezes no vicio e no jogo, dando em pagamento um outro homem, que a fatalidade fizera seu captivo.

Pois bem, foi nesse tempo de tormentosa lembrança que Felix abraçou pela derradeira vez a sua adorada filha.

A pobrezinha não queria acompanhar seu novo senhor. Deixava seu pae, o seu maior affecto. E chorava lagrimas copiosas. De repente o feitor inclemente resmungou uma ameaça. Felix extactico, quasi sem vida, olhos rasos de lagrimas, coração oppresso pela dor, parou a olhar o tortuoso caminho pelo qual deveria seguir a filha. Maria, n'um arranco de heroismo, partiu sem coragem para a despedida. Alguns passos adiante parou e voltando-se para o pobre pae, lançou-lhe o ultimo olhar onde se fundia toda a su'alma de martyr, toda a angustia de um coração dilacerado de dor!

Muda expressão de tão vivo sentimento. Os labios nada disseram, mas os olhos revelaram, n'um derradeiro lance, todo o drama cruciante que lhe ia n'alma. Felix voltou a si do torpor de espirito em que jazia quando o feitor em rudes phrases o advertiu e chamou ao trabalho.

Maria partiu e de seus novos soffrimentos ninguem soube. Foi para longe, tão longe onde nunca mais chegariam noticias de seu pae e irmãos.

Uma escrava não poderia se dar ao luxo de ter coração. Demais, um coração que é vendido... é propriedade do comprador.

Felix não dormiu essa noite da cruel separação. A lembrança da filha não o deixou um momento.

Quase de amdrugada, cançado de tanto chorar, vencido pela dor, conciliou o somno. Breves minutos teve de repouso. O sino da fazenda soou lugubrememente ao romper da aurora, era o signal do despertar para o serviço. O trabalho constante do dia alquebrou o corpo mas não teve forças para fatigar-lhe o espirito. Tetricos pensamentos povoavam-lhe o cerebro.

Tamanha dor, tamanho martyrio, tamanho soffrer, deviam petrificar o coração! Infelizmente não é assim! Muitos annos se passaram.

Felix, o pobre escravo, teve emfim a sua liberdade bo grande dia 13 de Maio de 1888. Elle pensava que sendo livre poderia trabalhar para encontrar a filha que tão barbaramente lhe fôra arrancada dos braços. Quantas vezes o misero captivo puchando a enchada, sob o sol ardente do verão, não deixava o pensamento voar... voar... até junto de Maria. E ahi, perdido, feliz, poisar docemente, vendo-a atravéz a nuvem azul da phantasia! Quantas vezes, n'um assomo de intima revolta, o pobre páe não desejou a morte da querida filha.

Ah! pensava elle! se eu tivesse certeza que ella estava no céo! Será viva? Será morta? A duvida cruel, o temor, o receio vinham em lucta sem treguas, dolorosa e extenuante, abater ainda mais a alma já tão atormentada do pobre escravo! Depois de liberto, Felix não descansou. Sahiu á procura da filha por essas terras longinquas. Todo o dinheiro que obtinha gastava-o em annuncios pelos jornaes, pedidndo por caridade que lhe dissessem onde estava a filha que ha tantos annos não via. Debalde! Ninguem respondia. Não desanimava o infeliz. E' que a convicção profunda que nasce no coração e que vive pelo amor não se dissipa assim!

As vezes nos enganamos com os proprios sentimentos affectivos!

Pensamos que morreu em nosso espirito uma ideia pela qual empenhariamos a propria vida, se preciso fosse. Puro engano! Lá vem um dia em que volta novamente a nosso espirito a ideia que supponhamos morta, tal qual um rio que perdido, se internava na floresta e volta depois em limpidos mananciaes crystallinos, ou uma planta que parecia succumbida e renasce e medra e desabrocha opulenta de viço e de esplendor! Depois do desanimo vem a esperança. O mundo é mesmo assim, depois do inverno vem a estação das flores!..

O serviço do pobre sexagenario era ultimamente o de estivador. A carregar e a descarregar os navios mercantes levava elle os dias para ganhar parco salario. E assim ia vivendo. Um dia, Felix recebeu de um companheiro de trabalho, convite para ir á sua casa. E foi. Era um domingo, formoso dia de sol. A casa pequena e pobre era muito acceiada e alegre.

Felix entrou para a sala da frente onde a conversar com seu companheiro passara algum tempo. O dono da casa – um negro moço e muito falante – disse á mulher que trouxesse café para seu collega de trabalho. D'ahi a pouco a mulher trouxe, em pequena bandeja, duas tigellinhas da preciosa bebida, que deitava fumaça e cheiro muito agradável. Felix cumprimentou a rapariga e começou a tomar café conversando e ouvindo sempre o sue amavel amphitryão.

De repente a mulher, que impassivel parecia, deixa cahir das mãos a bandeja e n'um grito lancionante de dor e de alegria, allucinada, quasi morta pela commoção, derramando lagrimas copiosas, disse:

Meu páe, meu querido páe, Feliz não é o teu nome? fala? eu sei que és o meu páe, fala, fala.

Absorto e quasi desfallecendo o pobre velho reconheceu a sua querida Maria, a filha que ha vinte e dois annos não via!

- Sim, minha filha! sou o teu páe... até que enfim Deus teve pena de nós. E cahem nos braços um do outro, commovidos, loucos de dor e de alegria, a chorar como creanças. Vinte e dois annos! disse Felix, vinte e dois annos que eu não esqueço de ti um instante. Agora, minha filha, eu posso morrer socegado. Abraçados sempre, a falar do passado com a ancia e desespero de tudo querer dizer... eram interrompidos pela commoção e pelas lagrimas. O genro, satisfeito com a alegria communicativa deste encontro tocante, chorava tambem. A historia de Felix era a historia de Maria. Ambos gastavam, em inuteis annuncios, todas as suas economias, e ella a pobre filha tambem não desanimava nunca, sabia que havia ainda de encontrar seu páe porque o coração assim lh'o dizia.

Quanta promessa! quanta alegria! quanta dor!

As perguntas succediam-se. Dos conhecidos de outr'ora muitos tinha já morrido. Maria apresentou suas filhas que foram ternamente abençoadas pelo avô. Como premio a tamanho soffrimento a filha pediu ao páe que nunca mais a abandonasse, que juntos viveriam d'ahi por diante.

- Sonhava sempre contigo, minha filha, e era isso o meu único consolo, disse Felix; mas cousa singular! em sonhos eu te via sempre com aquelle olhar tão triste e tão maguado que pela derradeira vez eu vi, quando te arrastaram pela estrada n'aquelle dia cruel.

Teus olhos, minha filha, bem disseram, n'aquelle transporte de dor, tudo o que nós iamos soffrer. Oh! É bem certo que os olhos falam mais verdade do que a bocca!!

3.7 No Sertão (Ano I, n. 23, 15 de setembro de 1898, p. 355-360)

Depois de demorada e trabalhosa viagem, na qual levamos 12 dias andando a cavallo por longos e perigosos caminhos, chegamos á pittoresca cidade de Piumhy, no oeste de Minas. Esta cidade é ricamente dotada pela natureza. E' banhada pelo Rio Grande, o famoso rio que percorre grande zona mineira e vae recebendo o contingente de regatos e caudalosos affluentes até que triumphante, altivo e rico, desemboca no Rio da Prata.

O rio S. Francisco passa a duas leguas da cidade e depois crescendo, crescendo sempre, interna-se pelo Estado da Bahia.

Há ahi um contraste notavel entre o rio S. Francisco e o Rio Grande. Este, a 6 kilometros de Piumhy, é largo, amplo, as aguas azues são transparentes e correm leves e suaves.

De espaço a espaço vê-se uma ilhota cheia de rica vegetação. O verda da relva sobresae triumphante e não raro apparecem flôres exquisitas, algumas amarellas e outras escarlates. E' um espelho esse rio, e as frondosas arvores que o margeiam, na maior parte pinheiro brasileiro ou araucaria – formam admiravel sombra convidativa á leitura ou á meditação.

O rio S. Francisco corre encachoeirado, em borbotões, e a agua é escura. Há trechos estreitissimos nesse rio que é profundo e horrivelmente perigoso. O leito está quasi sempre vasio, tal é a sua profundidade e a agua negra que corre vertiginosa causa-nos terror. Entre dois

barrancos o rio estreita-se por tal forma, que eu vi um homem atravessá-lo de um pulo. Disseram-me que é o pedaço mais fundo e mais estreito do rio – é um abysmo insondavel!

Em suas margens não ha muitas arvores, mas em compensação abundam gabiobas, cajús miudos, uvaias e joázes.

Vê-se de Piumhy a serra da Canastra, que, apesar de estar distante 14 legoas, aparece a nossos olhos formosa e altiva dominando a grande cordilheira de serras e enormes morros que a cercam. O nome vem-lhe da grande semelhança que tem a sua configuração com uma canastra.

O sertão da Zagaia começa na raiz dessa serra e os corajosos e audazes que o têm atravessado, affirmam que é medonho. Durante 8 leguas não ha uma gotta d’agua, não ha um refugio, não ha um conforto. Ninguem reside nesses logares e se a necessidade obriga alguma creatura a atravessar tão horrorosos caminhos, durante toda a viagem leva o coração tranzido de medo e de pressentimentos. Alguns caminhantes têm sido assaltados ahi por bandidos. Até nesse retiro solitario da natureza onde não brotam flôres e nem corre a cristalina agua, escondem-se para premeditados crimes, homens sem escrupulos.

Piumhy está situada sobre uma grande collina. A terra é avermelhada e em muitos pontos roxa.

Dentro da cidade ha duas lagôas permanentes; não ha secca por mais prolongada que seja que lhes desmereça a belleza e quantidade das aguas. Ninguem na povoação explica a existencia das lagôas, acreditam entretanto que uma fonte inexgotavel lhes renova as aguas constantemente. São ricas de peixinhos e as vezes as aguas são salgadas. Diversos passaros voam sempre a roda das lagôas, sobresahindo pela quantidade, a pomba rola, o quéro-quéro e o anum.

A’ tarde é agradável ver-se a meninada pescando á beira das lagôas. Dizem que muitas pessôas desteminadas têm pago com a vida a audacia de sondar essas lagôas que têm os fundos irregulares e perigosos.

E o povo todo da cidade sabe essas historias que de bocca em bocca correm gerações.

Não é possivel encontrar ar mais puro e mais secco, nem mais rica vegetação, nem mais bellos e variados panoramas!

“Ninguem encontra o sertão”, é esta uma phrase muito repetida por quem conhece o interior dos Estados. Realmente a gente viaja leguas e leguas por logares atrazados e sem conforto, sem civilização alguma e quando imagina estar no centro do sertão, um dos habitantes do logar nos diz, naturalmente, convictamente, que o sertão é lá para as bandas da Pratinha. O mesmo acontece quando se chega á Pratinha, ouve-se dizer, em conversa, que o sertão é lá para as bandas da Lagôa Doirada. Emfim, se a gente sahisse com a lanterna de Diogenes accesa, a procurar o sertão, garanto, não o encontraria.

Ouvi em Piumhy, de um velho amigo de meu Pae, um caso que se passára no sertão e que reproduzo aqui tal qual m’o contou:

.....

Há muitos annos passados viajavam pelo sertão do Araxá dois moços do Rio de Janeiro, empregados no commercio. O mais novo dos companheiros era a primeira vez que passava por aquelles sitios, o outro já conhecia aquelle logar, onde dois annos antes passára uma semana de verdadeira felicidade, no meio de alegre rapaziada, assistindo as novenas e festa de S. Sebastião.

Chamava-se Agua Limpa esse pequeno logar, que tem hoje o nome de um eminente brasileiro.

Não havia hoteis em Agua Limpa, os viajantes ficavam em rancho aberto ou então tinham de pedir pousada aos habitantes do logar, que nunca a negavam, mas os *moços da Côte* instalaram-se no rancho que ficava atraz da Igrejinha do Rozario. Em jacás de taquara, carregava os trens de cosinha e ancarote de vinho uma besta velha ruana, já cançada para pesadas cargas. Logo que chegaram ao rancho, o fiel camarada tratou dos animaes, deu-lhes milho, passou-lhes a raspadeira e levou-os ao pasto, depois tratou de botar feijão ao fogo. Em poucos minutos improvisou um fogão. Tres pedras grandes serviam de limite ao fogo que ardia no chão; o caldeirão atado ao cambito em forma de gancho era suspenso por um cabresto que ia ter ao caibro do tecto. O camarada era tambem o cosinheiro.

O companheiro mais velho gabava-se de conhecer todos os moradores daquelle logar e de ser por elles muito estimado. Convidou o amigo para ir á noite á casa de umas moças muito bonitas, dadas e alegres ouvir cantar modinhas e lundús e tocar violão. E ao dizer essas palavras, maliciosamente piscava os olhos ao companheiro como a se gabar da preferencia das roceirinhas.

- Pois não, responde Gonçalves a seu amigo Torres, nestas alturas, sem o menor divertimento, sem jornaes para se saber o que vae pelo mundo, não se póde rejeitar o convite de ir ouvir modinhas cantadas por moças bonitas.

- Bom, iremos logo mais á noite.

E foram. Seriam 8 horas da noite quando Torres vestido com a roupa mais nova e a mais vistosa das gravatas apressava o amigo, dizendo que andasse, que já estava ficando tarde.

- Mas que luxo é esse, diz Gonçalves, estou muito desconfiado...

- Não, respondeu Torres, uma das raparigas de lá gosta muito de mim e pensa que eu sou solteiro. Com a ideia de arranjar marido... facilitam... tu me entendes... Vamos, vamos que são horas.

Partiram ambos conversando e depois de passarem em ruas esburacadas, sem lampeões, desertas, pararam junto a uma cerca de achas de madeira. Torres começou por dizer ao amigo que era preciso muito silencio e que pulasse a cerca para entrar pela porta da cosinha. Entraremos subtilmente, disse elle, eu sou muito conhecido, não faz mal e tu indo commigo nada te succederá.

- Mas que é isso? exclama Gonçalves espantado, pois foi para alguma arriscada aventura ou mysteriosa visita que me convidaste ou para ouvir musica em casa de pessôas conhecidas e amigas?

- Cala-te, fala baixinho, não me compromettas, as moças são muito dadas, mas o pae é terrivel, elle ignora tudo, cala-te e acompanha-me.

- Não, meu amigo, nunca tive jeito para essas historias, entra tu que és conhecido da casa... e depois abre a porta e chega a candeia ao terreiro para eu entrar em casa. Deixemo-nos de massadas.

- Has de sempre mostrar que és um tolo, não troco os meus 40 annos pelas tuas 24 primaveras. Um homem não deve ser medroso, o pae das moças é caboclo de mãos bofes, eu sei, e não gosta de pagodes em casa, mas isso é o mesmo. Fica pois aqui em baixo desta laranjeira [sic] e quando eu chegar a candeia á porta é o signal, pódes entrar sem receio.

Torres la foi pisando devagarinho nas folhas seccas que se quebravam com o seu peso e faziam um barulhinho monotono. Depois bateu á porta... que não se abriu, bateu segunda e terceira vez. Abriram-na, um braço de mulher suspendeu bem alto a candeia de azeite e o corpo de Torres desapareceu no interior d'aquella casa silenciosa e escura. Passaram-se muitos minutos, talvez mais de meia hora. Gonçalves afflicto esperava o signal convencionado para transpor o limiar d'aquelle paraíso terrestre, ninho das moças bellas, das cantoras de modinhas ao violão. Augmentava sua impaciencia a proporção da demora. Já eram 10 horas e nada, absolutamente nada, demonstrava que dentro d'aquellas paredes houvesse o menor vislumbre de vida.

Aborrecido, zangado, e, para que negar? enciumado com a preferencia das moças ao amigo, Gonçalves resolveu ir para o rancho, dormir socegado. Ainda não tinha se retirado quando viu a porta abrir-se lentamente. Pára, escuta, olha, espreita receioso e vê sahir á frente da porta um homem de certa idade, em mangas de camisa e calça de zuarte azul, descalço, com os cabelos revoltos e longas barbas que lhe cahiam desgraciosas sobre o peito...

Tomado de indizível terror, Gonçalves quis fugir, mas o cuidado do amigo, e a curiosidade retiveram-lhe os passos e elle para melhor observsar o que passava subiu lentamente na laranjeira copada.

Lá do alto pode observar o sinistro prestito. O homem das barbas compridas trazia suspenso o braço esquerdo que segurava a candeia de amarelada e triste luz, na mão direita trazia uma enchada.

Em seguida dois homens possantes, descalços e maltrapilhos traziam o cadaver de um homem bem vestido; o da frente segurava os pés e o outro, desageitado e aos trombolhões segurava a cabeça que pendia sobre o peito. Muitos cães acompanhavam o cortejo funebre e um delles esfregava o focinho nos rastros de sangue que as roupas do cadaver iam deixando pelo chão. Nenhuma palavra diziam, era um silencio de metter medo; pararam e collocaram o cadaver no chão e foi nessa hora que a primeira palavra foi proferida. – Aqui mesmo, disse o homem de barbas compridas, e com a enchada começou a fazer a cova, junto de uma bananeira.

Gonçalves do alto da laranjeira, reconheceu á luz baça da candeia o corpo do seu amigo, quis gritar, não teve voz, quis vingal-o, pedir socorro, mas como? Quem poderia ajudal-o?

Lutar seria impossivel, um homem desarmado não póde com tres facinoras armados como estavam elles. Que fazer? Calado, tranzido de medo, sem poder fazer o menor ruido para não ser

presentido, elle ali esteve alguns instantes que lhe valeram seculos de agonia. Immoavel, estupefacto, allucinado, Gonçalves viu o enterro de seu querido companheiro.

Os cães aqui, ali, acolá, a um delles, medonho Terra Nova, insistia impertinente em baixo da laranjeira onde estava occulto o pobre rapaz. O sangue que tingira o nariz e focinho do cão, tirara-lhe de algum modo o furo, mesmo assim o Terra Nova estava teimoso. Gonçalves teve um minuto de hesitação, resolvera quebrar aquelle silencio medonho e invocar um perdão, mas perdão de que? reflectiu. De um crime que não commettera? Seria uma humilhação. E depois era ser muito ingenuo para pensar que aquelles homens se o descobrissem, o deixariam vivo, elle... testemunha ocula daquelle crime hediondo. Reflectiu... concentrou-se ainda mais em si, pensou na sua mãe, tão distante, da qual elle era o único arrimo, em suas pobres irmãs e... esperando a morte esteve alguns minutos.

Os cães finalmente abandonaram a laranjeira, Gonçalves respirou. D'ahi a pouco o homem das barbas compridas deu por completo o seu trabalho, subiu na cova que acabava de receber as ultimas camadas de terra e calcando os pés, disse triumphante: este não bole mais com moça alheia.

Depois esfregou as mãos, tintas ainda de sangue, nas folhas da bananeira, que guardava para todo o sempre o derradeiro somno de Torres. Um dos ajudantes, o que tinha carregado a cabeça do morto, tirou do bolso da calça um montão de palhas de milho, cortou algumas, alisou-as e collocando-as atraz da orelha, começou a picar fumo vagarosamente. A faca ennodada de sangue serviu para picar miudinho o fumo, fez tres cigarros, dos quaes offereceu um a cada companheiro, e reservando para si o maior, accendeu-o á luz da candeia, a mesma que daria o signal da entrada a Gonçalves n'aquella casa e que servira de tocha funebre ao infeliz Torres.

Meia hora depois... no terreiro dessa casa não havia o minimo rumor ou vestigios do crime. Só então desceu da arvore, vagaroso e allucinado o pobre rapaz. Pulou a cerca e quando se viu na rua, correu, correu vertiginosamente e foi parar no rancho.

O camarada dormia socegado e tranquillo. Gonçalves accordou-o e ainda sob a dolorosa impressão do que vira contou-lhe tudo, tudo. Ambos amedrontados, horrorizados, resolveram partir de madrugada e guardar silencio sobre o crime.

O camarada disse então: aquelle homem, o pae das moças, tem muitas mortes, ellas mesmas, aquellas sirigaitas são as causadoras. Hoje de tarde, o dono do pasto contou-me muitas cousas medonhas d'aquelle homem e eu se soubesse onde os patrões iam, telos-hia avisado. Meu Deus! Meu Deus! Permetti que amanheça depressa.

Quando rompeu o dia, os pobres que passaram a noite em verdadeira agonia, - já estavam longe d'aquelle logar.

Por muito tempo guardaram silencio, receiando a vingança d'aquelle homem de barbas compridas - o terror do sertão.

Aos patrões e á familia de Torres, disseram os companheiros que elle fôra assassindo [sic] porque heroicamente resistira a uns vis salteadores que o ameaçaram com este terrivel dilemma - A bolsa ou a vida.

3.8 Abnegação! (Anno II, n. 26, 15 de março de 1899, p. 31- 36)

Eram oito horas da noite. Em casa de Lucia havia grande alvoroço, preparavam-se todos para o baile que nessa noite dava um velho amigo da familia. Devia ser brilhantissima a festa, tudo fazia adivinhar uma noite deliciosa!

Lucia era filha única de abastado capitalista e havia concluido a sua esmerada educação no collegio das Irmãs de Caridade, de Botafogo.

Tinha 18 annos; era formosa e meiga, talentosa e bôa, a alegria e o enlevo dos paes.

Havia dois mezes que estava noiva de um distincto rapaz, estudante do ultimo anno de medicina. No dia em que Lucia foi pedida por Eduardo, seus paes radiantes de alegria, riam e choravam alternativamente.

E eram bem justas aquellas lagrimas, aquella alegria, aquellas apprehensões!

Eduardo, o primeiro e unico amor de Lucia, era rapaz de talento e de futuro. Seu character immaculado, seu coração ternissimo e seu espirito investigador e estudioso eram garantias bastantes para ser excellente esposo. Os velhos, apezar de tudo, choravam commovidos, no dia em que prometteram a mão da filha ao eleito de sua alma.

O dia do casamento não estava ainda marcado.

Quando Eduardo saltou de um tilbury á porta da casa de sua noiva, na noite da festa, seriam oito horas, pouco mais ou menos. Iriam juntos ao baile, que prommetia ser esplendido!

Eduardo trajava com apurada elegancia; a casaca, o claque e os sapatinhos de entrada baixa davam-lhe um todo muito distincto.

Lucia estava ainda se preparando. Na sala de visitas, os dois velhos esperavam, pacientes e alegres, a filha, que nessa noite mais formosa ainda devia estar na sua toilette de baile, toda vaporosa, de nuvens de gaze e de rendas finas.

Eduardo levou á noiva um lindo bouquet de cravos brancos, que ella devia trazer ao seio durante aquella noite de festa.

A mãe de Lucia, depois de haver recebido, carinhosamente, seu futuro genro, foi apressar a filha, que já estava se demorando muito.

O carro já estava á porta, todos estavam promptos, só ella, a formosa e querida estrella que enchia de luz e de alegria aquella casa, tardava ainda.

D'ahi a pouco volta a velha com ar muito triste e diz ao marido que Lucia está bastante incommodada e que é provavel que não possa ir ao baile. – Ora, ora, responde aborrecido o pae, isso é cousa passageira, porque não ha de melhorar?

Já lhe disseste que o Doutor aqui estava? Anda, váe la ter, anima-a, dá-lhe um pouco d'agua de melissa e isso passa. Em começando a dansar, eu sei que a doença acaba.

Eduardo, impaciente e triste com a demora de Lucia, lembrou um remedio prompto, que elle proprio dosou. Estava tão tremulo e tão afflictio que causava pena.

Lucia não melhorou, pelo contrario, mais forte se tornou a dor de cabeça e a agitação em que estava.

- E' impossivel, disse ella, depois de grande esforço que fez para unir á cintura o seu corpete de setim e gaze, é impossivel, não me posso ter de pé.

E cahiu sobre uma cadeira de junco a um canto do quarto.

O que é?... o que será? Indagavam afflictissimos o pae e o noivo de Lucia, enquanto a mãe, mais corajosa e mais pratica, tratava de despil-a e de deital-a, afim de que um medico viesse vê-la sem demora.

Eduardo, quando teve ingresso no quarto de sua noiva, ficou gelado e tremulo. Compreendeu que a doença era grave. E se não fossem os conhecimentos medicos que tinha, bastaria para certificar-o do estado gravissimo da noiva, a sua quasi indiferença ao estender-lhe a mãozinha, quente de febre, e ao encaral-o inexpressivamente, sem dizer uma palavra de affecto, limitando-se apenas a esboçar um sorriso tão pallido e tão triste!

Nem os cravos, os formosos cravos que o noivo lhe trouxera mereceram seu cuidado; jaziam sobre o toucador, abandonados.

D'ahi a pouco o velho medico da familia, conferenciava com Eduardo, o seu jovem collega, sobre a doença de Lucia.

O pobre rapaz não sabia o que dizia, a afflictção, o cuidado, o medo tronaram-n'o [sic] incapaz de um conselho ou de qualquer investigação.

O velho medico e amigo sahiu do quarto da enferma muito apprehensivo, o caso era bastante grave.

E' facil de imaginar o estado em que ficaram os corações amantissimos dos paes! Ambos quasi loucos de afflictção e dor!

Corriam as horas longas e pesarosas; o pae de Lucia passeiava de um lado para o outro, no salão, sosinho, a pensar, a pensar em mil cousas; a mãe, solícita e carinhosa enfermeira, não abandonou mais a cabeceira da filha. O noivo, mal podia auxiliar em qualquer cousa, estava tão nervoso e triste que causava inquietação e cuidado.

No dia seguinte, muito cedinho, o medico assistente voltava para junto de sua doente querida.

Foi com enorme tristeza que o velho profissional e amigo declarou á familia a qualidade da molestia: é um caso de variola hemorrhagica, disse com os olhos baixos, sem coragem para encarar o olhar interrogador e afflictio da pobre mãe. E á laia de consolação talvez, acrescentou que tinha toda a esperança de salvar-a. E' preciso toda a cautéla, vamos lá, continuou o medico, os enfermeiros devem ficar completamente separados das demais pessoas da casa, ali o Snr. Doutor Eduardo...

- Eu? Acode promptamente o noivo, se me permitem, serei seu tambem seu auxiliar, jamais abandonarei a nossa doente.

Não tenho medo de enfermidade alguma, sou medico e... mais do que tudo... noivo. Fico, se me permitem, bem junto de minha amada.

A doença seguiu sua marcha natural, muito demorada e trabalhosa. Noites e noites de vigília foram precisas. A repugnante enfermidade alastrou de um modo medonho. O rosto de Lucia, outr'ora tão formoso, tornou-se disforme, disforme, inchado, vermelho, nauseabundo.

Quando o medico declarou-a livre de perigo, foi um dia de alegria n'aquella casa!

Lucia, porém, ficava triste e pesarosa quando o noivo a olhava demoradamente. Ella bem comprehendia que n'aquella nuvem de piedade e ternura, n'aquelle olhar de complacencia e bondade havia um mixto de amor e de pena!

A pobresinha advinhava o horror de sua figura. Uma bexiga lhe arrebetára um dos olhos, deformara-se-lhe medonhamente o rosto.

Um dia, já em plena convalescença, ella pediu um espelho. Negaram-lh'o piedosamente. Fazia pena contemplal-a! A mãe de como é sagrado o amor das mães! – não se apercebia d'aquella transição tão brusca, queria a vida preciosa de seu anjo e nada mais; o pae que tomara conta do serviço externo do quarto não podia avaliar a deformidade da filha, porque não a acompanhava diariamente; o noivo, todo solícito e amoroso pensava que aquella enfermidade não pudesse abalar o seu amor desinteressado e puro.

Quantas vezes Lucia, intimamente, manifestou ao noivo seu susto, seu desgosto por se ver assim tão feia!

- Vaidosa, vaidosa, dizia elle sorrindo isso passa com o tempo... e que não passasse? Não sabes que eu amo em ti, muito acima de teus dotes phisicos, tua alma? A belleza o que é? Um mero passatempo, a alma sim, a alma é que precisa ser bella!

Lucia concordava, a sorrir, mas no emtanto o seu pensar era outro, muito diverso.

Depois de longa convalescença a que obriga tão cruel enfermidade, Lucia ficou completamente bôa.

- Ar puro, aconselhou o medico, passeios campestres, divertimentos, bôa e sadia alimentação... e não precisa mais de mim por esta vez.

Abriu-se afinal a casa, que foi desinfectada rigorosamente e arejada e pintada de novo.

E a alegria devia volta áquella familia, ameaçada como esteve, por tamanha desgraça.

Lucia, na primeira occasião que se pillou longe das mãos da mãe, correu ao espelho. Que horror e que decepção! A pobresinha achou-se tão feia que começou a chorar e desejou mil vezes a morte. Sim, dizia ella intimamente, se eu tivesse morrido teria sido muito melhor, deixaria uma impressão diversa no espirito de Eduardo. De que vale a vida assim? Que posso esperar do mundo? Ah! Eduardo é muito generoso! eu sei que elle cumprirá sua palavra e que se casará commigo apezar de tudo, mas eu não devo acceitar tamanho sacrificio. Que amôr posso eu hoje inpirar? Piedade sim, concordo, mas é-me mais dolorosa essa ideia do que se elle abertamente exigisse sua liberdade! Quem deve renunciar... sou eu. Tenho obrigação de ser generosa. Amo-o, adoro-o, mas por isso mesmo devo restituir-lhe a liberdade! Terrivel contingencia a minha! Nossa Senhora me dê coragem!

Estava Lucia planejando o meio de renunciar, dignamente, seu sonho de felicidade, quando foi surpreendida pelo noivo, que lhe trazia umas fructas maduras e gostosas e um bouquet de violetas e malvas.

- Em que pensas? pergunta elle, meigamente.

- Em ti ... em mim ... que sei? Escuta, meu amor, preciso ser franca contigo, ouve bem o que te vou dizer: de hoje em diante és livre, desobrigo-te de teu compromisso: não posso e nem tenho o direito de esperar que te cases commigo. A fatalidade foi mais forte do que nós, eu hoje já não sou a mesma creatura de ha dois mezes atraz. Meu coração, se é possível, ainda mais te adora hoje do que antes de minha molestia, devo-te muita gratidão; mas sou bastante altiva para não te obrigar a tamanho sacrificio.

- Lucia, meu amor, o que é isso? Duvidas de mim? Que te fiz eu que te magoasse? Não, minha querida, peço-te, supplico-te que nunca mais repitas essas palavras crueis e muito menos que penses com tanta injustiça a meu respeito.

- Aqui está o teu caldo, minha filha, são horas, é preciso que te alimentes, disse a mãe de Lucia nesse instante, interrompendo involuntariamente a conversa dos noivos. O caldo estava cheiroso e fumegante.

Lucia advinhava as exigencias do coração humano com admiravel lucidez!

Eduardo pensava que poderia amar a sua noiva com o mesmo devotamento de outros tempos.

Pobre inexperiente, como se enganára!!

Muito mais do que a alma, que elle julgava ser a inspiradôra dessa paixão, elle gostára d'aquelle rostosinho que fôra tão formoso, d'aquelles olhos illuminados, olhos de velludo, que subjugavam, que allucinavam!!

A mocidade e formosura de Lucia o haviam encantado muito antes de conhecer a sua alma, que a falar a verdade, era ainda mais formosa do que fôra o rosto, no tempo de bello. Mas que querem? O mundo é mesmo assim.

Lucia soffria muito e Eduardo tambem soffria!

Ah! pensava o rapaz! serei eu tão material e grosseiro que falte á minha palavra porque minha noiva perdeu a formosura? Não, nunca.

O dia do casamento foi marcado afinal. Em casa havia muita animação e alegria! Já ninguem mais da familia de Lucia se lembrava dos dias de de afflicção, dos passados dias de desespero.

A perspectiva da felicidade faz esquecer muitos desgostos.

E' maravilhosa toda a obra de Deus! Isto mesmo de tão cedo se esquecer a gente de tantas dores e decepções é uma perfeição da natureza, concordemos.

N'aquella casa todos, excepto Lucia, estavam radiantes de contentamento.

O vestido de noiva – um mimo! – quando Lucia o experimentou não sentiu os arroubos, a alegria, as emoções naturaes desse dia. Uma noiva fria – imaginou a modista – que lhe ajustava á

cintura as pregas graciosas de seu rico vestido de setim branco, uma noiva de gelo ou então, o que é mais provavel, uma creatura que não raciocina, que não pensa na seriedade do casamento.

No entanto, o motivo dessa indiferença era outro, como e facil de imaginar. Eduardo não era esquivo e nem avaro em seu affecto, e no entanto Lucia que desvendava os mais reconditos segredos de sua alma transparente, distinguia a piedade e o amor no amago do coração de seu noivo.

Mysterioso segredo que nem podia explicar!

Tres dias antes do marcado para o casamento, Lucia não se levantou á hora do costume.

Nem esse facto causou cuidado. Uma noiva ter insomnia é a cousa mais natural deste mundo, pensavam todos de casa.

Mas o somno prolongou-se demasiadamente. A' hora do almoço foram despertal-a. encontraram-n'a morta, deitada em sua cama, tão tranquillã e tão serena que parecia estar dormindo!

Aos gritos desesperados dos paes e das pessôas da casa, acudiram os visinhos e o antigo medico da familia.

O noivo chamado ás pressas e avisado da desgraça, veiu como um louco, correndo e chorando desesperadamente.

Ataque de cabeça, aneurisma do coração, diziam as pessôas presentes, querendo adivinhar talvez. E creio mesmo que como morte natural lhe foi passada a certidão de obito.

Só a Eduardo, porém, a cruel verdade se revelou em toda sua plenitude. E foi então que elle bem comprehendeu a abnegação d'aquella alma, pura de mais para estar captiva a um corpo, martyrisado e deformado tão brutalmente!

3.9 Mentira Piedosa! (Ano II, n. 28, 15 de maio de 1899, p. 77-79)

Quando, em uma noite chuvosa de inverno, exhalou o ultimo suspiro o jovem e esperançoso engenheiro Jayme de Azevedo, houve quem receiasse tambem de sua companheira, a idolatrada esposa, que havia 8 mezes apenas unira ao seu destino o destino do eleito de su'alma.

A dor da cruel separação quasi a matou, tornando-a inerte, acabrunhada, envelhecida!

Oito mezes de ventura ininterrupta que passaram velozes como o vôo celere de uma andorinha travessa. Rapidos momentos de felicidade!

Foi uma morte repentina e brusca a do engenheiro, com a qual ninguem podia se consolar.

Há creaturas que parecem ter direito á vida... A saúde, a mocidade, a alegria e o entusiasmo do jovem engenheiro, com a qual ninguem podia se consolar.

Ha creaturas que parecem ter direito á vida... A saúde, a mocidade, a alegria e o entusiasmo do jovem engenheiro davam-lhe uma especie de garantia contra a morte. E tudo em um só momento se dissipou como um suspiro que se perde no espaço...

Alice, a jovem viuva, teria quando muito 18 annos quando perdeu seu companheiro de existencia.

Estava á espera de um filhinho que d'ahi a dois mezes devia nascer para alegrar aquella casa, abençoando a ditosa união.

Alice tanto soffreu, tanto chorou que seus olhos perderam o primitivo brilho e tornaram-se doentes.

O medico bem a avisou, bem lhe disse que as lagrimas ser-lhe-iam funestas, mas a pobre só encontrava consolo no pranto que aliviava o coração e abrandava o seu desespero.

Quando nasceu a filhinha – uma formosa menina de olhos cor de saphira e de cabellos doirados – já Alice cegára, não distinguindo nada. A noite e o dia eram eguaes para ella!

Novas lagrimas vieram aos olhos da pobre viúva, eram de pena e de tristeza de não poder ao menos encherger a filha, que lhe diziam todos ser o fiel retrato do pae.

- Se eu ao menos pudesse vê-la! suspirou a desventurada mãe quando a beijou pela primeira vez.

Alice vivia em companhia de sua mãe, senhora distincta e corajosa, boa e resignada.

Uma manhã, quasi que repentinamente a creança morreu nos braços da avó, depois de poucas horas de doente.

Um caso fulminante, quasi.

Estavam no mesmo aposento a cega e sua mãe, quando a creança morreu! A velha comprehendeu de prompto o horror d'aquelle momento e affectando calma e naturalidade foi deitar no bercinho a creança ainda quente, para longe da filha deixar o seu coração em liberdade, chorar á vontade, e ganhar forças para tamanho golpe.

Admiravel poder da vontade! admiravel heroismo de um coração de mulher!

A céga pedio a filha, queria beijal-a. E beijou-a duas vezes dizendo, com pena, não querer despertal-a.

A pobre senhora quando sahio do quarto da filha, chorou desesperadamente: não tinha coragem para contar a verdade áquella martyr de 18 annos!

E allucinada quasi, vencida pela dor, pelo infortunio, sahio como louca para casa de uma visinha amiga.

Em caminho ouve o gemido lancinante, o soluçar de uma creatura que parecia succumbida de dôr. Pára, escuta e ouve distinctamente os lamentos de um pobre homem que acabava de perder a esposa.

Entra quasi que impellida por uma força sobrehumana, n'aquella casa tão triste!

No meio das lamentações do pobre homem o que mais o preocupava era a sorte da filhinha – um anjo que lhe deixára a mulher e que só tinha um mez de idade.

- Que hei de fazer desta creança? digam-me por favor, exclamava o desventurado páe!

Há sypathias na dor como na felicidade!

A mãe de Alice – quase succumbida pela desgraça que lhe ia em casa, pediu a creança ao pobre pae e contou-lhe toda a historia de sua filha. – Se me dás tua filhinha, leval-a-hei n’este instante para o berço que váe ficar vazio, o berço de minha netinha, que Deus chamou para o céu.

E o pobre accedeu. Que fazer em semelhante situação?

Elle bem sabia que a creança encontraria o conforto que elle jamais lhe poderia dar.

.....
Voltou a velha menos afflicta, menos chorosa, trazendo aos braços a creacinha envolvida em uns trapos miseraveis.

E o berço não ficou vazio!

Muito silencioso, sem o menor barulho, realisou-se o enterro da formosa creança.

Como estava linda, dir-se-hia que sonhava!

A céga dormio a sua sésta habitual, accordando com o choro da creança. – Quero beijar minha filha, disse, quero beijar minha filha. O beijo, cotinouo ella, approxima-me mais deste anjo, que é hoje a minha única esperanza. Ah! se ella morresse... eu sei que morreria tambem!

Por coincidencia tinha os olhos azues e os cabellos doirados, a creança bemdicta que veiu habitar o berço vazio e povoar de esperanças o coração dolorido da joven viuva.

Com o correr do tempo, havia de vir, fatalmente a resignação á Alice. A viuvez e a cegueira eram de algum modo compensadas pelo grande amor da filha, que a proporção que crescia em idade, crescia tambem em encantos e graças.

O pobre viuvo que dera a filhinha n’um momento de indiscriptivel desespero, morrera tambem, em uma manhã de inverno, quase só, entregue a suas tristezas.

Passaram-se os tempos. A vida corria suave e calma para aquella laboriosa familia, resignada quasi com a cruel cegueira de Alice.

Que serões deliciosos faziam aquellas mulheres constantemente.

A céga entretinha-se ouvindo a leitura de historias interessantes, que lhe fazia a filha. a velha cosia ou ponteava meias, attenta e interessada pela leitura attrahente.

Uma noute Alice pediu á filha que tocasse ao piano uma sonata de Beethoven. E ao som divino da musica, interpetrada [sic] com muito talento, a cega sorria embevecida. A velha fazia meias de malha, ao pé de um lampeão na saleta do piano.

A menina continuava a tocar... alegrando aquella casa onde ella era a primavera, a soberana senhora, a rainha...

Nessa noite o serão prolongou-se, a musica tem o poder magico de fazer o tempo voar.

A velha continuava a fazer meias quasi machinalmente, alheia a tudo que a cercava, com o pensamento preso á ideias desconstradas e exquisitas. Lembrava-se d’aquelle dia de horror, da morte da netinha, de sua afflicção e da mentira – a unica de sua vida – a piedosa mentira que tão beneficos resultados produzira! E suspirava sorrindo. Duas grossas lagrimas correram-lhe pelas faces pallidas, e o coração lhe dizia, intimamente: custa-me crer que esta menina que é a alma de minha filha e que portanto é a minha tambem, não seja a minha verdadeira neta! Sinto que a adoro com o mais entranhado affecto!

Quem sabe se foi um sonho o que se passou n'aquelle dia tremendo? Não... não... e o que tem isso? Mais do que os laços de sangue nos prendem os laços de gratidão! Como, pois, se explica isto? Esqueço-me de tudo... de todo o passado e tenho ás vezes a loucura de pensar, eu que sei da cruel verdade, que sei de tudo... de tudo... que esta menina é a filha de minha filha e que tem nas veias o sangue de meu sangue!

3.10 Bodas de Prata (Ano II, n. 29, 15 de junho de 1899, p. 110-113)

- Bemvindo sejas, compadre Anselmo! Há tanto tempo que não te vejo! E' obra de caridade visitar enfermos e encarcerados, não sabes?

- Então, que é isso? tambem os fortes pagam seu tributo! E' a primeira vez que te vejo de cama.

- E' o reumatismo, o maldito reumatismo. Impossibilitado de sahir á rua, até mesmo ao jardim, aqui estou, de molho, ha tres dias, que me parecem tres seculos!

Foi este o cumprimento dos dois velhos amigos e compadres Anselmo da Silveira e Julio Braga.

Um balsamo consolador foi esta visita para o pobre enfermo, aborrecido e cansado de aturar a cama. A conversa foi longa e animada. As janellas do quarto fechadas, a casa silenciosa. Em uma cadeira de balanço, no quarto do doente, sentára-se o compadre, a conversar sobre todas as cousas, com sua costumada alegria. Anselmo rejuvenecia ao prazer da encantadôra palestra do amigo. Já não sentia as dores tão fortes que tanto o atormentavam horas antes e a pouco e pouco, ia se animando ao benefico som d'aquellas palavras queridas.

- Não vaes á festa das Bodas de Prata do Dr. Braulio? perguntou o enfermo.

- Não sei, meu amigo, depende ainda de certas decisões. A proposito, conheces a historia da vida dosse [sic] Dr. Braulio?

- Não, qual é?

- Ora! já faz tanto tempo que o caso se passou, que até o proprio Dr. se esqueceu do que houve, pelo menos é o que eu penso. Logo que o Dr. Braulio se casou, houve muita gente maliciosa que não viu com bons olhos essa união, aparentemente feliz. Diziam uns que o casamento fôra feito por interesse; a moça tinha fortuna. Diziam outros que o despeito fôra a causa desse enlace. Viveram alguns annos assim, com apparencias de felicidade, até que um dia o marido começou, com bons fundamentos, a desconfiar da mulher. A principio a suspeita e depois a duvida assaltaram horrivelmente o espirito do medico. Elle, pretextando uma viagem urgente, ausentou-se de casa, promettendo voltar d'ahi a cinco dias.

- E voltou?

- Espera. Que soffreguidão!

Não se demorou o tempo que disse, voltou no mesmo dia. Seriam oito horas da noite, mais ou menos; o luar muito claro alumiaava perfeitamente o gabinete da casa do medico, onde elle

dava consultas. Esse gabinete era logo á entrada da porta da rua, ao lado esquerdo. Muitas estantes de livros, uma *chaise-longue*, a secretaria, alguns quadros de valor e uma mobilia de junco eram todos os moveis desse logar. Ao fundo do gabinete havia uma alcova, quasi que sem utilidade, por ser muito escura e sem ar; não tinha siquer uma janella nem sahida para outro commodo. O medico entrou de repente, sem fazer barulho. Não era esperado aquella hora. A mulher estava sentada no sofásinho, ao lado de um sujeito, conversando muito contente.

O luar batia em cheio sobre os dois vultos, distiguindo-os claramente. Mal perceberam a entrada do medico, houve um momento de verdadeira hesitação; o crime condemna, o sujeito quis fugir, não havia tempo. O medico desviou o olhar, de proposito, para dar tempo a qualquer resolução.

A mulher, atrapalhadissima, apontou ao sujeito a porta da alcova, único refugio n'aquelle perigoso instante, e, estendeu para o marido os braços infames que minutos autes [sic] abraçáram o seductor.

O sujeito entrou para a alcova e cerrou a porta.

Esta scena, alumuada apenas pelo luar, desvendou aos olhos do medico todo o horror de suas suspeitas.

- Quem está? perguntou elle, olhando para a porta e affectando calma.

- Ninguem, responde a mulher.

- Nesse quarto, replica o marido, não existe então, pessoa alguma?

- Ora, ora! já disse que não.

- Bom.

Sentou-se junto á esposa, que tremia como varas verdos [sic], e, contando-lhe os incidentes de sua viagem, parecia completamente despreoccupado do grande escandalo que presenciára.

Tocou o tympano. Veiu o creado.

- Vae chamar, com urgencia, o Chico carpinteiro e dize-lhe que traga as ferramentas, ordenou o medico, em tom decisivo.

A mulher extremeceu mas não disse uma palavras. Ambos aparentemente calmo, conversavam com tanta naturalidade que dir-se-hia nada haver de extraordinario n'aquelle recinto.

D'ahi a pouco veiu o carpinteiro que disse, satisfeito: prompto seu Doutor, ás suas ordens.

- Quero que tranques esta porta com toda a segurança.

- Para que? seu Doutor, a esta hora da noite, perguntou o carpinteiro, admirado.

- Faze o que te ordeno e não retruques.

D'ahi a meia hora estava a porta fechada e trancada completamente.

O medico, no seu intimo victorioso, pensava: prendi-o para sempre, desse carcere não sahirá mais.

Terminado o serviço foi o carpinteiro generosamente gratificado.

A mulher – vê, compadre, que bisca?! – continuou na mesma aparentando tranquillidade que ella, absolutamente, não podia ter. O medico nessa noite e nas outras subsequentes dormiu no gabinete de consultas, e o que é para admirar! dormiu com a tal mulhersinha a seu lado.

- Não era eu mais que me fiava nella, exclamou Anselmo!

- Pois é o que te digo, meu compadre, o freguez trancado n'aquella alcova, nem piava coitadinho.

De manhã o medico disse á mulher que almoçava ali mesmo. E ella lhe fez companhia ao almoço, devorando com appetite as saborosas iguarias da refeição e bebendo um bom calice de xerez. Todo o dia o medico esteve no consultorio, ora lendo, ora escrevendo, receitando, examinando doentes. A' tarde repetiu-se a mesma scena; o jantar foi servido ali mesmo. E para encurtar razões, oito dias se passaram sem que o Dr. Braulio abandonasse aquelle logar. No fim desse tempo, um cheiro insupportavel de podridão começou a infectar a casa toda.

- Que é? que será? Indagava o medico, como se aquelle cheiro nauseabundo não o certificasse da verdade interia.

A' tarde, elle e a esposa foram passeiar no Morro das Cruzes, logar poetico e um pouco afastado da cidade. Durante sua ausencia a alcova foi desinfectada e o cadaver do seductor sepultado. Para esse fim, o medico incumbiu dois camaradas de confiança, amigos certos e dedicados. Voltaram do passeio, elle sobraçando bonitas flores do matto, que ia encontrando pela estrada, ella com o lenço cheio de jóas maduros.

Durante o passeio, elle com meiguice inexcedivel ia explicando á mulher o nome, a serventia e a origem de algumas plantas exquisitas que encontravam ao acaso, e todo amoroso, mostrando profundo conhecimento de botanica, deslumbrava a esposa, assustada em extremo, com aquelle carinho immerecido.

Chegaram emfim. Em casa, nada de novo, apenas a porta da alcova aberta.

- E essa mulher nada fez quando viu consummado o seu crime?

- Qual o que! Compadre! Continuaram a viver perfeitamente, o medico ate hoje nada fez; estava vingado e satisfeito; a mulher tomou a lição, criou juizo e...

- E depois?

- Depois... Viveram muito felizes... e amanhã vão festejar suas Bodas de Prata.

.....
E os dois velhos compadres e amigos riram-se a mais não poder.

Nos olhares de ambos bailaram sorrisos maliciosos. Anselmo pediu uma colher do remedio, e com espanto viu, no relógio, ter deixado de tomar duas doses, entretido como estava, com a palestra do amigo.

3.11 Saudade Incuravel (Ano II, n. 31, 31 de agosto de 1899, p. 143-145)

Ao fundo de uma espessa alameda de bambús, escondida pelas arvores frondosas, estava a casa de Nhá Chica, a conhecida feiticeira.

Sombria e isolada no meio daquelle oceano de esmeralda e protegida do sol inclemente pelas mangueiras copadas, a casinha da feiticeira tinha um encanto particular. A estrada desegual e estreita que lá ia ter, estava abeirada por plantas rasteiras. No muro velho que havia a um lado da casa, subia uma trepadeira selvagem, cheia de viço e de esplendor, entrelaçando suas folhas côm de esperança á rubras begonias e formosas orchidéas de variegadas côes.

Via-se quando em quando um galho de arvore tombado por terra.

Era grande o silencio e as sombras do arvoredo projectavam no chão desenhos bizarros. Um riacho de crystallinas aguas corria suavemente pela collina. Passaros diversos cantavam alegres por sobre a ramagem verde da viçosa paysagem. E em todo aquelle formoso logar havia um ar de mysterio, de confidencias e de segredos!

Nhá Chica curava, diziam todos pela vizinhança, não só as dores physicas, como tambem as dores da alma.

Á sua porta vinham o rheumatico e o descrente, o cégo e o desiludido, o paralytico e o desconsolado, e a todos – as benzeduras, as tisanas e as rezas curavam, como por encanto. E a fama da feiticeira corria de bocca em bocca.

Entregue a dolorosos soffrimentos, a um continuo soluçar, vivia a inconsolavel Thereza, jovem viuva, de peregrina formosura. Nada havia que a consolasse! E á proporção que o tempo passava – isto até parece mentira! – mais augmentava a sua magua! Corriam os dias, os mezes e os annos e a pobre a chorar e a soffrer não encontrava consolo algum neste mundo.

A fama das milagrosas curas da feiticeira, correndo montanhas e valles, foi resoar aos ouvidos da pobre Theraza [sic].

- Consulta, diziam todas as amigas, consulta e Nhá Chica te dará um remedio para abrandar essa saudade dilacerante que te tortura dia e noite.

Um lampejo de luz acariciando a nuvem negra da superstição trouxe aos labios da infeliz um raio de esperança. E a viuva foi á casa da feiticeira. Contou seu enorme soffrer, disse-lhe que só encontrava lenitivo nas lagrimas profundas e terminou solicitando um remedio para aliviar o coração.

Nhá Chica ouviu atenta a dolorosa narração. Por fim, garantindo a cura da doente, deu-lhe uma garrafa de tisana que benzera préviamente e disse:

Este remedio é o elixir da saudade. Quem o bebe, esquece, como por encanto, todo o passado de afflições e dores. Basta uma dóse... e de nada mais te lembrarás, garanto.

la já Thereza, toda esperançosa, levar aos labios o precioso elixir, quando, subitamente, interrogou: Esquecendo o passado, está claro, que só esquecerei as dores e a enorme tristeza que me tortura, não é?

- Não. filha, meu elixir é extraordinario; bebendo-o, esquecerás o passado completameote [sic]. Que valem os breves momentos de alegria comparados ás longas horas de teu soffrer?

Houve um momento de hesitação. A viuva reconsiderou: também me hei de esquecer das horas felizes do meu amor? de seus beijos apaixonados? de suas frases tão meigas? de tudo?... de tudo? Não vale a pena! Terrível contingência!

E sem proferir uma palavra, deixando transparecer em seus lábios o sorriso desdenhoso dos incredulos, arremessou, com força, a garrafa de tisana de encontro às pedras da calçada.

Depois, como se acordasse de um sono profundo, n'um meio torpor de espirito, vendo o horizonte de sua vida para sempre ennegrecido, mais abatida ainda e menos resignada, disse com doloroso accento de voz: Duvido, feiticeira, que alguém sabendo do resultado deste elixir, tenha coragem para levá-lo aos lábios.

Adeus... nunca mais hei de voltar aqui, adeus, adeus.

3.12 Apologo (Ano II, n. 32, 15 de setembro de 1899, p. 149-151)

Um dia, no principio do mundo, quando ainda o Senhor se dignava presentear os miseros mortaes com valiosas dadivas, um jovem pastor apasentava o seu rebanho luzidio e, de subito, teve um encontro singular.

Um velho sympathico e mysterioso, de longas barbas brancas cahidas sobre o peito, de cajado a mão e de olhos da côr do céu passava sózinho pela encosta da montanha.

O pastor saudou-o respeitoso. O velho parou abstracto a olhar o firmamento. Havia em seu todo um quér que fosse de mystica poesia.

E assim esteve, sem proferir palavra durante algum tempo.

O pastor ia a seguir o seu caminho quando o velho lhe dirige a palavra: Jovem, disse elle, não me conheces, não sabes quem sou, donde vim e para onde vou. Não é preciso que saibas nunca o meu nome. Venho de Deus, sou emissario de seu incomparavel dominio. Atraz de ti ando eu ha muito tempo. Trogo-te [sic] um mimo celeste, presente que te faz o rei do Universo.

Mereces esta distincção, Deus assim o disse e assim o quer. Eu mesmo ignoro o teu proprio merecimento. Sei, no emtanto, que te pertence esta lanterna encantada. Eil-a... e retira de dentro de uma caixa de ebano uma bonita lanterna doirada e reluzente.

- Que bella, disse o pastor, que bella!

- Escuta, retorquiu o ancião, é inestimavel o valor desse objecto. Pudera! Deus não havia de mandar a seus eleitos, presentes de pouca monta!! Com o auxilio desta magica lanterna poderás ver todos os corações que quizeres e sondar os reconditos de todas as almas. Nenhum segredo te será vedado. Quando quizeres prescrutar [sic] um coração, recorre a esta lanterninha, vel-o-ás completamente. A vaidade, a pureza, a mentira, a bondade, a hypocrisia, o amor, tudo, meu jovem, tudo verás com clareza e verdade.

E dizendo estas palavras desapareceu subitamente.

Maravilhado com o magico presente o pastor, a sorrir, voltou á sua cabana, radiante de alegria. contou, encantado, aos paes e aos irmãos o encontro com o velho, o emissario de Deus.

- E' são José, é São José, acudiu a mãe do pastor, com os olhos cheios de lagrimas. Eu sei que o casto Esposo de Maria é o confidente e o predilecto de Deus.

- Quero ver a lanterna, meu filho abençoado, disse o velho pastor. E os irmãozinhos todos, contentes e curiosos, queriam admirar o precioso thesouro.

- A lanterna só funciona em tuas mãos? perguntou o irmão mais novo, desejoso de partilhar da preferencia divina.

- Naturalmente, afirmou a mãe. Se este presente é um premio, só a um deve convir.

Passaram-se os tempos.

O pastor deixou o lar paterno e foi correr mundo, ver terras novas e novos corações.

Visitou palacios e choupanas, habitações principescas e casebres, viu reis e vassallos, poderosos e humildes, sabios e ignorantes...

Foi aos conventos, aos lupanares, aos hospitaes e aos antros. Tratou com facinoras celebres e com pudicas donzellas; com carrascos inclementes e com piedosas irmãs de caridade.

Divagou por muito tempo e um dia, cansado de tanto peregrinar, voltou ao remançoso lar paterno. Vinha triste e desanimado, conhecia o mundo com todos os seus multiplos segredos. Havia sondado os corações que mais puros pareciam e nelles encontrado a perfidia, o disfarce, a maldade.

Muitas vezes no coração de uma creança viu brotando o espinho de um máu sentimento. Tanta gente que o mundo acata e que não vale nada! Tanto coração que se diz de ouro e que é de fel.

Ah! meu Deus! exclamava desesperado o jovem pastor, para que me déstes esta lanterna cruel.

Mais feliz seria eu se não conhecesse tanta miseria!

Vou quebrar esta lanterna, decididamente. Cuidarei do meu rebanho e de minha plantação.

Que vale conhecer alheios corações? Que vale? São todos máus, todos hypocritas.

Desilludido voltou o jovem pastor ás suas costumadas obrigações.

Um dia, quando menos esperava, encontrou no mesmo lugar, na encosta da montanha, o ancião, emissario de Deus.

- Meu velho, meu velho, vou te restituir a lanterna encantada, ella só me trouxe desillusões e tristezas. Não imaginas como hoje conheço e abomino o mundo.

No amago do coração que se dizia mais puro, eu applicava a magica lanterna e via a hypocrisia reinando poderosamente. Estou enfastiado, aborrecido...

Não quero mais sondar tanta miseria. Vou buscar lá em casa a lanterninha, espera-me aqui, meu bom velhinho. Volto já.

E partiu.

O ancião deixou-o dar alguns passos e depois chamando-o perguntou-lhe: Viste o coração de tua mãe?

- Não, meu amigo, não havia necessidade, sei que o della é puro e é bom.

Em todo caso, antes de me restituíres a lanterna, examina e prescruta [sic] o coração materno.

O velho cançou de esperar, o jovem pastor nunca mais voltava. Afinal veio vindo, sorrindo e alegre, sem a lanterna que fôra buscar, e de longe mesmo foi dizendo bem alto e convicto: E' um thesouro encantado o coração de minha mãe! não te dou mais a lanterna, quero vel-o todo o dia e a todo o instante. Vale a pena os dissabores todos que encontrei neste mundo de miserias...

Vale a pena sim...

Não te dou mais a lanterna. A grandeza do coração de minha mãe me fez esquecer toda a tristeza do passado.

O ancião, a sorrir, sabiamente respondeu: eu já esperava por isso, eu já esperava por isso...